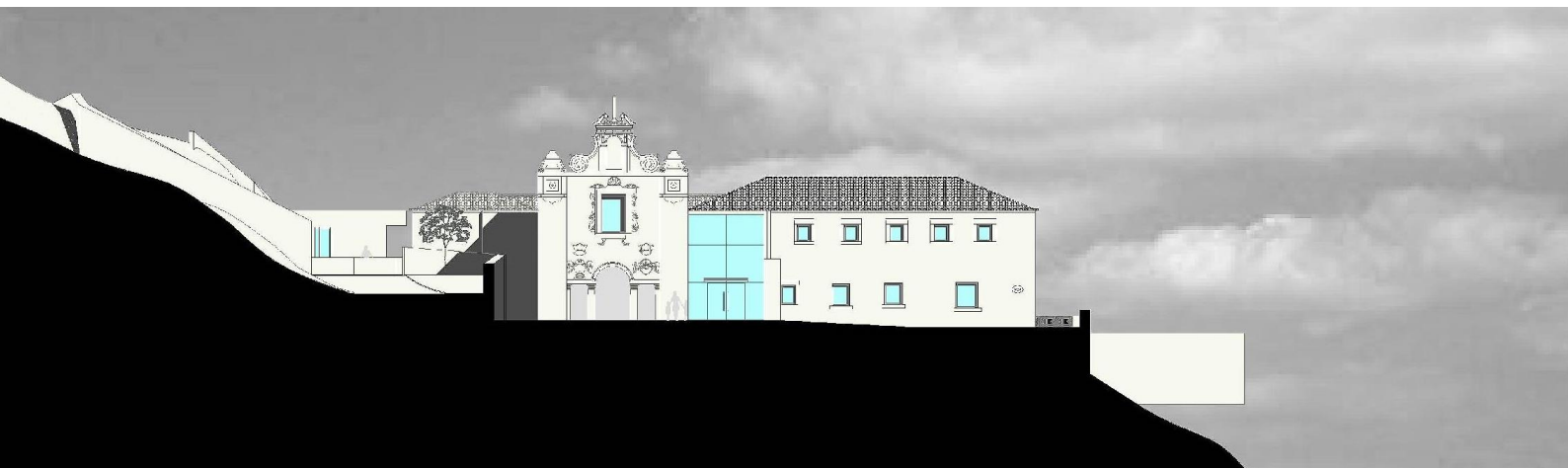




PROJECTAR COM O LUGAR

*Reabilitação do Convento dos Capuchos de Alferrara,
na Serra da Arrábida:*

Centro de Investigação e Divulgação da Serra da Arrábida



Gabi Parreira Gamito

(Licenciada)

Projeto para obtenção do Grau de Mestre em Arquitetura

Orientador Científico: Professor Doutor Amílcar Gil Pires

Júri:

Presidente: Doutor Nuno Filipe Santos de castro Montenegro

Vogais: Doutor Francisco José de Almeida Santos Agostinho

Doutor Amílcar Gil Pires

Lisboa, FAUL, Março, 2017

RESUMO

O documento do trabalho presente incide, não só na parte prática do projeto, como também na parte teórica. Aqui serão exploradas algumas questões inerentes à problemática da reabilitação e do tema *Projetar com o Lugar*, enunciando-se deste modo possíveis respostas a questões tais como: Perceber de que forma um espaço reabilitado pode ser tão digno como um espaço pensado de raiz; Que tipos de materialidades devem ser utilizadas na reabilitação de edifícios históricos; Como conjugar o novo edificado proposto com as preexistências, e como se estabelecem as relações entre o novo e o preexistente.

Relativamente aos edifícios Conventuais, mais concretamente no caso do *Convento dos Capuchos de Alferrara*, pretende-se demonstrar como a sua adaptação e conversão a novos usos se torna viável, digna, e em total harmonia com uma nova e contemporânea Arquitetura, que se propõe para a criação de novos espaços no Convento, recorrendo-se para isso a uma parte de documentação escrita justificativa, onde se abordarão temas teóricos relacionados com o tema em estudo: *Projetar com o lugar, O conceito de lugar, e a Fenomenologia*.

Na fase seguinte, relativamente à parte prática, será tratado o enquadramento, a análise sensível, espacial, e o contexto histórico.

Na última fase de projeto, serão justificadas as opções projetais tomadas, recorrendo se para isso à utilização de textos, esquiços, maquetas e desenhos rigorosos, que vão até ao nível do detalhe arquitetónico.

O projeto será também enquadrado, comparado e justificado com casos de estudo de referência similares ao do objeto de estudo em questão, quer a nível de função, características espaciais, arquitetónicas e de escala.

Palavras chave: Convento dos Capuchos de Alferrara, *Projetar com o Lugar*, Lugar, Fenomenologia, Reabilitação.

ABSTRACT

The present document focuses not only on the practical part of the project, but also on the theoretical part. Here will be explored some issues inherent to the problem of rehabilitation and the theme Designing with the Place, thus enunciating possible answers to questions such as: Realizing how a rehabilitated space can be as dignified as a space designed from scratch; which type of materiality should be used in the rehabilitation of historic buildings; how to conjugate the proposed new building with the preexistences or how to establish relations between the new and the pre-existing.

In the case of the Convents, more specifically in the case of the Capuchos Convent of Alferrara, it is intended to demonstrate how the adaptation and conversion to new uses becomes viable and dignified, and in total harmony with the new and contemporary Architecture, that has been proposed to the new spaces of the Convent, resorting to this part of written documentation justifying, addressing theoretical themes related to the theme Designing With place, the concept of place, and phenomenology.

In the next phase, regarding the practical part will be treated the framework, sensitive analysis, spatial and historical context.

In the last stage of the project, the project options will be justified, making use of texts, models, rigorous designs that go up to the level of the architectural detail.

The project will also be framed, compared and justified with reference to case studies similar to the object of study in question, either at the level of function, spatial, architectural and scale characteristics

Keywords: Convento dos Capuchos de Alferrara, Designing with the Place, Place, Phenomenology, Rehabilitation

AGRADECIMENTOS

A realização deste trabalho contou com importantes e indispensáveis apoios e incentivos, sem os quais poderia ter sido possível, mas não era a mesma coisa! Portanto:

Em primeiro lugar, e como não poderia deixar de ser, agradeço ao Professor Amílcar Pires, pela sua orientação, disponibilidade, transmissão de conhecimentos e pelas suas opiniões e críticas, tão importantes e indispensáveis para o enriquecimento da minha formação académica. Obrigado também por “nos” “dar” o tempo necessário para alcançar mos esta meta, sem no entanto nunca desistir dos seus alunos, muito pelo contrário! Sempre “nos” incentivou a “caminhar em frente”, em busca das nossas soluções e sonhos! Sem a sua orientação jamais teria chegado aqui! Um ENORME OBRIGADO!

As minhas colegas de curso Adriana e Ana, obrigado por a amizade, carinho, apoio, e partilha de “tempo de trabalhos”!

A minha “colega de tese” Mónica, obrigado por as nossas partilhas de dúvidas, incertezas, e incentivos mútuos, e por esta nova amizade que criamos ao longo do nosso trabalho!

Aos meus amigos, Cindy, Ana, Vanda, Rita, Cátia, obrigada por me apoiarem desde o início, por acreditarem e ouvirem, mesmo quando falava noites inteiras quando saíamos para “desanuviar”, e eu vos chateava com “as minhas conversas de arquitetura”! Muito obrigada por acreditarem, pelas palavras, incentivo, por tudo!

Á minha querida amiga Cátia Guerreiro, obrigada pela amizade de anos, obrigada por teres sempre aquela palavra amiga, carinhosa, por me conheceres tão bem que mesmo longe parece que sentes e adivinhas sempre quando mais preciso de ti, de te ouvir! Por esse teu riso que mesmo longe conforta-me sempre e faz-me rir e sorrir! Um infindável obrigado por tudo!

Ao meu amigo e padrinho Paulo, as minhas madrinhas e queridas amigas Carina e Cláudia, aos meus grandes amigos, Daniel e Rute, obrigada por estarem sempre ao meu lado, por acreditarem e apoiarem, desde que se conhecemos, mas em especial nestes últimos meses tão agitados! Obrigada pelas palavras Sábias de incentivo, coragem e conforto!

Há: e por as infindáveis conversas ao telemóvel!!!

Um enorme obrigada!!

Ao meu, companheiro de “viagem”, melhor amigo, e agora marido: obrigada por teres sempre “caminhado ao meu lado”, desde que se conhecemos, e em especial, nesta fase de elaboração da tese, onde tiveste que “aturar” os meus maus feitios, as minhas inseguranças, dúvidas e afins, agradeço-te do fundo do coração por todo o apoio que sempre me deste, e dás, por as palavras carinhosas, de incentivo, confiança, força e de coragem em todos os momentos! Por os pequenos-almoços na cama, quando estava tão cansada, por os jantares a lareira para me confortar, enfim.... Por tudo!

As minhas palavras são insuficientes para expressar a minha gratidão, amizade e amor!

Sem ti isto jamais seria possível!

Mais uma vez: Mil obrigados por acreditares SEMPRE em mim, por me incentives e apoiares, e nunca me deixares desistir! Sem ti este “sonho” não era possível!

À Minha Família, em especial aos meus Pais, ao meu Irmão, ao meu Avô, que muitas noites foi “meu companheiro” de trabalho, a contar me histórias do antigamente que eu tanto gostava de ouvi! Apesar de já não estar cá sei que está muito feliz por eu ter alcançado esta meta tão desejada.

Aos meus pais em especial um muito obrigado por todos os valores, ensinamentos e educação que me transmitiram, por todo o apoio, a todos os níveis que sempre me prestara durante esta “caminhada”, por acreditarem sempre em mim, por compreenderem e me terem dado o espaço e tempo que necessitava sem nunca exigir nada em troca.

Enfim, um enorme e especial obrigado por tudo, por serem os meus modelos de coragem, luta e conquista! Adoro-vos!

Como não poderia deixar de ser dedico este trabalho a vocês, (mamã, papá) e ao meu melhor amigo, e agora marido, Jairo, a vocês os 3 que desejaram que este sonho se torna realidade quase tanto como eu!

Um grande obrigado, espero algum dia vos poder retribuir e compensar por todo o apoio, carinho e dedicação que me ofereceram!

Resumindo! Deixo aqui um especial e carinhoso agradecimento, a todos, mesmo os que não enunciei aqui, mas que eles sabem quem são! Obrigada por acreditarem em mim, nas minhas capacidades, por serem amigos e estarem sempre presentes, mesmo que por vezes fisicamente não seja possível!

A todos vocês um enorme OBRIGADO!

ÍNDICE

| | |
|---------------------|-----|
| RESUMO..... | I |
| ABSTRACT..... | III |
| AGRADECIMENTOS..... | V |

ÍNDICE GERAL

ÍNDICE DE IMAGENS

| | |
|--|----|
| INTRODUÇÃO | 11 |
| ESTADO DA ARTE..... | 13 |
| 1. PROJETAR COM O LUGAR | 15 |
| 1.1. O Lugar..... | 15 |
| 1.1.1. O conceito de Lugar em Arquitetura | 15 |
| 1.1.2. O Lugar em Arquitetura | 17 |
| 1.2. Análise sensível do local..... | 19 |
| 1.2.1. A Fenomenologia | 19 |
| 1.2.2. O Método Fenomenológico na Análise do Lugar | 20 |
| 2. O OBJETO DE ESTUDO: O CONVENTO DOS CAPUCHOS DE ALFERRARA | 23 |
| 2.1. Enquadramento..... | 23 |
| 2.2.1. A cidade de Setúbal..... | 26 |
| 2.2.2. O “Lugar do Convento dos Capuchos de Alferrara” | 27 |
| 2.3.1. Análise fenomenológica..... | 29 |
| 2.3.2. Análise Morfológica, Geométrica e Espacial (Envolvente, Lugar) | 36 |
| 2.3.3. Análise Social, cultural e histórica..... | 41 |
| 2.3.4. Diferentes tipos de transformação, adaptação e utilização dos conventos na atualidade..... | 41 |
| 3. ANÁLISE DOS CASOS DE ESTUDO | 43 |
| 3.1. Projetos de requalificação de edifícios com as mesmas características de Lugar: | 43 |
| 3.1.1. Envolvente/paisagem semelhante: | 43 |
| 3.1.2. Mesmo Tipo Arquitetónico: | 46 |
| A Igreja do Menino Deus | 47 |
| 3.1.3. Projetos contemporâneos com o mesmo programa funcional ou semelhante ao programa a propor:..... | 48 |

| | |
|---|-----|
| 4. ESTRUTURAÇÃO FUNCIONAL E ESPACIAL | 55 |
| 4.1. Programa Funcional proposto | 55 |
| 4.1.1. Funções Propostas | 56 |
| 4.1.2. Organograma Espacial e Funcional | 57 |
| 5. DESENVOLVIMENTO DO PROJETO: | 59 |
| 5.1. Características do local | 60 |
| 5.3. Ideia Conceptual | 61 |
| 5.4. Apropriação espacial e usos diferenciados | 63 |
| 5.5. Formalização do Projeto/Conclusões | 69 |
| 6. BIBLIOGRAFIA | 71 |
| 7. WEB | 73 |
| 8. ANEXOS | 75 |
| I. Memória Descritiva e justificativa do Projeto de Reabilitação do Convento dos Capuchos de Alferrara | 75 |
| 1. Objeto | 75 |
| 2. Localização | 75 |
| 3. Contexto Histórico | 77 |
| 4. Situação atual | 77 |
| 5. O edifício do Convento dos Capuchos de Alferrara (pré-existências) | 77 |
| 6. Envolvente | 78 |
| 7. Programa Funcional e Espacial | 78 |
| 7.1. Funções e Espaços propostos | 79 |
| 7.1.2. Organograma Espacial e Funcional | 80 |
| 7.2. Áreas | 82 |
| 7.2.1. Áreas úteis | 82 |
| 7.2.2. Áreas de implantação e construção | 86 |
| 7.3. Estimativa de Custos | 86 |
| II. Esquços e levantamento fotográfico | 89 |
| III. Fotografias das maquetes | 97 |
| IV. Peças desenhadas apresentadas em painéis A0 e A1 reduzidos para A3 em várias escalas | 105 |
| Listagem de desenhos: | 105 |

ÍNDICE DE IMAGENS

| | |
|--|----|
| Figura 1: Localização do Convento no distrito de Setúbal | 23 |
| Figura 2: Mapa de Acessos ao Convento | 24 |
| Figura 3: Foto relativa à localização dos Conventos na Serra da Arrábida | 24 |
| Figura 4: Foto relativa aos percursos pedonais | 25 |
| Figura 5: Zona de chegada à área que antecede ao caminho pedonal de acesso ao Convento | 29 |
| Figura 6: Caminho pedonal em pedra de acesso ao Convento e caminho pedonal de terra batida de acesso ao Convento | 29 |
| Figura 7: Esquízo da zona da fachada principal..... | 30 |
| Figura 8: Zona de chega ao Convento/ Fachada principal..... | 31 |
| Figura 9: Foto do nicho e janela que compõem a fachada..... | 31 |
| Figura 10: Foto das dependências monacais, e claustro | 32 |
| Figura 12: Relação do Convento com a envolvente natural..... | 33 |
| Figura 11: Esquízo do Convento e relação com..... | 33 |
| Figura 13: Foto da vista Sudeste a partir da zona do Convento..... | 34 |
| Figura 14: Foto da casa de frescos e do poço existentes na “zona traseira do Convento” | 34 |
| Figura 15: Foto das vistas da cidade | 35 |
| Figura 16: posição e orientação no lugar | 36 |
| Figura 18: Foto da nave do corpo da igreja | 38 |
| Figura 19: Claustro | 39 |
| Figura 20: Foto de inserção e relação da Casa das Mudas com a envolvente | 43 |
| Figura 21: Foto de inserção e relação da Casa das Mudas com a envolvente, e materialidades | 44 |
| Figura 22: Planta do piso 0 | 44 |
| Figura 23 :Corte representativo da Casa das Mudas | 45 |
| Figura 24: Foto da fachada principal do Convento de São Francisco | 46 |
| Figura 25: Foto representativa de elementos Arquitetónicos do Convento de São Francisco ... | 46 |
| Figura 26: Foto da fachada principal da Igreja do menino Deus e Nicho presente na fachada, respetivamente..... | 47 |
| Figura 27: Foto da fachada principal da Casa do Cubo | 48 |
| Figura 28: Planta do Piso 0..... | 48 |
| Figura 29: Planta do Piso 1..... | 49 |

| | |
|---|----|
| Figura 30: Corte esquemático, e pormenor interior, respetivamente..... | 49 |
| Figura 31: Foto da Pousada de Viseu, e pormenor da Fachada | 50 |
| Figura 32: Foto do claustro e das paredes estruturais do edifício, respetivamente | 51 |
| Figura 33: Planta | 52 |
| Figura 34: Planta do piso 0 | 52 |
| Figura 35: Alçado principal e da relação que este estabelece com o exterior | 53 |
| Figura 36: Foto representativa da materialidade..... | 53 |
| Figura 37: Estudo da malha de inserção do Convento e da sua envolvente | 62 |
| Figura 38: Esquisso do corte transversal | 63 |
| Figura 39: Esquizzo ilustrativo do Convento e dos novos blocos propostos | 63 |
| Figura 40: Esquizzo ilustrativo dos novos volumes propostos | 64 |
| Figura 41: Esquizzo relativo ao bloco do restaurante | 64 |
| Figura 42: Esquizzo de estudo do “pátio central” | 65 |
| Figura 43: Esquizzo de estudo da fachada principal..... | 66 |
| Figura 44: Mapa de Acessos ao Convento | 75 |
| Figura 45: Foto relativa aos percursos pedonais | 76 |

INTRODUÇÃO

O objetivo da presente proposta para trabalho final de curso consiste no tema: Projetar com o Lugar / Intervenção no Convento dos Capuchos de Alferrara, localizado, na Serra da Arrábida, em Setúbal.

Com esta proposta de trabalho, pretende-se avaliar as implicações, oportunidades e condicionantes, no processo de reabilitação arquitetónica do Convento dos Capuchos de Alferrara, e a sua conjugação com os novos usos propostos. Neste sentido, estabeleceu-se como objetivo principal projetar a Reabilitação e Requalificação do Lugar do Convento dos Capuchos de Alferrara tendo em conta os seguintes pressupostos:

- Compreender o Lugar do Conventos dos Capuchos de Alferrara, bem como a sua envolvente através da sua análise;

- Analisar e avaliar a aptidão do Convento dos Capuchos de Alferrara, e a sua adaptabilidade ao programa a proposto;

- Reabilitar e Requalificar o Convento; proposta de ampliação do espaço do Convento de forma a cumprir o programa proposto, adaptando o Convento à nova e contemporânea valência;

- Adoção de um programa viável e sustentável que contrarie o abandono do Convento, que o dinamize e dignifique, de modo a retomar a importância histórica, cultural, e ambiental outrora perdidos.

ESTADO DA ARTE

O Mundo, a Europa, Portugal vivem num clima de instabilidade económico-financeiro, torna-se assim necessário investir na reabilitação, apostando em projetos de reabilitação, coesos e sustentáveis, com o objetivo de responder às necessidades reais e aspirações da população. É fundamental para o desenvolvimento do País criar condições que assegurem e garantam uma melhoria progressiva na qualidade de vida das pessoas, pois as repercussões dessas medidas serão de extrema importância, tanto para o seu crescimento social e cultural, como para o crescimento económico no futuro próximo.

Atualmente a reabilitação é um tema incontornável quer falemos de conservação e defesa do património, de desenvolvimento sustentável, de ordenamento do território ou de coesão social. O tema “*Projetar com o Lugar*”, associado à reabilitação é um conceito que se insere na nossa atualidade e obtém cada vez mais destaque e importância na Arquitetura contemporânea, conceito resultante do abandono, esquecimento e consequente degradação dos nossos monumentos, edifícios classificados, ou não, mas que apresentam qualidades e características históricas e arquitetónicas de grande valor e importância.

Depois da revolução industrial, das guerras e com a própria contemporaneidade, surgiram novos modos de vida que deram origem ao desuso dos edifícios notáveis, que outrora lhe foram atribuídas funções importantes, como é o caso dos Conventos, Quintas de recreio, Palácios, Mosteiros, entre outros. Estes acabaram por cair no esquecimento, desuso e abandono até aos dias de hoje, chegando mesmo à ruína total, perdendo-se assim grandes marcos históricos e arquitetónicos da nossa História, como exemplo os Conventos, um património construído outrora de grande importância social, locais de culto, de retiro, etc. Casos como por exemplo o do Convento dos Capuchos de Alferrára, possuem um enorme potencial e carácter. Edifícios “esquecidos”, dos quais é possível voltar a tirar partido, explorando, reabilitando, redescobrimo e adaptando as preexistências a novos usos.

A reabilitação e intervenção em lugares e edifícios históricos assumem assim um papel cada vez mais importante na nossa sociedade, não permitindo que se destruam marcos Históricos e Arquitetónicos, ao mesmo tempo que contribui para o desenvolvimento social, reabilitando o passado, devolvendo-o ao futuro.

1. PROJETAR COM O LUGAR

1.1. O Lugar

Para se perceber o significado de “Lugar”, em primeira instância é necessário descodificar a palavra enquanto conceito, visto ser um termo muito utilizado no quotidiano vulgar quando alguém pretende referir um local, um sítio, edifício ou paisagem, banalizando-se assim o conceito.

A variabilidade e imprecisão do conceito, desencadeou interesse a muitos teóricos, sendo que hoje é um tema que serve de base a vários estudos e teorias, nas mais variadas disciplinas, onde todas elas atribuem um significado particular, ao conceito de “Lugar”, no entanto todas elas acabam por qualificar o Lugar, como um espaço, sítio, de carácter social, físico, geométrico, geográfico, cultural, espiritual, etc... Em Arquitetura o conceito é usado quando se pretende classificar, dotar, um “Lugar” com as diferentes características de identidade que deste fazem parte, por exemplo no nosso quotidiano, a nossa casa, tem uma identidade própria, que nós reconhecemos e classificamos como a “*nossa*” casa, pois esta apresenta um conjunto de característica que a classificam como tal.

Desmitificar o Conceito de “Lugar”, para “*Projetar com o Lugar*”¹, torna-se assim indispensável para total entendimento do “Lugar”, para tal é necessário que se faça uma análise e apreensão das suas características físicas, do seu carácter, da sua envolvente e identidade, analisando o local, decompondo-o fisicamente existencialmente de forma a que haja um entendimento profundo do Lugar, sendo que enquanto disciplina de compreensão, apreensão e teorização do conceito de “Lugar”, o seu conhecimento torna-se assim indispensável e uma das mais importantes análises a fazer para “Projetar com o Lugar”

1.1.1. O Conceito de Lugar em Arquitetura

Para se entender o lugar de estudo, neste caso o Convento dos Capuchos Alferrara, torna-se necessário entender, em Arquitetura, o significado do conceito de “Lugar”. Para isso levantam-se questões tais como: quais são as características e normas que classificam um Lugar? O que é um “Lugar” em Arquitetura?

Em primeira instância é muito importante perceber o significado dos conceitos de “Sítio” e de “Lugar” em Arquitetura, aos quais, por norma, assume-se que têm o mesmo significado, o

¹ “Projetar com o Lugar” - Tema da Autoria do professor Amílcar Gil Pires para a unidade curricular de P.F.M. (do Mestrado Integrado em Arquitetura da Universidade de Lisboa)

que não é verdade. Em Arquitetura, enquanto disciplina, assume-se que um “Sítio”, é uma delimitação de um espaço, que se apresenta descaracterizado, abandonado, onde a presença humana e apropriação do espaço são inexistentes, já no caso do “Lugar” acontece exatamente o contrário: é um espaço, um sítio onde a presença humana e a apropriação do espaço é notória, é um sítio que o indivíduo se apropriou, caracterizou, e dotou das diversas formas, tendo em conta a finalidade do “Lugar”, sendo este sempre destinado ao usufruto do indivíduo.

“Segundo as definições e as origens das duas palavras, entende-se como relação entre os dois conceitos que o lugar é o espaço ocupado, ou seja, habitado, uma vez que uma de suas definições sugere sentido de povoado, região e país. O termo habitado, de habitar, neste contexto, acrescenta à ideia de espaço um novo elemento, o homem. O espaço ganha significado e valor em razão da simples presença do homem, seja para acomodá-lo fisicamente, como o seu lar, seja para servir como palco para as suas atividades.”²

O Homem e a sua necessidade e sentido de apropriação do espaço/sítio, agem como elemento fundamental e determinante para um sítio adquirir o significado de Lugar, pois é a presença e apropriação humana que lhe conferem significado. O homem adapta o sítio ao seu gosto pessoal, a sua cultura, vontades, usos e necessidades, que variam de indivíduo para indivíduo, por exemplo: a casa onde habitamos torna-se única, nossa, pois nós enquanto indivíduos atuamos no “espaço casa”, decorando-a, adaptando os espaços às nossas necessidades e gostos pessoais, dotando assim o espaço de carácter, de personalidade e características próprias, de acordo com o agente atuante, neste caso, o “nós” enquanto donos do espaço casa.

Sendo assim, podemos definir que em Arquitetura o “*Conceito de Lugar*” enquanto espaço é um sítio físico, que é aprendido sensorialmente pelo indivíduo, onde este atua como elemento determinante na classificação e dotação do lugar.

Noutra vertente de espaço, por assim dizer mais geograficamente e fisicamente, é o espaço e o que o compõe que permite que o homem se oriente, através do contacto com planos, volumetrias e configurações formais de espacialidade que dotam determinados espaços e os caracterizam. Outra característica inerente a cada lugar, e que se torna mais perceptível se permitirmos que os sentidos atuem, é o carácter de lugar, o seu *Genius loci*³ ou seja para além dos fatores mencionados anteriormente, todo o lugar tem o seu carácter, como cada pessoa tem a sua personalidade também cada lugar tem o seu carácter. Este carácter como já foi

² <http://www.vitruvius.com.br/revistas/read/arquitextos/08.087/225>

³*Genius loci* é um conceito romano, do latim, que significa Espírito do lugar. Segundo os gregos cada ser “independente” tinha o seu *genius*, o seu espírito-guardião, que dava vida às pessoas e aos lugares, os acompanhava desde o nascimento até a morte e determinava as suas características e essência. (*Paulys Realencyclopädie der Classischen Altertumswissenschaft*, s/d. Apud. NORBERG-SCHULZ, Christian. *Genius loci*. Op. cit.

mencionado define-se não só por elementos e características mais físicas, geográficas e visuais, mas também por fatores mais sensoriais como: cheiros, texturas, brisas, temperaturas, sombras, cores, luz, sons, etc., fatores estes controláveis ou não pelo ser humano. No entanto, estes apresentam-se inerentes ao sítio, como: cheiro, temperatura, ruídos ou ausência destes se estivermos num espaço exterior.

O homem consegue, deste modo, captar o carácter mais específico e caracterizador de um lugar deixando os sentidos absorverem todas as sensações que lhe são fornecidas pelo lugar, pois é através dos sentidos, e da experiência de lugar que conseguimos captar a essência mais pessoal de um lugar, fator que é quase impossível se não nos propusermos a experienciar, a vivenciar o sítio, como elemento que atua e que o experimenta.

1.1.2. O Lugar em Arquitetura

O lugar em Arquitetura entende-se como um espaço ocupado, habitado, dotado de características e elementos físicos, e fatores sensoriais, que o caracterizam enquanto lugar. Pressupõe-se, portanto, que o lugar é um espaço físico que permite ao homem habitar, permitindo que este interaja e atue com o espaço e as suas características, tirando partido destas, utilizando-as para dotar, dignificar e caracterizar o espaço de acordo com a sua função, seja esta habitar ou vivenciar um espaço de carácter público. No caso de um espaço público como o objeto de estudo: O Convento dos Capuchos de Alferrara, o homem surge como elemento fulcral do lugar, dotando-o, tirando partido das suas funções e usufruindo dele.

A Arquitetura tem como principal objetivo criar, construir, reabilitar e requalificar lugares, com a finalidade destes serem “habitados”, usados pelo homem, existem no entanto lugares onde não é necessariamente obrigatório existir elementos arquitetónicos físicos (edificado), que os classifiquem como lugar, e onde a presença humana se faz sentir, como exemplo disso temos os espaços naturais, a Serra da Arrábida por exemplo, é um lugar espaço, que o homem usufrui dele, e no enquanto não atuam a nível do edificado construído.

Quando elege um lugar para se fixar, o homem esta involuntariamente, a apropriar-se desse lugar, espaço, sendo que o elegeu para si, dotando-o de significados e valores, ou seja, esta a dinamiza-lo para que este se torne um lugar existencial físico. A dinamização do espaço físico acontece quando o homem reconhece o espaço escolhido, ou seja, quando toma conhecimento desse lugar, das características que o compõem, do seu Genius loci, e das características que foram apreendidas numa fase mais profunda de reconhecimento do lugar, após a apreensão do lugar o homem atua, caracterizando-o, dotando-o de significados e características de acordo com a finalidade e função que se pretende que o lugar adquira. O Homem aprende o espaço e tenta interagir e adaptar-se a este da forma que a sua percepção o indicou,

o homem após o reconhecimento do lugar integra-o, adapta-se a este a as suas características, sendo que o lugar acolhe o homem, direciona-o e “dá-lhe” as respostas que este necessita para qualificar o lugar.

As opções que se tomam após a fase de reconhecimento do lugar, são portanto, nos fornecidas pelo próprio lugar, o homem simplesmente age como elemento que reconhece, classifica e dota o espaço, tendo como base as informações que obteve deste, após o seu reconhecimento mais profundo e sensível, resultando as novas construções, no que se refere a elementos físicos enquanto caracterizadores de um lugar, como elementos arquitetónicos que completam dotam e revitalizam o espaço, estas surgem para acrescentar valor e significado ao lugar, facto que se sucedeu com o objeto de estudo, neste caso O Convento dos Capuchos de Alferrara, onde após o reconhecimento mais profundo e sensível do lugar se formulou um conjunto de intenções a aplicar no lugar, as “direções” a seguir surgiram muito naturalmente, após se compreender e entender o lugar não só na sua forma física, mas também como este existe no espaço que o compõe, estas foram como que “nos fornecidas” por o lugar, como se este falasse connosco e nos guiasse.

A Arquitetura que se obtém resulta por assim dizer, do lugar, e da forma como o homem enquanto dinamizador do espaço intuiu, decodificou e traduziu as pistas e direções que o lugar lhe forneceu.

O Convento dos Capuchos de Alferrara foi em tempos um lugar de culto e permanência. Na época o homem escolheu este lugar, a serra da Arrábida, para a sua implantação com base na sua essência e características de lugar, que pareciam as corretas para responder as necessidades que se pretendia para a implantação do convento. A topografia, as vistas, o clima, a relação com a envolvente, e toda a atmosfera que o lugar emana, reunia todas as características que na época se julgaram necessárias para ser o lugar de eleição de implantação de um edifício com características, e funções que eram exigidas para um edifício conventual, e que iriam tornar o lugar único, onde mesmo nos dias de hoje e em elevado estado de degradação, a sua excecional Arquitetura, inserção na paisagem e atmosfera são excecionais, quase que indescritíveis por palavras.

A apreensão do lugar, da envolvente, do espaço e a apropriação deste por parte do homem e do edificado tornou o sítio do Convento um lugar habitado, com características únicas, que só se encontram e percecionam neste lugar único.

Podemos então concluir que a função da Arquitetura é a criação de lugares com a finalidade de serem habitados e usufruídos pelo homem, no lugar do Convento a “criação do lugar” foi tão excecional, e bem-sucedida que o lugar torna-se incansável para os sentidos para o indivíduo, chamativo para a vontade de permanecer, e de viver o lugar, e toda a sua envolvente e beleza idílica.

1.2. Análise sensível do local

Para se “*Projetar com o Lugar*”, em primeira instância é necessário chegar até este, fazer uma apreensão das suas características físicas, do seu carácter, da sua envolvente, identidade, e do seu *Genius loci*; para tal é necessário analisar o local, decompô-lo fisicamente, existencialmente, de forma a analisar todas “as partes” que o compõem e fazem dele um todo.

Esta análise do lugar faz-se quer através de análises rigorosas e concretas como: a análise espacial, a análise geométrica e a análise morfológica, quer através de uma análise mais sensível e pessoal, que depende de vários fatores sensíveis como por exemplo: a experiência própria de cada indivíduo, a sensibilidade, a cultura, ou até os próprios sentidos.

1.2.1. A Fenomenologia

A Fenomenologia é uma área científica que se debruça sobre o estudo do modo como a nossa consciência absorve e apreende, de forma primária, direta, intuitiva e sensível, os fenómenos de uma situação ou circunstância à qual é exposta, aos fenómenos que nos rodeiam.

Esta área defende que a nossa consciência regressa, numa primeira fase como que a um pensamento, sentimento básico, imediato, primário e livre de quaisquer influências, senão as sensações mais imediatas, captadas pela nossa percepção, pelos nossos sentidos.

A Fenomenologia torna-se assim uma “ferramenta” fundamental para entender o significado sensível do lugar que estamos a analisar, esta ajuda-nos a captar a essência mais pura do lugar, ou seja, apoia-se nos fatores mais imediatos que caracterizaram e identificam o lugar, sem os quais se perderia o “*Genius loci*” do lugar, fatores estes como por exemplos os cheiros, as texturas, a orientação solar, os materiais, etc..

A Fenomenologia é um processo de estudo de fenómenos que apelam aos sentidos e a intuição. Qualquer que seja a análise, seja esta a um objeto ou a um lugar, esta será sempre pessoal, pois depende de vários fatores, que variam consoante o sujeito, e os fenómenos a analisar.

Quando se procede a uma análise Fenomenológica de um lugar, pressupõe-se que o indivíduo esteja o mais “vazio” e aberto possível, sem influências presentes, para que a sua aproximação e captação do lugar sejam o mais puras possíveis e livres de referências. Para tal, o indivíduo apela aos seus sentidos, sendo que a apreensão do lugar deverá ser livre de análise de juízos de valores, pois esta é sempre pessoal, válida, verdadeira e variada, dependendo de inúmeros fatores já mencionados.

A obtenção de informação do lugar através do uso dos sentidos, da percepção, pode remeter a memórias, sentimentos “imaginários”, que são sempre válidos, desde que a análise Fenomenológica seja pessoal, livre de juízos, e sem preconceitos, ou seja, se esta for feita de

uma forma muito pura e quase imediata sem se recorrer ao intelecto, e somente à percepção e aos sentidos mais básicos, a sua veracidade é sempre válida.

Em Arquitetura a análise fenomenológica prevê que se apreenda e descubra o lugar do construído, e as relações que este estabelece com a paisagem, com a envolvente e com o lugar por assim dizer. Esta primeira análise fornece ao indivíduo dados de carácter mais intuitivo do lugar, indispensáveis e extremamente importantes quando o objetivo é *Projetar com o Lugar*, pois o indivíduo apreende o que é essencial no, e para o lugar, o que é secundário e desnecessário até.

As opções projetais tomadas sobre o lugar em estudo, o Convento dos Capuchos de Alferrara, tiveram como base os dados aprendidos numa primeira fase de análise mais sensível do lugar, bem como em análises mais concretas e científicas, adiante descritas.

1.2.2. O Método Fenomenológico na Análise do Lugar

A Fenomenologia é um método de estudo que apela aos nossos sentidos, sentimentos e intuição, qualquer análise fenomenológica seja esta de um lugar, ou de um objeto é totalmente pessoal e vai depender da relação que o sujeito estabelece com os fenómenos que lhe são apresentados em análise.

A análise fenomenológica de um lugar promove que a experiência de análise deste seja em primeira instancia o mais livre possível de preconceitos, ou seja, a primeira interação do sujeito com o lugar deve ser o mais livre e pessoal possível. Neste processo o indivíduo enquanto “descobridor” do lugar, deve recorrer aos seus sentidos mais simples, e depurados de conceitos, de modo a obter-se assim a primeira e mais fidedigna informação sobre o “Lugar”.

Esta primeira análise mais sensível assume uma extrema importância quando se pretende projetar com o lugar, sendo que é ela que nos fornece as informações essenciais e mais sensíveis do lugar, o seu carácter, o seu “Genius loci”, o que o compõe, como por exemplo: as volumetrias, a luz, as temperaturas, as brisas, etc. Os fatores que nos são fornecidos nesta primeira percepção da essência do lugar, do construído e as relações que se estabelecem entre o edificado, a envolvente e o lugar, originam as primeiras opções projetais que se irão tomar, que assentam em informações que se captaram nesta fase de análise mais intuitiva e sensível do lugar, que posteriormente acompanhadas de análises mais científicas e concretas originam a proposta de trabalho.

No caso da reabilitação e sustentação do Convento dos Capuchos de Alferrara, a análise Fenomenológica foi a primeira e principal etapa para perceber o Convento e o “Lugar do Convento”. Foram necessárias várias visitas ao local, pois apenas os registos gráficos, fotográficos, e impressões recolhidas na primeira visita ao local, juntamente com a informação escrita obtidas na fase inicial do projeto revelaram-se insuficientes, uma vez que o “Lugar do Conven-

to” e a quantidade de informação a captar sobre este é infindável, não podendo ser compreendida e absorvida de uma só vez.

Em primeira instância salta-nos à vista o verde existente da paisagem que surge em redor do Convento como que a abraça-lo, percorrendo o edifício do Convento, na sua fachada posterior deparamos se com uma enorme clareira, novamente o verde, o som da água, a frescura desta e da vegetação envolvente. A Este deparamo-nos com uma vista magnífica sobre a cidade de Setúbal e a sua baía, onde predominam as cores do edificado, das coberturas destes, e no fim uma tela de azuis e verdes que se estende de frente ao nosso olhar.

Os Sentidos despertados nesta fase foram imensos, a informação obtida inesgotável, a experiencia fenomenológica tornou-se inexplicável, indispensável, intransmissível e única.

2. O OBJECTO DE ESTUDO: O CONVENTO DOS CAPUCHOS DE ALFERRARA

Neste ponto desenvolveu-se uma análise mais próxima e intensiva, ao Convento, a nível de entendimento do Lugar do Convento do Capuchos de Alferrara, recorrendo-se para tal a análises como: a análise fenomenológica, análises a nível geométrico, espacial e tipo de formas de concepção que o Convento apresenta, ou seja nesta fase analisou-se registos gráficos e escritos mais concretos e específicos, necessários e imprescindíveis, para um conhecimento mais rigoroso e concreto do objeto em estudo: O Convento dos Capuchos de Alferrara.

2.1. Enquadramento

O Convento dos Capuchos de Alferrara localiza-se na Cidade de Setúbal, em zona de parque natural: Serra da Arrábida, distrito de Setúbal.



Figura 1: Localização do Convento no distrito de Setúbal

A aproximação ao Convento não é difícil, uma vez que este encontra-se à margem da cidade, mas não tão longe quanto isso, sendo o acesso feito por uma estrada nacional. Demora meia dúzia de minutos desde o centro de Setúbal até ao Parque de Merendas de São Paulo que antecede o local do “*Convento dos Capuchos de Alferrara*”, (Fig. 2), e “*Convento de São*

24

Concluído o Caminho automóvel existem dois acessos, pedonais possíveis:

Através do Portão Principal de acesso aos dois Conventos (percurso 1), ou através da Quinta pedagógica da Associação AMRS (percurso 2), (Fig. 4).



Figura 4: Foto relativa aos percursos pedonais

Chegando-se ao final do caminho deparamo-nos com um portão (hoje emparedado), que marca a entrada de acesso ao “Lugar dos Conventos”, e ao “percurso 1”, sendo este o acesso público, por assim dizer, sendo que o “percurso 2”, é um acesso de carácter mais privado, destinado as pessoas que trabalham e vivem na quinta da associação, ou para visitas acompanhadas que se fazem a partir da quinta.

Crê-se que as razões que terão levado à escolha deste lugar para a implantação do Convento terão sido:

“A beleza do sítio, a amenidade dos ares, a abundância de água, a abundante vegetação, a fauna e flora paradisíacas e o esplendor de uma desafogada paisagem.”⁴

⁴ Vítor SERRÃO e José MECO, *Palmela histórico-artística: um inventário do património artístico concelhio*, Lisboa/Palmela, Edições Colibri/Câmara Municipal de Palmela, 2007, p. 277-304. Todas as citações seguintes são retiradas desta fonte que apresenta uma descrição detalhada dos Conventos tanto do ponto de vista histórico como do ponto de vista artístico.

Fatores que no conjunto do edificado, e envolvente natural, dotam hoje o Convento dos Capuchos de Alferrara, e o seu Lugar, único, de uma beleza, serenidade, e consonância com a natureza inigualáveis.

2.2.1. A cidade de Setúbal

A cidade de Setúbal tem vindo a crescer a nível turístico, qualidade de vida e urbanidade. Nos últimos anos foram reabilitados e requalificados alguns dos espaços públicos da cidade, acessos, e alguns dos edifícios históricos, e marcantes da cidade, iniciando-se por assim dizer, uma nova fase a nível Arquitetónico e urbano na cidade.

A nível de reabilitações em edifícios históricos da cidade, temos como exemplos notáveis O Convento de Jesus, O Fórum Luísa Todi, A Casa da Cultura, O Quartel dos onze, entre outros. A nível urbanístico, várias intervenções foram levadas a cabo na zona da Avenida Luísa Todi, na frente ribeirinha do parque urbano de Albarquel, ao abrigo do programa Polis. Com a finalidade de criar e requalificar espaços públicos de qualidade, para quem habita, e para quem visita a cidade.

No entanto, ainda se verifica a falta de inúmeros espaços públicos destinados à cultura, à investigação, à divulgação, sendo por isso de extrema importância a criação de novos espaços como: polos de investigação e aprendizagem, zonas de lazer, ao simplesmente zonas de estar qualificadas, destinadas ao uso público.

Com o projeto proposto pretende-se não só reabilitar e manter o Convento dos Capuchos de Alferrara, mas também devolve-lo à sociedade, à cidade, integrando-o nesta, e nas suas vivências, tornando-o um pólo atrativo, quer para trabalho, quer para lazer. O edifício do Convento dos Capuchos de Alferrara, outrora de importância relevante para a cidade, mas que nos dias de hoje se encontra em avançado estado de ruína.

A sua degradação começou com a extinção das ordens religiosas, em 1834, data que marca também, o abandono do Convento por parte da comunidade de frades que habitavam o espaço. Com o desuso e esquecimento o edifício caiu em abandono, degradando-se assim todo o edificado, e “Lugar do Convento”, que com o decorrer dos tempos, foi como que “engolido” pela vegetação envolvente.

Com o programa proposto pretende-se recuperar, inovar e promover o edifício, a Serra da Arrábida, e a cidade de Setúbal.

Como já foi referido, Setúbal conta com muito poucos espaços culturais, de investigação e divulgação, e sendo a Serra da Arrábida de extrema importância para Setúbal e para o país, referência indissociável da cidade, património natural, e não existindo de momento nenhum espaço ou local, exclusivamente dedicado à divulgação e investigação, da fauna, da flora, e da geologia, da Serra da Arrábida torna-se assim pertinente, e de extrema importância o

projeto e programa proposto: “Projetar com o Lugar: Centro de Investigação e Divulgação da Serra da Arrábida.”

2.2.2. O “Lugar do Convento dos Capuchos de Alferrara”

A aproximação ao “Lugar do Convento dos Capuchos de Alferrara”, inicia-se no portão que limita, e “sinaliza” a entrada de acesso ao convento. Através deste inicia-se uma viagem, não só até ao Convento, mas uma viagem onde o indivíduo ao longo do percurso, se vai integrando com a envolvente, com o espaço natural, com a paisagem, com das diferentes vistas que o caminho vai proporcionando, bem como com a fauna e flora do local. A caminhada tem início através de um íngreme caminho serpenteado de pedra, este apresenta-se estreito, para circular 2 viaturas ao mesmo tempo, (não sendo por isso aconselhável), mas desafogado de espaço para peões, na proposta pretende-se que o caminho seja percorrido preferencialmente a pé, abrindo-se exceções, a pessoas com mobilidade reduzida, trabalhadores, cargas e descargas, etc., continuando o percurso, sempre a subir, obtêm-se vistas e sensações magníficas, chega-se a uma bifurcação que dá acesso, à esquerda, para o Convento de São Paulo e, a direita para o Convento dos Capuchos de Alferrara, seguindo-se por a direita, e em direção ao lugar em estudo, o caminho torna-se um pouco custoso até, de tão íngreme, no decorrer deste troço continuamos a ser invadidos por novas vistas, novas paisagens de fundo, novas sensações, findo o caminho chegamos finalmente ao dito “Lugar do Convento dos Capuchos de Alferrara”.

Na chegada ao local deparamo-nos com uma imagem quase que indescritível, de tamanha beleza e cenário idílico: de frente ao nosso olhar apresenta-se a fachada principal do Convento, envolta em árvores de grande porte. A cor clara da fachada mistura-se com o verde das árvores, os tons terra e azuis pontuando a imagem, todos os elementos, vegetais, edificado e terreno, em total e perfeita sintonia.

O Lugar de implantação do Convento é de uma beleza inigualável, este encontra-se implantado numa enorme clareira, onde se vê a montanha a circundar grande parte do Convento, e a sua vegetação como que a abraça-lo, e a protege-lo. O chilrear dos pássaros, o ouvir água a passar, todos estes elementos, fazem-nos entrar em consonância com a envolvente que nos rodeia, quando se esta no “Lugar do Convento dos Capuchos de Alferrara.”

Da clareira onde se situa o Convento as vistas são variadas, todas elas belas, indescritíveis e únicas, onde todos os cenários que nos são apresentados, nos projetam para outra dimensão, e nos transmitem paz, serenidade. Como já foi referido antes, toda a experiência desde que se inicia o caminho de acesso ao Convento, é como se iniciássemos uma viagem á na-

tureza, até chegar ao edifício. A sensação de bem-estar, de envolvimento com o Lugar em si (envolvente e Convento), é como se nós próprios fizéssemos parte do Lugar.

Todo o “Lugar” do Convento, entra em sintonia com o indivíduo, integrando-o na sua composição, fazendo com que este se sinta parte integrante “do espaço do Convento”, o que torna toda a experiência que se tem do Lugar muito agradável, sensível, imediata, única e inesquecível.

2.3. Análise do Lugar

2.3.1. Análise fenomenológica

Para chegar ao Convento é necessário, primeiramente, percorrer um caminho automóvel secundário para deixar a zona central de Setúbal. Conforme percorremos essa estrada a sensação de afastamento da cidade torna-se cada vez maior. Findo o percurso, chega-se a uma zona plana, que dá acesso ao caminho pedonal do Convento.

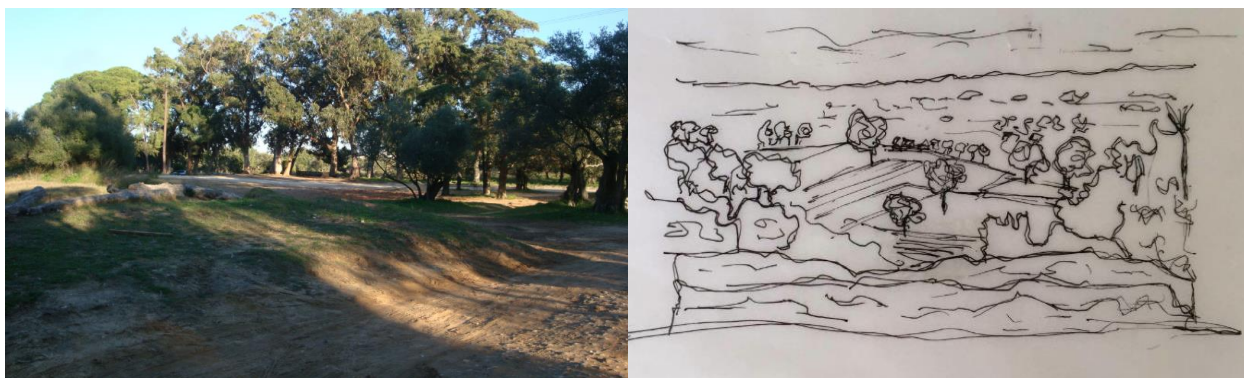


Figura 5: Zona de chegada à área que antecede ao caminho pedonal de acesso ao Convento

Chegando a esta zona somos intuitivamente encaminhados para o portão de entrada que limita o espaço dos Conventos, e guiados para o caminho pedonal de acesso ao Convento dos Capuchos de Alferrara. O percurso pedonal inicia-se através de um caminho cujo “pavimento” que o cobre é feito em pedra, sendo que a meio este passa a terra batida e veredas. O percurso apresenta-se íngreme e em ziguezague, suportado por muros de alvenaria contrafortados e rodeado de vegetação.



Figura 6: Caminho pedonal em pedra de acesso ao Convento e caminho pedonal de terra batida de acesso ao Convento

Conforme vamos “subindo”, curva, contracurva, a sensação obtida é novamente a de nos afastarmos cada vez mais da cidade, e estarmos a embarcar numa viagem em direção a outra realidade. A paisagem muda completamente, somos invadidos pela grandeza da serra e a sua envolvente natural, a sensação é de desafogo, liberdade, serenidade e imensidão, a sensação de penetração na serra vai sendo cada vez maior, o mistério e curiosidade invadem-nos cada vez mais. Concluído o percurso, os nossos sentidos despertam para uma sensação de espanto perante tamanha beleza idílica, aquando do momento de chegada a zona do adro que dá aceso ao Convento, onde nos deparamos com a fachada principal envolta em árvores de grande porte, tal cenário torna o momento magico, único, belo.



Figura 7: Esquício da zona da fachada principal

A fachada principal sugere-nos um edificio de medianas proporções, em estado de degradação, mas que apesar do seu estado assume uma forte presença e imponência lugar. O lugar e o Convento estão em total harmonia, assumindo o papel principal perante o nosso olhar, onde no meio de todas estas cores destaca-se o Convento, de cor clara.



Figura 8: Zona de chega ao Convento/ Fachada principal

A fachada principal do Convento é composta por um frontão decorado com estuques moldados ainda em bom estado, neste destaca-se a janela central, envolta por uma moldura de estuque de alto-relevo, o nicho composto por elementos característicos da arquitetura Barroca inicial, e o Nártex, que apresenta uma entrada tripartida.



Figura 9: Foto do nicho e janela que compõem a fachada

Adjacente ao corpo da igreja situam-se as dependências conventuais, que se encontram em estado de ruína, e a sua cobertura, outrora em telha de barro, é hoje inexistente, sendo esta a zona mais desprotegida do Convento.



Figura 10: Foto das dependências monacais, e claustro

Após o primeiro e imediato reconhecimento do local e do edificado, é de destacar a forte presença da Serra, e da vegetação envolvente, esta surge como que a abraçar, proteger o edificado, conferindo-lhe uma beleza e cenário bucólico. O Lugar do Convento apresenta-se circundado por elementos naturais, a topografia, a vegetação e o azul da imensidão do céu que o rodeia.

A paleta de verdes, azuis e tons terra que nos são fornecidas é interminável.



Figura 11: Esquício do Convento e relação com

Concluída a contemplação e reconhecimento da zona do adro, somos levados involuntariamente a querer descobrir, perceber e analisar todo o conjunto edificado, a necessidade de reconhecimento interior e exterior torna-se num desejo de querer saber mais, descobrir os espaços os elementos que o compõe, as vistas e relações.



Figura 12: Relação do Convento com a envolvente natural

Na “zona das traseiras” do edificado somos surpreendidos por uma enorme clareira, com vistas para a cidade, a Baía e Tróia.



Figura 13: Foto da vista Sudeste a partir da zona do Convento

Nesta zona existe uma casa de fresco e um poço, também em estado de degradação.

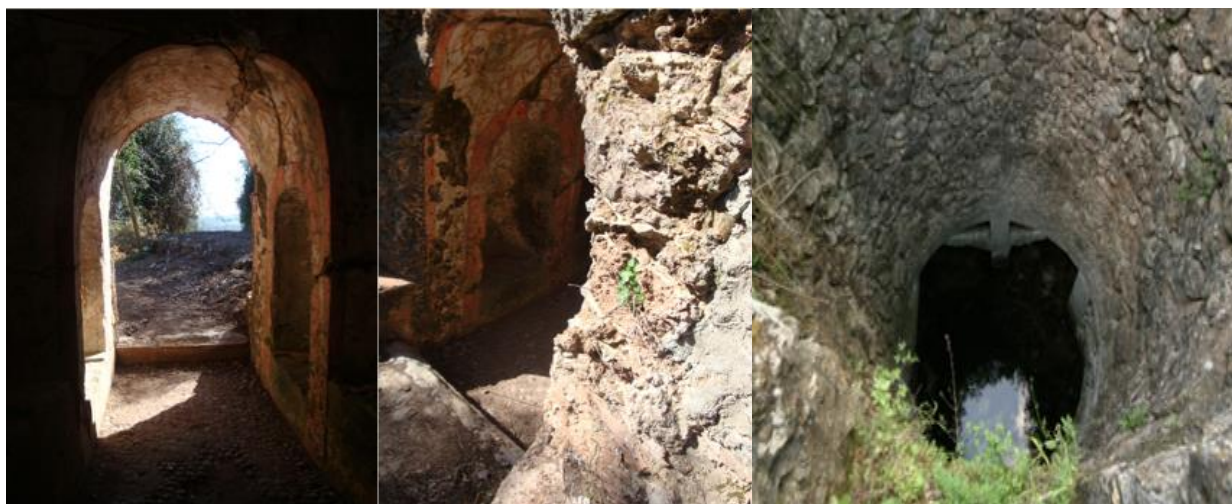


Figura 14: Foto da casa de frescos e do poço existentes na “zona traseira do Convento”

A sensação que temos ao vislumbrar a cidade ao longe, é de paz, serenidade, mas, no entanto, conseguimos como que “sentir” parte dela, mas como se estivéssemos numa outra dimensão, num cenário mágico, calmo, onde a cidade é só uma imagem que compõe o espaço, que nos faz lembrar que estamos perto, mas ao mesmo tempo tão longe.



Figura 15: Foto das vistas da cidade

A experiência da análise fenomenológica, para além de indispensável e de extrema importância, revelou-se uma experiência única, inexplicável, enriquecedora, onde todos os sentidos foram despertados e nos levaram a descobrir sensações únicas e fundamentais para o reconhecimento e compreensão do lugar do Convento, onde a vontade de ficar e de voltar perderam-se.

2.3.2. Análise Morfológica, Geométrica e Espacial (Envolvente, Lugar)

A nível de desenho arquitetónico o Convento dos Capuchos de Alferrara é composto por dois volumes com forma, altura, dimensões, e usos diferentes: o corpo da igreja, de forma retangular, e as dependências monacais, (Fig.16).



Figura 16: posição e orientação no lugar

No corpo da igreja dividindo-se por assim dizer a planta em várias partes: podemos destacar a frontaria principal virada a Sudoeste de elevado interesse artístico, (Fig.17), é um dos exemplares mais interessantes da aplicação de estuques moldados em exteriores existente em Portugal, onde só se encontram exemplos similares em casos muito raros e em monumentos situados nos antigos territórios portugueses da Índia. A frontaria principal corria um elevado risco de desabamento, sendo que se procedeu a sua sustentação, utilizando uma estrutura em madeira, para evitar que esta desabasse.



17: Foto da fachada principal do Convento

Em termos de planta, o vão central apresenta um arco de volta inteira composto por pedras rusticadas, rematado as suas laterais por remates retos, apoiados em duas colunas, ao centro, e em duas meias-colunas, nas extremidades.

A seguir à zona do nártex, (Fig.18), a igreja é composta por apenas uma nave alongada, vazia, coberta por uma abóbada de berço de alvenaria estucada, compartimentada por arcos torais que assentam numa cornija maneirista simples.



Figura 18: Foto da nave do corpo da igreja

O arco triunfal sustem os pilares de cantaria até meia altura sendo o resto da estrutura em tijolo, ao fundo da nave encontra-se a capela-mor, quadrada de forma quadrangular.

Adjacente à capela-mor, e virado a nascente, localiza-se o que se pensa que terá sido o recinto da sacristia, de forma retangular, coberto por uma abóbada de berço abatida, iluminada por duas janelas.

Agregado ao corpo da igreja, na direção sul, localizam-se as dependências Monacais, onde no piso térreo se situa o edifício conventual, composto por muros grossos e por abóbadas de berço compostas, que exibem uma robusta construção em alvenaria.



Figura 19: Claustro

Neste mesmo piso, no centro do edifício conventual situa-se o claustro, que é composto por aberturas de forma retangular, rematadas por um lintel de pedra reto apoiado nos ábacos de quatro pilares de secção quadrada, nos cantos, e de duas colunas, muito toscas, em cada face. O piso superior é composto por janelas, de pequenas dimensões, que dão para o claustro. As galerias á volta do claustro apresentam uma cobertura de abóbora de berço, ou de canhão, onde nas extremidades, formam cruzamentos de aresta. Esta zona encontra-se desprovida de pavimento, ao algum vestígio deste. Junto ao claustro situa-se uma dependência relativamente vasta, que se julga que terá sido a sala do Capítulo.

No piso superior localizavam-se os dormitórios e as celas, compartimentos que tinham ligação com o coro alto da igreja. Neste piso paredes apresentam uma estrutura mais ligeira, que suportavam as coberturas de madeira, de momento inexistentes, bem como o telhado, sendo assim esta zona do convento a mais fragilizada, encontrando-se totalmente exposta às variações temporais e tudo o que advém destas.

Nas zonas Sudeste e Noroeste as paredes laterais que compõem o Convento, apresentam uma composição Arquitetónica simples, de forma retangular, com vãos de diferentes tamanhos, e praticamente sem nenhum alinhamento, facto que se crê ter acontecido devido aos diferentes espaços do convento não terem sido construídos ao mesmo tempo. Estes foram sendo construídos conforme as necessidades, e as verbas que iam sendo disponibilizadas na altura, facto que se comprova após investigação dos poucos elementos escritos, existentes sobre a história e evolução do Convento.

A nível de relações espaciais e de envolvente, o edifício do Convento estabelece uma ligação muito forte e próxima com a sua envolvente mais próxima, e até com a envolvente mais distante. Com os “elementos” e características da sua envolvente mais próxima, a sua ligação é enorme, a natureza entra em simbiose de tal forma com o Convento, que é como se este fosse parte integrante da paisagem, esta abraça o Convento, dispõe-se à sua volta, como que a compor a sua arquitetura. Apesar da vegetação ser um dos elementos principais que compõem o Lugar do Convento, esta não o ofusca, muito pelo contrario, faz sobressair o edificado de cor clara no “meio de tanto verde”.

A fachada principal está orientada para Sudoeste, de frente para um grande Adro natural, pontuado por elementos verticais (árvores de grande porte), sendo que o único caminho de acesso ao Convento, coincide também com a zona do Adro, tornando-se assim este um espaço de extrema importância para o Convento (ponto de chegada ao Convento).

A Sudeste, apesar desta não ser a fachada principal, a relação que se estabelece com a cidade e a vista panorâmica sobre a cidade, a baía e Tróia é enorme, até ao ponto em que o olhar deixa de conseguir distinguir as imagens, estas são infinitas: a cidade que apresenta uma variada paleta de cores, dos edifícios, das coberturas, dos carros, etc., quase que parece que mesmo tão distantes se conseguem cheirar, sentir, experienciar a cidade, no limite da cidade e como se fosse um pano de fundo desta, o nosso olhar deslumbra-se com a baía, Troia, e parte da Serra da Arrábida, outra vez podemos denotar a simbiose entre a cidade e os verde e azuis, que mais uma vez não tiram o protagonismo visual da cidade, mas atuam como elemento que compõe e faz parte integrante desta, caracterizando-a.

As relações que o Convento estabelece com a envolvente são muito fortes, porém muito suaves, no modo como interagem, o Convento e a envolvente diluem-se, coexistindo em total ordem e harmonia.

2.3.3. Análise Social, cultural e histórica

O Convento dos Capuchos de Alferrara data do ano de 1578. Inicialmente foi construída uma pequena igreja, composta por um coro ao lado da capela-mor. As dependências monacais, com vários compartimentos em volta do claustro, o refeitório, e, no piso superior, construíram-se inicialmente apenas três celas. Em 1600 o Convento foi alvo de novas obras de ampliação e reedificação, facto que se deveu a comunidade de frades que habitava o Convento ter aumentado, fator que levou a necessidade de ampliação do Convento, passando este a “lugar de culto e permanência”, tornando-se um retiro para os frades que lá habitavam. No entanto, devido à falta de verbas a obra só terminou em 1639. As novas obras contemplaram a construção do nártex coberto, sobre o qual se situava o coro alto da igreja, ampliação das acomodações dos frades, e expansão do corpo que se situa a oeste, o refeitório.

O período de abandono e decadência do Convento começou no séc. XIX, com a invasão e instalação das tropas francesas no Convento e no seu espaço envolvente, facto que conduziu ao abandono do Convento por parte dos Religiosos que lá habitavam, seguidamente a este período apenas habitavam o convento um ou dois Religiosos, que ajudavam na manutenção do Convento. Em 1834 deu-se a extinção das ordens religiosas, os poucos Religiosos que lá habitavam foram obrigados a abandonar o Convento, em 1937 este é vendido em asta pública, no entanto este acontecimento não impediu o seu abandono, vandalismo e saque que se prolongou até a atualidade.

2.3.4. Diferentes tipos de transformação, adaptação e utilização dos conventos na atualidade

Até ao início do séc. XIX, os edifícios conventuais, eram exclusivamente utilizados para a prática religiosa, no entanto com a extinção das ordens religiosas em 1834, novos usos foram dados aos edifícios religiosos, sendo este ocupados e adaptados a novos usos, onde se localizam hoje hospitais, colégios, universidades, bibliotecas, museus, pousadas, lares de Terceira idade, como podemos verificar nos exemplos a seguir.

1.Tipo de utilização:. Hospitalar

a) O Hospital de Santa Marta, em Lisboa, fundado no séc. XVI, começou a funcionar como hospital em 1890, pelo que passou a ter a designação de Hospício dos Clérigos Pobres.

Entra no século XXI como um dos principais centros de referência a nível do diagnóstico e tratamentos das doenças cardiovasculares a nível nacional.

2.Tipo de utilização: Pousada

a) A Pousada de São Francisco, em Beja, ocupa as instalações do antigo Convento de São Francisco, que data do séc. XIII. Integra o misticismo que envolve um convento e as necessidades de conforto e bem-estar dos nossos dias.

b) A Pousada dos Lóios, em Évora, ocupa o antigo Mosteiro de São João Evangelista (ou dos Lóios), fundado no séc. XV. Em 1965 surge reabilitado como uma das Pousadas Históricas de Portugal.

3.Tipo de utilização: Pólo cultural

a) A Igreja e Convento de São Bento da Vitória, no Porto, são uma obra maneirista bem portuguesa e bem Portuense. Trata-se de um Monumento Nacional Classificado com diversas utilizações. Alberga o Arquivo Distrital, sendo um importante polo cultural da cidade do Porto, e na sua Igreja mantém-se a prática religiosa.

b) O Convento do Beato foi mandado construir na segunda metade do séc. XV pelo rei D. Afonso V e ficou conhecido, até finais do séc. XVI, como Convento de São Bento de Enxobregas.

O Convento quinhentista foi profanado, no ano de 1834 com a extinção das ordens religiosas e foi devastado em 1840 por um violento incêndio. Atualmente, apenas subsistem algumas estruturas desse tempo. Tendo sido utilizado como fábrica de moagem de cereais e como armazém de vinhos. Nos últimos anos o espaço conventual começou a ser utilizado para a organização de eventos de índole cultural e social.

4.Tipo de utilização: Galeria de exposições / Museu

c) O Museu Nacional do Azulejo, em Lisboa, está situado no antigo Convento da Madre de Deus, fundado em 1509. O edifício possui notáveis espaços arquitetónicos e a sua coleção varre um período entre o séc. XV e início do séc. XIX.

3. ANÁLISE DOS CASOS DE ESTUDO

3.1. Projetos de requalificação de edifícios com as mesmas características de Lugar:

3.1.1. Envolvente/paisagem semelhante:

Centro de Artes e Congressos – Casa Das Mudas

Cidade do Funchal, concelho da Calheta, Madeira

Arquiteto: Paulo David

O centro das Artes – Casa das Mudas, é um edifício que integra a arquitetura na paisagem em que se insere, de uma forma excelente, este surge na linha de fecho de um monte que acaba abruptamente no mar. Localiza-se na Calheta, um concelho de grande extensão que se situa na frente marítima oeste da Madeira. O projeto foi por assim dizer, uma expansão da casa da Cultura da Calheta, que já existia no local.

O Conceito do projeto tinha como ideia a criação de redesenhar uma “massa montanhosa”, onde o edifício aparecesse como se da paisagem existente fizesse parte.



Figura 20: Foto de inserção e relação da Casa das Mudas com a envolvente

O edifício foi concebido de forma a obter-se um ambiente sóbrio e aprazível para quem o visita, e de forma a proporcionar pontos de vista e ligação do interior com exterior, onde se consegue obter vistas sobre o mar e as encostas que circundam o edificado. Com fins a garantir a melhor funcionalidade possível dos espaços, e a melhor adaptação do edificado com a sua envolvente natural, e de forma a promover a continuidade visual, e a aproximação à natureza. o material escolhido para a sua construção foi o basalto, material local, e existente em grande

abundância, a sua cor e textura intensificam o enquadramento do edificado na paisagem e no território em que este se insere.



Figura 21: Foto de inserção e relação da Casa das Mudas com a envolvente, e materialidades

A nível programático, houve uma premeditada distribuição das funções por vários blocos do edifício, permitindo assim uma gestão autónoma de cada modulo do complexo, o que origina também diferentes percursos ao longo de todo o complexo. O Centro de Artes é composto por área para exposições, auditório, biblioteca, loja, cafetaria, restaurante e uma ampla zona de animação cultural para ateliês e oficinas artísticas, e um parque de estacionamento subterrâneo.

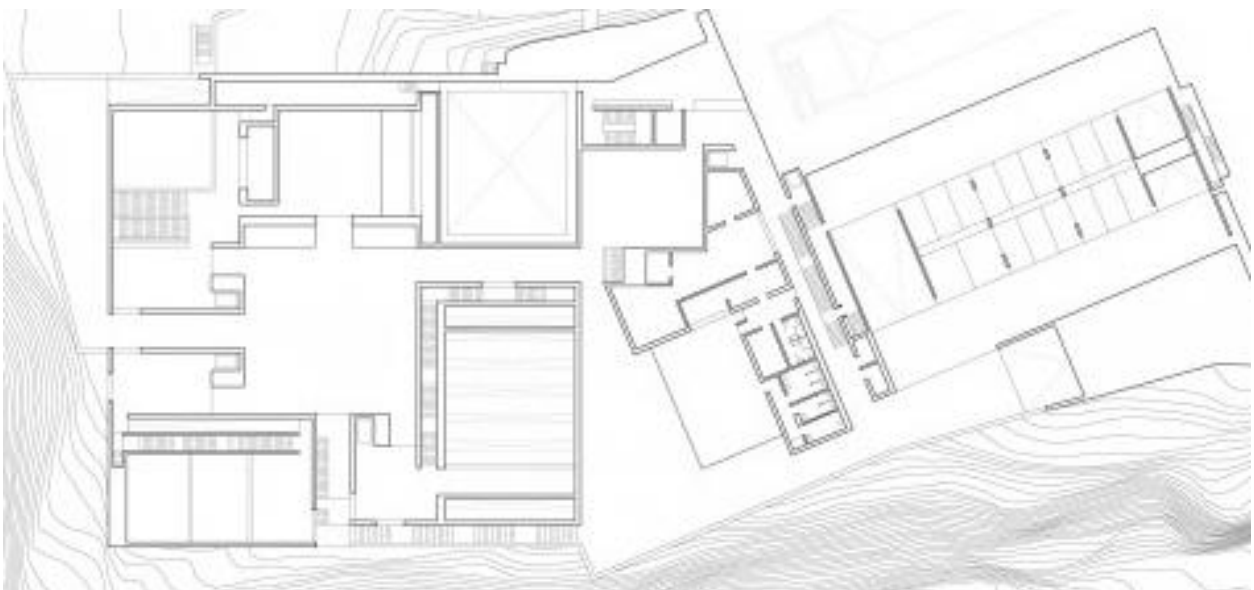


Figura 22: Planta do piso 0

O Corpo do Centro de artes desenvolve-se ao longo de um eixo longitudinal, com orientação sensivelmente na direção norte/sul, orientação resultante da topografia do local, o corpo “cresce” até onde o terreno assim o permite, “escavado e esculpido” na rocha, proporciona uma experiência subterrânea aos visitantes, e pontos de vista com o céu e o mar incríveis.

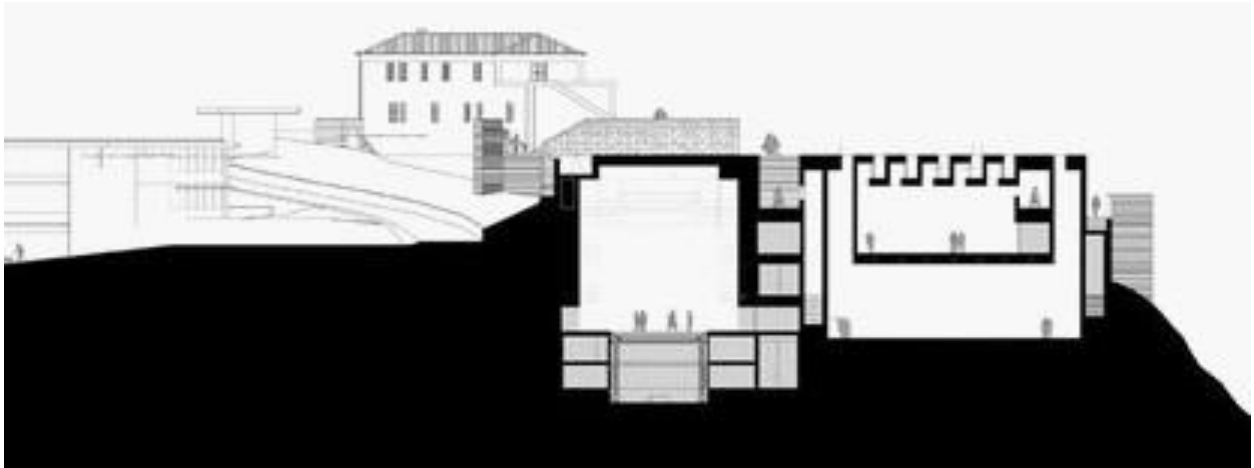


Figura 23 :Corte representativo da Casa das Mudas

3.1.2. Mesmo Tipo Arquitetónico:

Convento de São Francisco

Faro, Portugal

Arquiteto: Carrilho da Graça

O Convento de São Francisco foi construído a partir de 1529. Em 1834, após o terramoto de 1755, foi totalmente remodelado. Nesse ano o Regimento de Infantaria tomou posse do edifício e adaptou-o a quartel. Em 1992, foi adquirido pela Escola de Hoteleira e Turismo e sujeito, posteriormente, a um projeto de reabilitação da autoria do arquiteto Carrilho da Graça.



Figura 24: Foto da fachada principal do Convento de São Francisco

É, hoje, reconhecido como um dos melhores exemplos de reabilitação de conventos, onde se pode verificar a interação da arquitetura contemporânea com uma Arquitetura preexistente de valor patrimonial.

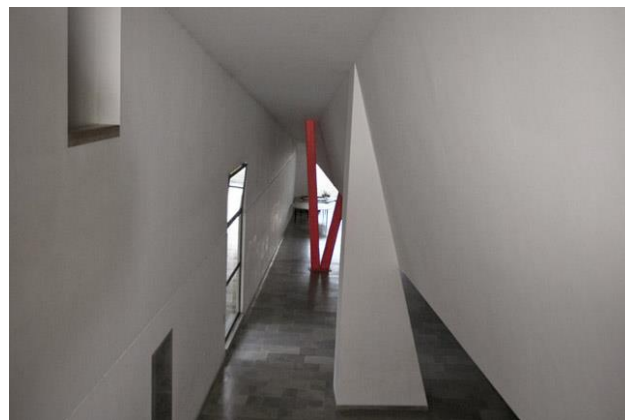


Figura 25: Foto representativa de elementos Arquitetónicos do Convento de São Francisco

A Igreja do Menino Deus

Lisboa, Portugal

Arquiteto: Real João Antunes

Localizada no Largo do Menino Deus, a sua construção teve início em 1711, meio escondida na encosta nascente da Colina do Castelo. A sua notável qualidade e originalidade arquitetónica, aliada ao facto de ser uma das raras igrejas que escapou intacta ao grande terremoto de 1755, tornam-na um marco da Arquitetura Barroca nacional.



Figura 26: Foto da fachada principal da Igreja do menino Deus e Nicho presente na fachada, respetivamente

3.1.3. Projetos contemporâneos com o mesmo programa funcional ou semelhante ao programa a propor:

A Casa dos Cubos

Tomar, Portugal

Arquiteto: Atelier Embaixada

A casa dos cubos situa-se no centro histórico da cidade de Tomar, surge da reconversão de uma infraestrutura fabril descativada, que sofreu várias adaptações de usos ao longo do tempo.



Figura 27: Foto da fachada principal da Casa do Cubo

O programa proposto divide-se em duas partes distintas, uma de caráter mais público, onde se localiza o espaço expositivo lúdico-pedagógico, e outra de caráter mais reservado, onde se localizam as salas de formação e as residências destinadas a artistas convidados, sendo que o edifício se apresentava desajustado à utilização pretendida.

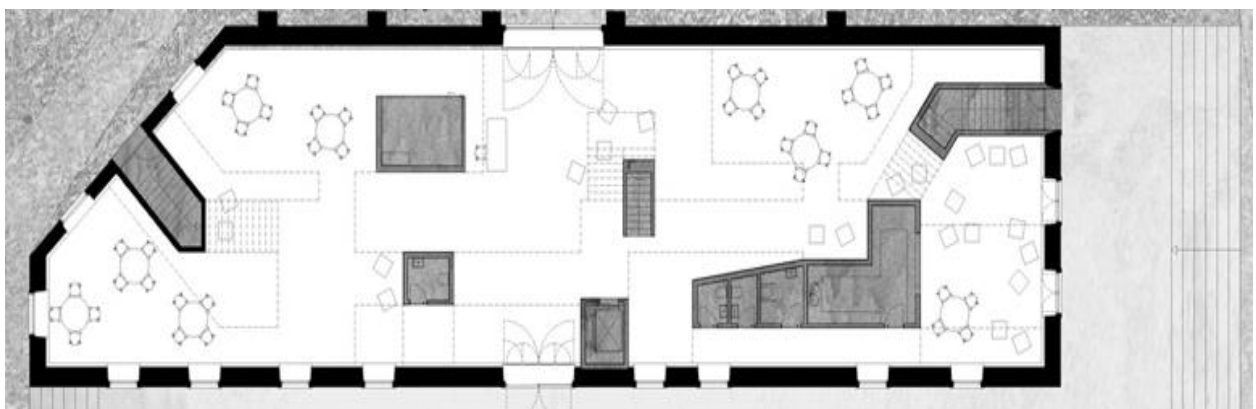


Figura 28: Planta do Piso 0

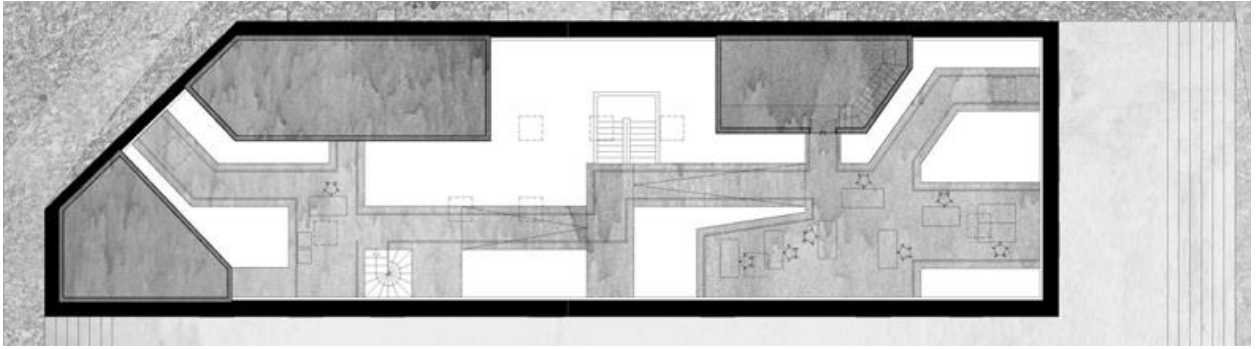


Figura 29: Planta do Piso 1

A nova proposta manteve todo o exterior do edifício, e despojou-o do seu interior. A nível de composição do espaço e estruturação propôs-se uma nova estrutura a nível interior, que funciona como espinhal dorsal das pré-existências, onde os espaços interiores de carácter mais reservado assumem diferentes volumetrias, identidade, forma e dimensões, e os restantes espaços de carácter mais público desenvolvem-se no restante espaço vazio, e distinguem-se através dos acontecimentos programáticos de cada espaço.

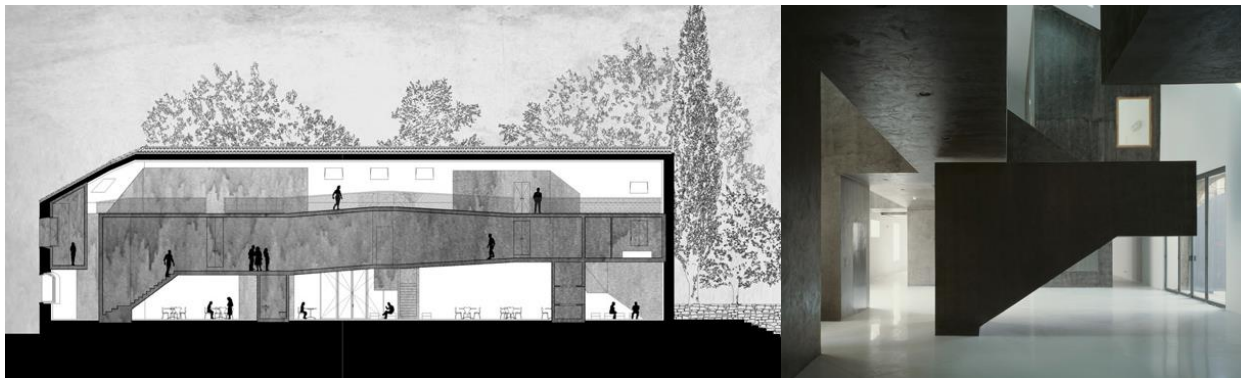


Figura 30: Corte esquemático, e pormenor interior, respetivamente

Pousada de Viseu

Viseu, Portugal

Arquiteto: Gonçalo Byrne

O edifício da atual pousada de Viseu foi edificado no início do século XIX, este edifício foi construído expressamente para servir com unidade hospitalar.

A reutilização do ex-hospital como pousada consistiu numa operação de regeneração urbana de uma zona de Viseu que se apresentava devoluta. A sua proximidade ao centro histórico, as boas condições de acessibilidades, e a sua versatilidade terão sido fatores importantes para a implementação de um equipamento deste género. Sendo assim, a sua reabilitação e reutilização como pousada regenerou não só a zona, como dignificou e reutilizou o edifício, devolvendo-a a cidade e ao indivíduo.

As operações arquitetónicas que se fizeram no edifício foram mínimas, não sofrendo estas alterações significativas.

A relação visual e volumétrica do edifício com a envolvente manteve-se, sem sofrer grandes alterações.

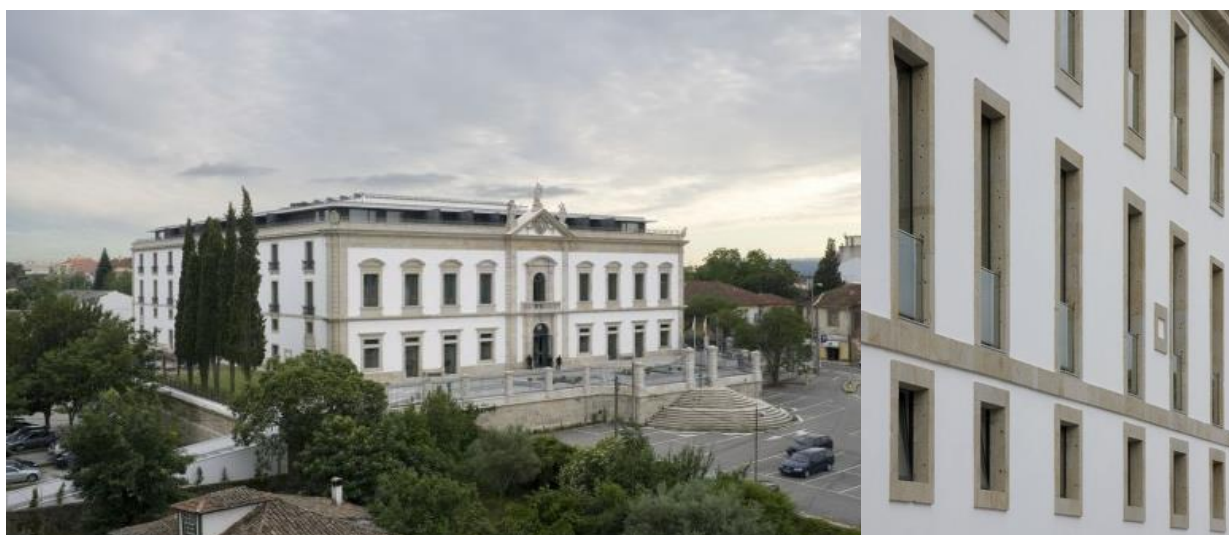


Figura 31: Foto da Pousada de Viseu, e pormenor da Fachada

Em termos de elementos que constituem o edifício, como a estrutura original, de grandes paredes autoportantes, as escadas principais existentes em pedra e a zona de claustro, foram mantidas na sua forma original acrescentaram, por razões funcionais e de cumprimento de regulamentos, ascensores públicos e um de serviço.



Figura 32: Foto do claustro e das paredes estruturais do edifício, respetivamente

A nível de programa, o edifício concentra as funções públicas e sociais no piso térreo, onde se encontra a receção, as salas polivalentes e de estar, o bar, as instalações sanitárias e o restaurante, bem como os principais serviços da pousada.

Também neste piso se situa o pátio que foi coberto, e funciona como sala de estar e receção, e como elemento central e unificador de todos os restantes espaços.

Nos pisos superiores situam-se os quartos, num total de 83 unidades, um spa, e zonas de serviço. Ao nível da cobertura substituiu-se a existente, e projetou-se uma nova com redução de volume, o que permitiu criar-se uma nova ala de quartos com terraços exteriores.

Centro de Interpretação da Batalha de Atoleiros

Fronteira, Portugal

Arquitecto: Gonçalo Byrne

O Centro de Interpretação da Batalha de Atoleiros, surgiu como um complexo necessário para se apresentar e evocar tão importante batalha para o contexto histórico de Portugal e Espanha, que ocorreu no dia 6 de Abril de 1384.

Dado ser impossível construir no sítio da batalha de Atoleiros, deliberou-se que a sua construção fosse feita no centro da Vila, num local de grande visibilidade, junto ao parque urbano, que invoca e simula o campo de batalha,



Figura 33: Planta

O volume do complexo  constituído por três grandes núcleos explosivos, e por espaços de apoio a estes: a receção e bilheteira, as instalações sanitárias, uma área de apoio com serviço automático de bar e bengaleiro.

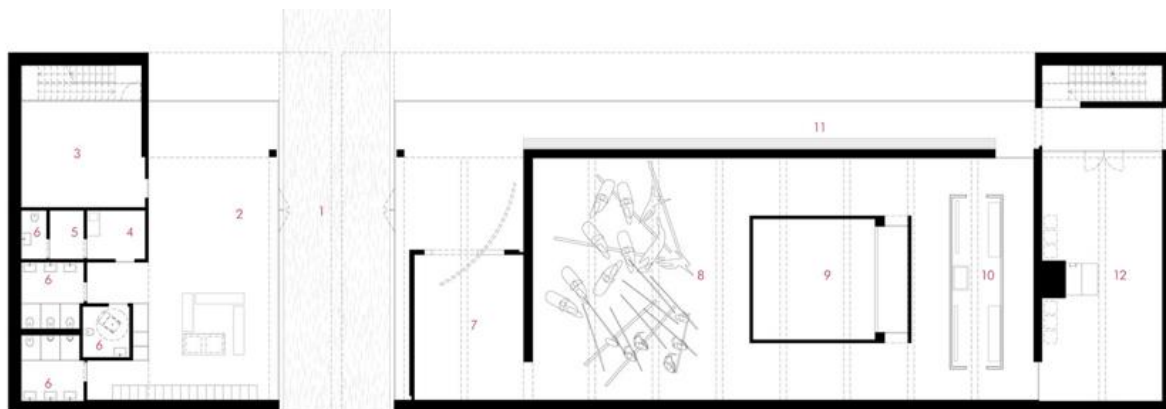


Figura 34: Planta do piso 0

A nível estrutural através do uso combinado de paredes de betão e uma estrutura em pórtico de pilares, vigas e lajes, conseguiu-se obter-se grandes vãos na zona expositiva, que permitem uma ligação visual entre o interior e o exterior.



Figura 35: Alçado principal e da relação que este estabelece com o exterior



Figura 36: Foto representativa da materialidade

A textura exterior do edifício remete-nos para uma construção de taipa antiga, resultado que se obteve utilizando várias texturas de betão colorido que simulam assim a construção em taipa tradicional, (Fig.36).

Para finalizar a visita ao local, no final do percurso, outro tipo de “discurso” expositivo é nos apresentado: um banco de grandes dimensões que aparece como que apresentar o parque urbano e toda a sua dimensão escultórica, feita através de elementos vegetais, e rochosos, que nos remetem o imaginário para a Batalha de Atoleiros.

4. ESTRUTURAÇÃO FUNCIONAL E ESPACIAL

4.1. Programa Funcional proposto

A escolha do programa funcional para o Convento dos Capuchos de Alferrara, incidiu na proposta e implantação de um programa que revitalizasse o local, o edifício, e oferecesse um leque de diferentes funções e atividades direcionadas a todas as fchas etárias, com fins de dinamizar “o Lugar” do Convento dos Capuchos de Alferrara, tornando-o num polo dinâmico e flexível para a cidade.

O Programa proposto visa a criação de variados espaços, dinamizadores e distintos, onde constam: espaço de “co-working”, direcionados a trabalhadores independentes, jovens em início de carreira, que necessitem de um espaço físico que não acarrete muitos custos, investigadores, estudantes; espaços de investigação, espaço de residências, direcionadas aos investigadores que usufruem do espaço, espaços de exposição e divulgação, espaços dedicados a prática e aprendizagem de atividades físicas, como: terapias ayurvédicas, yoga, meditação, reiki, entre outros, espaços sociais e de carácter lúdico como: o espaço do Restaurante, e espaços direcionados também às fchas etárias mais jovens como: a biblioteca e a mediateca, criados com a finalidade de estender o uso do convento a várias e diferenciadas atividades, que sirvam as diferentes faixas etárias, de modo a dinamizar o espaço, tornando-o atrativo para toda a população, devolvendo, assim, o “Lugar do Convento” à cidade, tendo como base um programa funcional, coeso, lógico, e que responda as necessidades da cidade e do indivíduo.

4.1.1. Funções Propostas

| Funções fixas/Espaços | Funções temporárias/sazonais/outras funções |
|---------------------------------|--|
| Receção | Passeios pedestres parare observação da fauna e flora da Serra da Arrábida |
| Galeria Expositiva | Exposições Temporárias |
| Bar/Restaurante | Mostras gastronómicas com produtos da região, concertos, palestras, eventos variados |
| Centro de “co-Working” | Espaços permanentes, e temporários de investigação e trabalho |
| Gabinetes/Salas de investigação | Salas/oficinas de investigação |
| Biblioteca/Mediateca | Palestras |
| Auditório | Palestras, congressos, concertos |
| Salas polivalentes | Práticas desportivas permanentes: yoga, meditação, etc Salas temporárias dedicadas a prática e aprendizagem de tratamentos alternativos (massagens ayurvedicas, reiki, ect.) |
| Residências temporárias | Pousada temporária para investigadores |

Quadro de usos

Valores representam a área útil

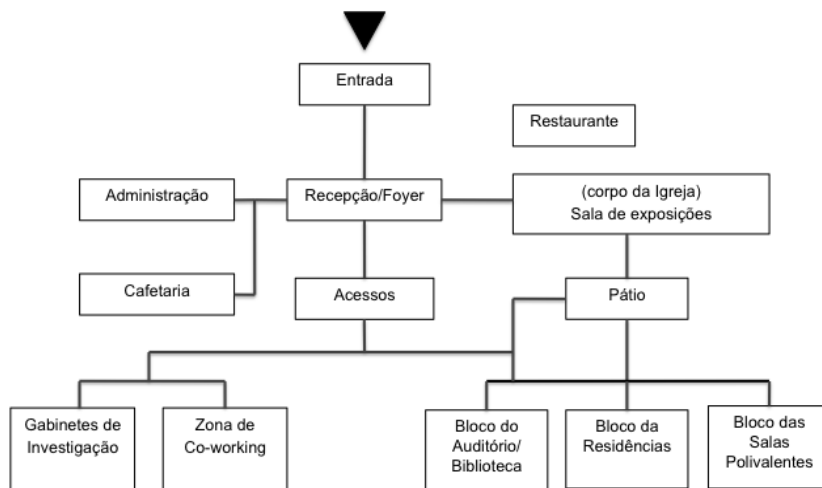
| TIPO DE ESPAÇOS | PISO -1 | PISO 0 | PISO 1+REST. | TOTAL |
|------------------------------|-----------|-----------|--------------|-----------|
| PÚBLICOS | 474.86 M² | 208.90 M² | 287.69 M² | 971.44 M² |
| CIRCULAÇÃO | 434.94 M² | 200.73 M² | 125.02 M² | 760.69 M² |
| PRIVADOS | 79.93 M² | 99.41 M² | 183.39 M² | 362.73 M² |
| CIRCULAÇÕES VERTICAIS | 17.37 M² | 61.45 M² | 16.28 M² | 95.10 M² |
| SEMI-PÚBLICOS | 202.89 M² | | 71.14 M² | 274.03 M² |
| EXTERIOR | 344.95 M² | | | 344.95 M² |
| HABITACIONAL | 454.11 M² | | | 454.11 M² |

Legenda:

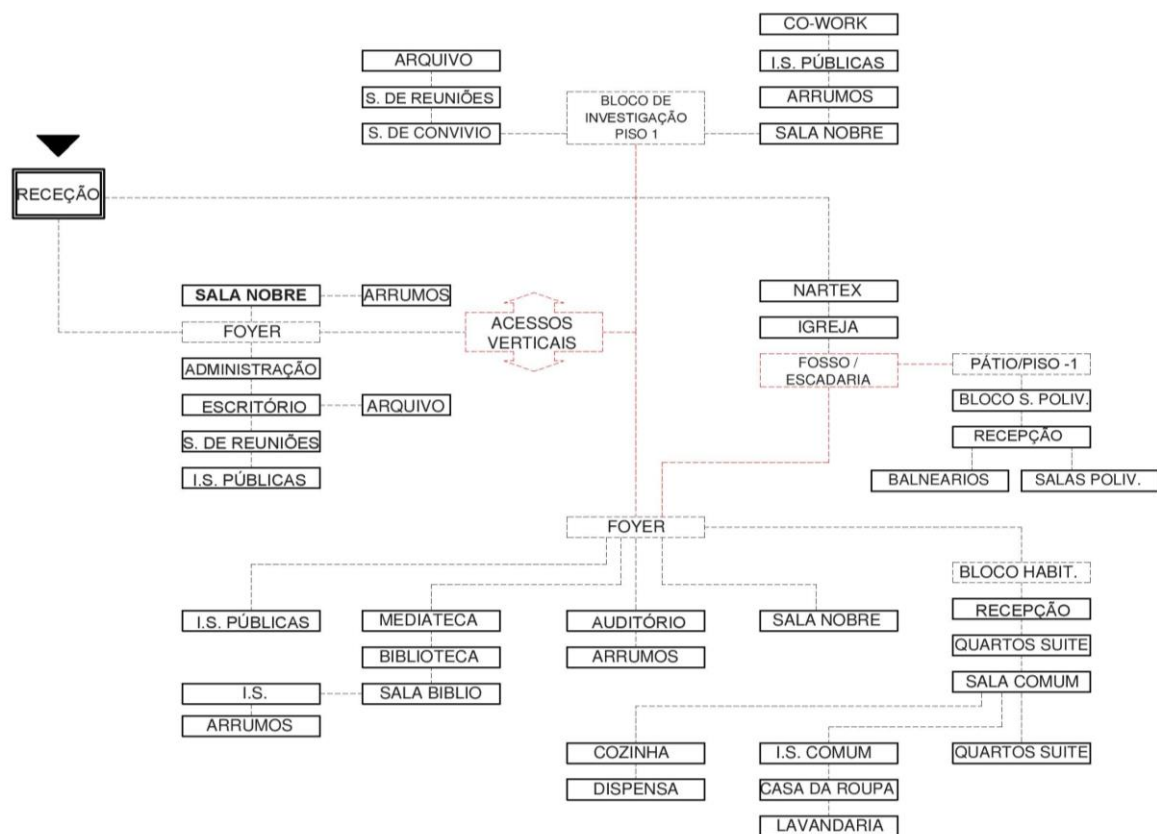
— Circulações principais
 — Circulações verticais
 — Circulações secundárias
 — Pontos de distribuição

4.1.2. Organograma Espacial e Funcional

Espacial



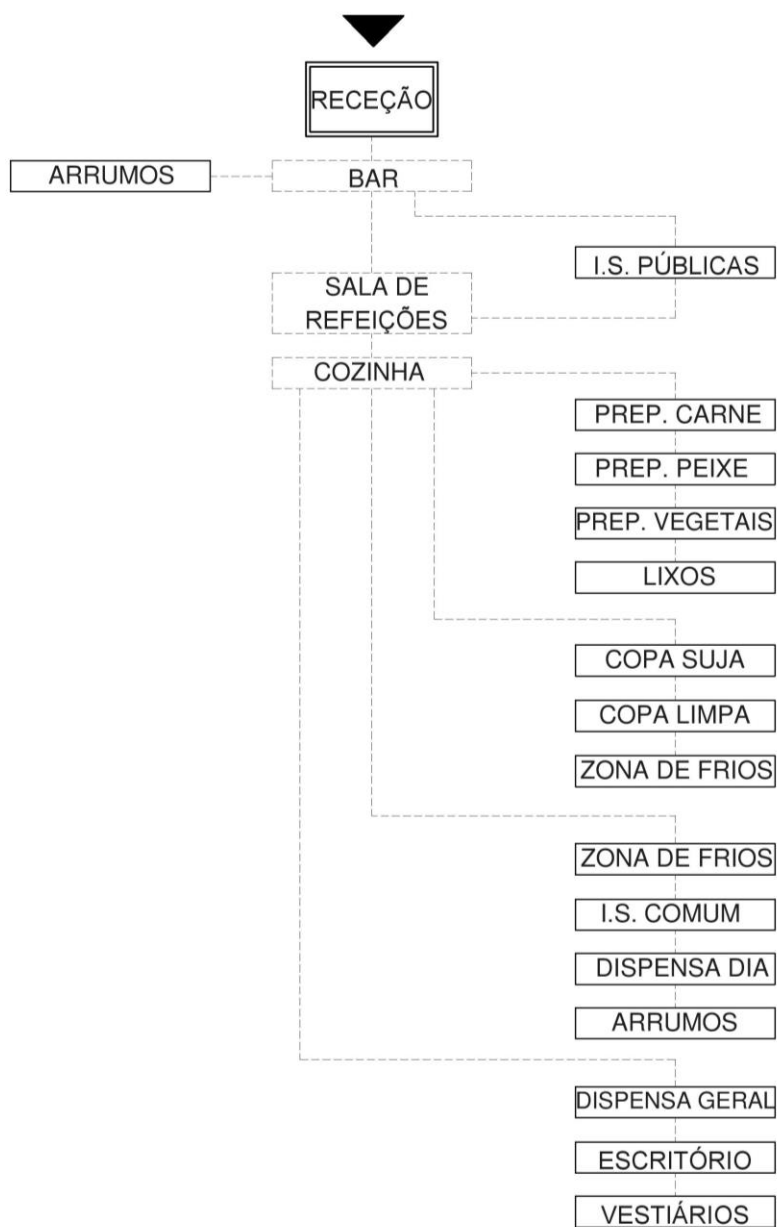
Funcional



Legenda:

----- Circulações principais - - - - - Circulações verticais - - - - - Circulações secundárias [] Pontos de distribuição

Bloco do restaurante



5. DESENVOLVIMENTO DO PROJETO:

O presente trabalho desenvolveu-se em 3 fases distintas, que se apresentam interligadas entre si, onde se influenciam e se completam umas às outras, resultando, assim, no documento escrito do trabalho final de mestrado.

As fases de trabalho que se apresentam no documento estão de acordo com uma ordem de pensamento, pesquisa e justificação do trabalho prático.

No entanto a sua ordem não se encontra disposta cronologicamente, por assim dizer, mas sim por uma ordem que se “gerou” de acordo com as diferentes fases de pesquisa, investigação e apoio ao trabalho prático.

As fases que se desenvolvem ao longo do trabalho são as seguintes:

-Fase de reconhecimento

Esta primeira fase de trabalho iniciou-se com uma visita ao local de estudo, com objetivos de a fazer o reconhecimento físico deste, bem como o registo gráfico e fotográfico. Seguiu-se uma pesquisa e consulta dos documentos escritos, peças gráficas e cartográficas existentes, e disponíveis para consulta, que apresentassem alguma relevância para o entendimento do convento.

-Fase de análise dos Casos de estudo

Este ponto consistiu numa incessante e permanente pesquisa de casos de estudos semelhantes ao projeto que se desenvolveu, quer de nível arquitetónico, ou a nível programático semelhante, ou com algum tipo de interesse e relevância para o presente trabalho.

Neste ponto analisou-se e estudou-se mais profundamente, a nível histórico, espacial, funcional e conceptual, os casos de estudo que se revelaram mais pertinentes para a investigação e suporte do trabalho decorrente, quer na parte teórica, como na parte escrita.

-Desenvolvimento do Projeto

De acordo com as fases apresentadas antes, desenvolveu-se assim o projeto de reabilitação e ampliação do Convento dos Capuchos de Alferraba. As decisões, reflexões e opções tomadas, são, assim, justificadas no presente documento.

5.1. Características do local

Todo o “espaço do Convento” é composto por elementos naturais. A montanha, a vegetação, a água, estes elementos caracterizam o Convento, personificam-no, e conferem-lhe uma identidade própria.

Os tons terra, os verdes da vegetação, os tons azuis do céu e do mar, a fachada principal de cor clara a fundir-se com o verde das árvores na zona do adro, mas ao mesmo tempo a destacar-se pela sua implantação, cor e imponência, apesar das suas dimensões (medianas), o destaque que este adquire na clareira é imensurável, a envolvente que abraça o Convento, todos estes “fatores” que caracterizam o Lugar do Convento dos Capuchos de Alferrara, acabam também por fazer com que o Convento se destaque, sem no entanto ferir a paisagem, pois parece que este é parte integrante da mesma, parece que o “sítio” de implantação foi desenhado na serra, exatamente para receber o edifício do Convento, toda a natureza se desenvolveu à sua volta, circundando o edificado.

As vistas que o Convento nos proporciona são imensas:

A Sudoeste, deparamo-nos com algumas árvores de grande porte, que fazem com que a fachada de estuque trabalhado branco, sobressaia ainda mais no meio do verde vertical das árvores

A Sudeste, obtém-se uma vista panorâmica sobre a cidade de Setúbal, e a Baía, como que uma tela azul de frente para o espectador.

A Noroeste a montanha começa a erguer-se como que a atingir o infinito, sendo que na zona do Convento a topografia apresenta-se mais sinuosa, requerendo assim um tipo de tratamento e edificado diferente.

A Nordeste os sentidos são invadidos pelo som da água a correr, o cheiro da terra, da vegetação. Nesta direção a paisagem é pontuada com tons terra, e verdes, os caminhos, trilhos de bicicleta e pedonais destacam-se no meio da serra, e da sua abundante vegetação, por vezes podemos ver pessoas a passar ao longe, como que pequenos pontos num cenário distante.

A nível de edificado, todo o Convento se encontrava em elevado estado de degradação. Anteriormente ao plano de estabilização, desbravou-se todo o espaço envolvente ao Convento, bem como o seu interior, pois devido ao seu elevado estado de degradação e abandono, espécies vegetais desenvolveram-se no seu interior, e ocupavam grande parte do espaço. No exterior a vegetação cresceu em demasia, e quase que cobria toda a fachada do convento. De momento a estrutura do Convento está estabilizada, a vegetação esta controlada, e em consonância com o Convento, e a sua envolvente natural.

Posteriormente irá ser alvo de obras de reabilitação, e sustentação, por parte da Associação dos Municípios de Setúbal, associação à qual pertence o Convento.

5.2. Objetivos e intenções de Projeto

O projeto do Convento dos Capuchos de Alferrara deverá reforçar a centralidade do Convento e a relação deste com a sua envolvente natural.

As novas edificações são sempre propostas no sentido de reforçar a centralidade axial do Convento, e a sua relação com a paisagem, topografia, vistas sobre a cidade de Setúbal, e a Baía.

Os novos corpos propostos surgem como elementos que compõem, e completam o edificado existente, de modo a cumprir-se o programa proposto para o local. Estes corpos e a posição que assumem no terreno, surgem quase como que intuitivamente, após uma análise e estudo profundo do local, e de todas as características que o compõem: paisagem, topografia e preexistências; bem como dos casos de estudos que se investigou para o projeto presente.

A nova Arquitetura é quase como se “nos fosse dada” pelo próprio terreno, pelo Convento.

5.3. Ideia Conceptual

Após pesquisa, análise, compreensão de conceitos bases, investigação de casos de estudo, conhecimento do objeto de estudo, a nível de importância histórica, social, e análises ao “Lugar” do Convento, ou seja, aprendidos os conhecimentos necessários e essenciais para compreensão do tema a desenvolver em projeto, surge a parte da proposta do projeto prático, onde a nível de ideia conceptual, partiu-se do ponto em que o Convento seria sempre a peça base, o motor de todo o projeto, e os blocos novos que se iriam adicionar seriam mais do que uma extensão necessária para cumprir o programa proposto, surgindo como uma adição ao edificado já existente, ampliando-o, completando-o, dignificando-o, de modo a recuperar, devolver e restabelecer, as relações do edifício do Convento com a cidade, com o indivíduo.

O edifício do Convento dos Capuchos é composto por dois corpos, um mais retangular, o Corpo da igreja, e outro de formas mais quadrangulares, as dependências monacais, a sua composição geométrica é muito simples, e uma vez que o Convento foi sofrendo acrescentos em diversas fases, adicionando-se “espaços” ao corpo da igreja ao longo do tempo, de acordo com as necessidades, após análises geométricas e históricas crê-se que terá sido esse o motivo que levou a não se verificar uma ordem geométrica muito coerente, a nível de vãos, e proporções, sendo assim a sua malha estrutural simples, regular, ortogonal, e longitudinal, onde os compartimentos que compõem o Convento apresentam diferentes proporções, não havendo assim uma regra seguida.

A proposta de concepção dos novos conjuntos de edifícios, surgiu da expansão da malha em que o Convento se insere, e das várias direções, e vistas possíveis que se conseguiu obter, derivadas da forma como o Convento está implantado no local.

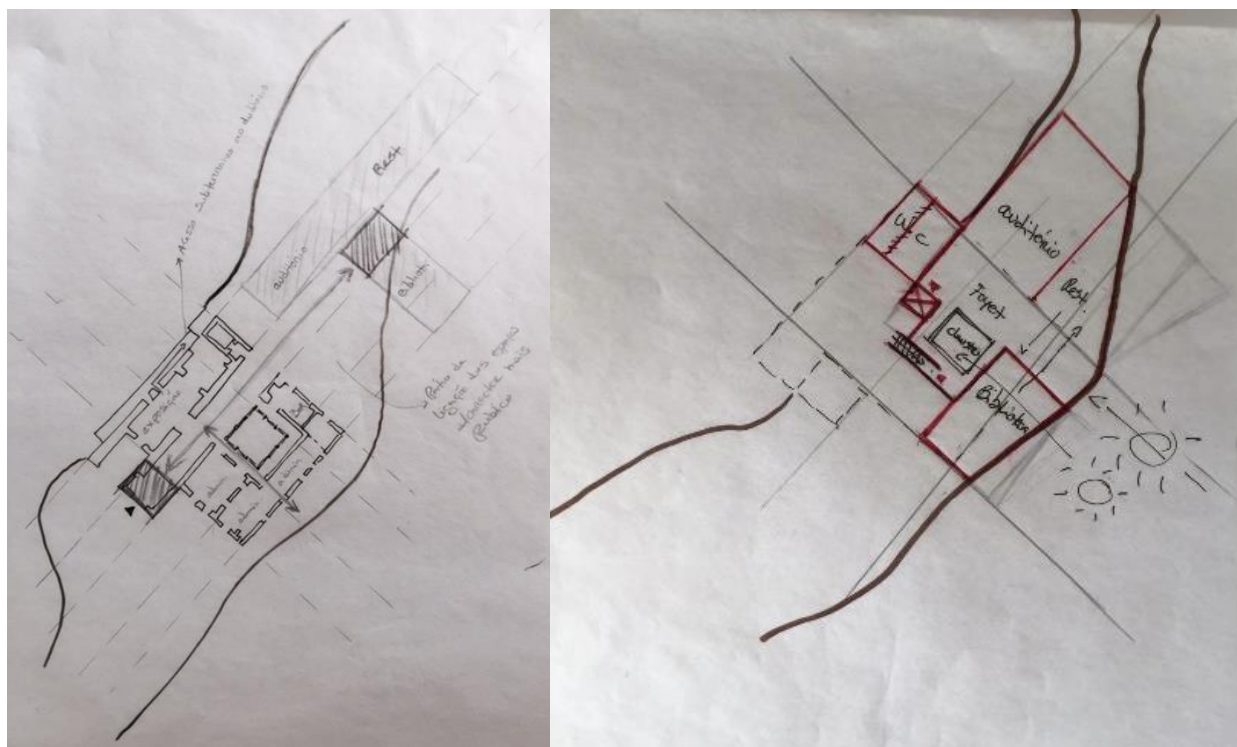


Figura 37: Estudo da malha de inserção do Convento e da sua envolvente

A proposta do edificado novo, surge praticamente toda a uma cota inferior ao Convento, à exceção do edifício do restaurante, e ao nível da entrada principal, localizada na fachada principal do edifício do Convento, onde se implementou um elemento envidraçado contemporâneo, que marca, reforça a entrada do Convento, e contempla a introdução de elementos contemporâneos na estrutura arquitetónica do Convento, sem no entanto, entrar em conflito com as preexistências.

A expansão à cota do Convento seria praticamente impossível, a nível de espaço necessário para se cumprir o novo programa de usos proposto, e também, como já foi referido, por não se pretender ofuscar o edifício do Convento, mas sim reforçar a sua importância, a intervenção a uma cota inferior que tornou-se, assim a opção mais coerente e lógica.

Projetou-se assim uma malha similar à existente na cota do piso do Convento, onde em alguns pontos se estende a malha a um nível mais longitudinal, de modo a obterem-se diferentes pontos de vista nos diferentes espaços propostos, bem como garantir-se também, a ventilação e iluminação natural em espaços onde estas eram necessárias, como no bloco das residências, nas salas polivalentes, e na mediateca, sendo que em alguns espaços não era essen-

cial, como na mediateca ou auditório. A opção proposta surgiu não só derivada das características do espaço disponível para implantação do novo programa, mas também por intenção de se querer proporcionar diferentes ambientes, consoante os diferentes usos. A nível de espaços obteve-se, assim, uma variação de ambientes, no “espaço do Convento”, enriquecendo-o, diversificando-o e tornando-o mais interessante, a nível arquitetónico e a nível de exploração para o usuário.

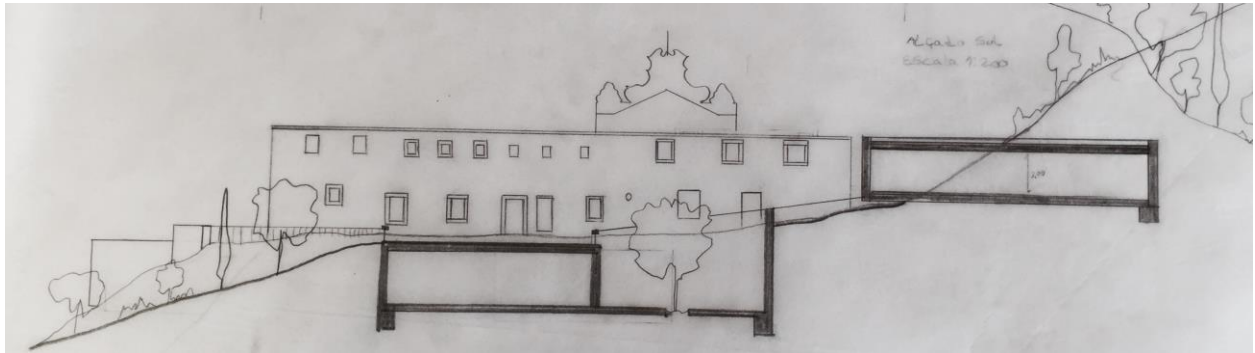


Figura 38: Esquisto do corte transversal

5.4. Apropriação espacial e usos diferenciados

As plantas dos vários pisos, e dos novos blocos, surgem quase que por instinto, muito naturalmente, após vários estudos, a vários níveis, como já foi referido: como se as preexistências nos indicassem “o caminho”, o traço a seguir, e como resultado obtêm-se uma arquitetura subtil, suave, limpa, contemporânea e em total integração com o Convento e com a sua envolvente.

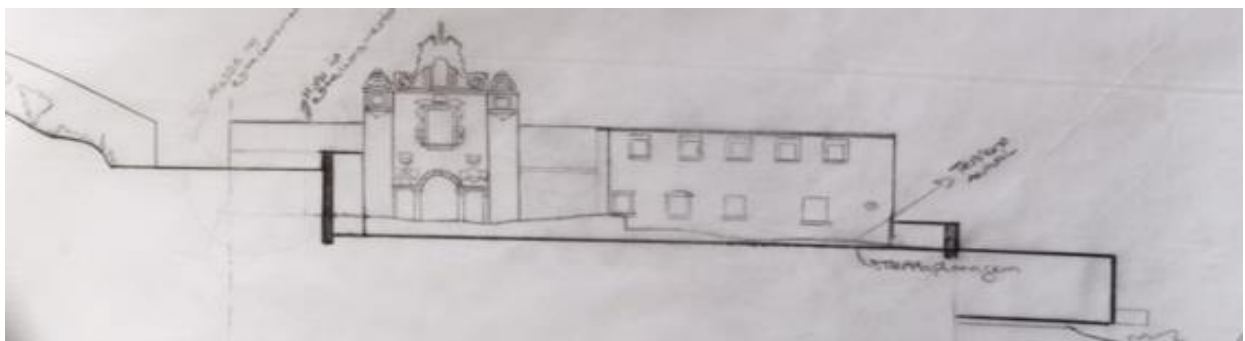


Figura 39: Esquisto ilustrativo do Convento e dos novos blocos propostos

No decorrer do projeto tentou-se criar jogos de vistas, dos diferentes níveis com o exterior, obtendo-se, assim, sempre vistas panorâmicas sobre a cidade de Setúbal e a Baía, como se dos diferentes níveis se criassem diferentes formas de “olhar “a cidade, a Serra da Arrábida, proporcionando-se assim distintas formas de a interpretar, estando tão longe, mas tão perto.

No piso inferior, os novos volumes propostos seguem o alinhamento da malha do piso intermédio, e as direções dos corpos já existentes deste. No piso superior o volume que alberga a função de restaurante surge como se tivesse encastrado na serra, virado a oeste com vista panorâmica sobre a cidade.

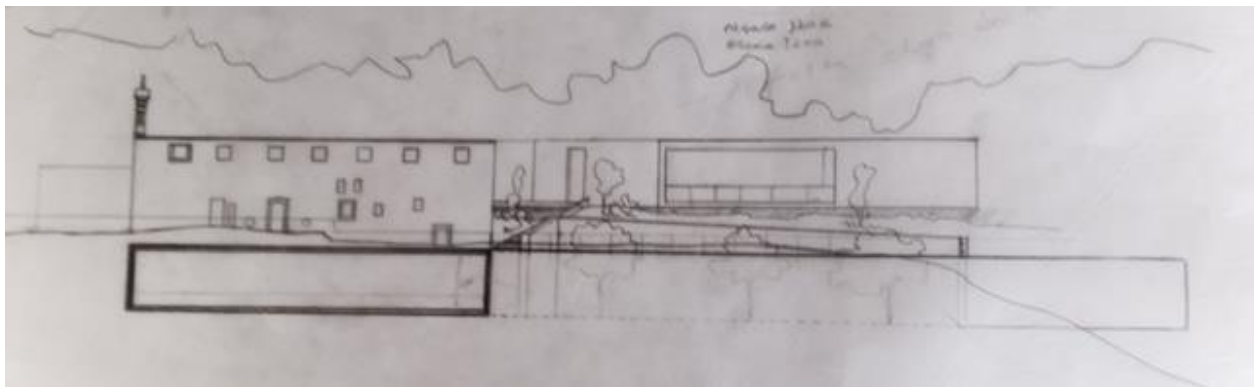


Figura 40: Esquízo ilustrativo dos novos volumes propostos

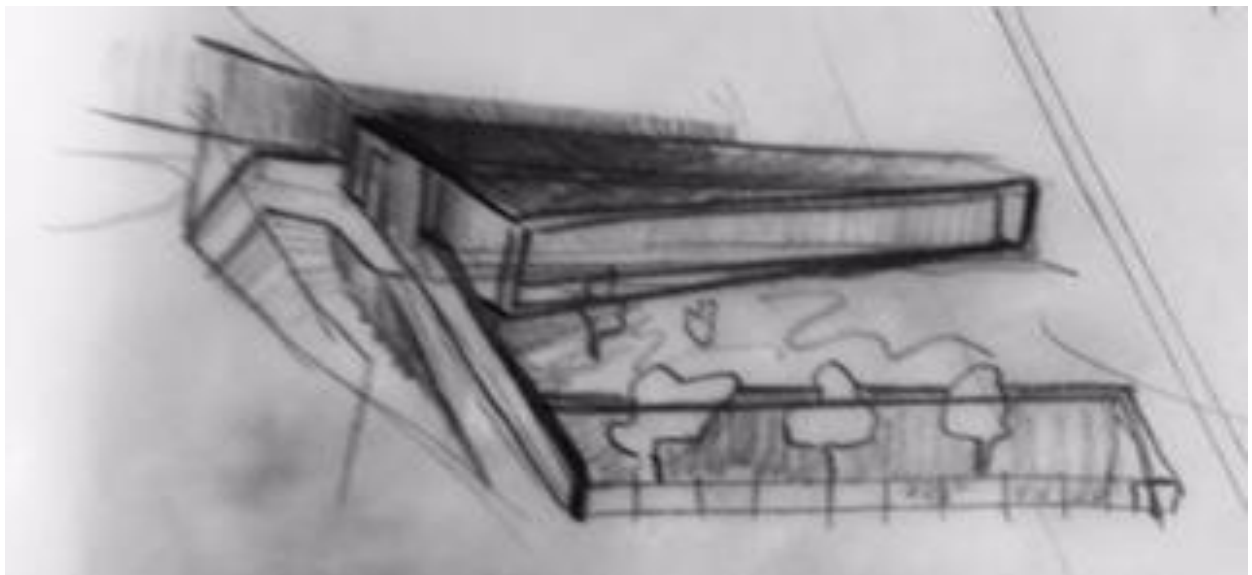


Figura 41: Esquízo relativo ao bloco do restaurante

No piso intermédio situa-se o Convento e os volumes que o compõem, “o corpo da igreja”, e as “dependências monacais”. A este nível não se propõem novos volumes, sendo que a intenção seria o Convento funcionar como a peça central de todo o projeto, e o motor deste. Houve a intenção de manter as preexistências, o mais fiéis possíveis, ao que terá sido outrora o Convento, sendo que as intervenções que se propõem a este nível são principalmente em função da envolvente natural (vegetação), controlando de forma subtil as espécies vegetais existentes, de modo a que estas não “tomem” o convento, como aconteceu aquando do abandono do mesmo, e falta de uso, da presença humana no “espaço do Convento”.

No piso inferior a cota do Convento criou-se um pátio com fins a promover a ligação dos vários blocos que compõem todo o complexo, esta ligação faz-se tanto por o interior do convento, através das comunicações verticais, sendo este acesso mais resguardado, ou pelo exterior através de uma escadaria lateral a fachada principal do convento que vai dar ao pátio central, ponto onde todos os “blocos” convergem e se tornam acessíveis e comunicantes entre si.



Figura 42: Esquício de estudo do “pátio central”

No limite Nordeste do terreno surge a necessidade de implementação de “uma cerca” em madeira, e rede, como medida de proteção, pois a Sudeste o terreno acaba com um módulo edificado que forma um miradouro, e se precipita sobre a encosta, sendo por isso necessário tomarem-se medidas de proteção para os usuários do espaço.

A este nível propõem-se também um caminho de acesso ao restaurante e um pequeno estacionamento, no alçado Oeste do convento, estacionamento a ser usado por funcionários do Convento, pessoas com mobilidade reduzida, cargas e descargas, abastecimentos dos diferentes espaços públicos: restaurante, cafetaria, auditório, etc.

A nível da fachada principal, propõe-se um elemento vertical novo, em vidro, que será a entrada principal do Convento, apesar da sua linguagem e a materialidade contemporânea, o novo elemento não entra em conflito com a Arquitetura preexistente. Este elemento surgiu com a necessidade de se criar uma entrada principal, que se destacasse do resto, mas sem que esta tirasse protagonismo à fachada principal, optou-se então por um elemento transparente, que faz a ligação do novo com o antigo, de uma forma muito graciosa, e subtil.

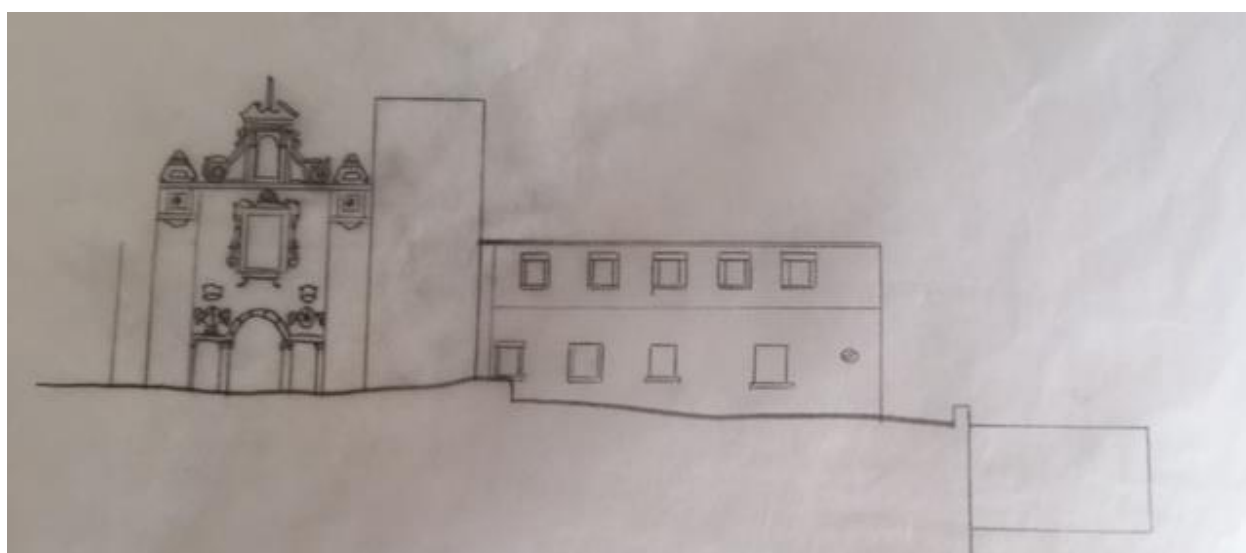


Figura 43: Esquízo de estudo da fachada principal

No piso inferior na biblioteca, na zona dos quartos da residência, também se conseguiu projetar de modo a obter-se uma vista panorâmica sobre a Cidade, Tróia, e a Baía.

Ao nível de reabilitação, a intervenção proposta prevê um amplo trabalho de restauro da fachada principal, e dos vestígios de azulejaria existentes no interior do corpo da igreja. Em relação ao resto do espaço que compõe o Convento prevê-se uma reabilitação a todos os níveis: estrutura, paredes, coberturas, revestimentos, pavimentos, etc., tentando sempre usar tecnologias, e materiais semelhantes as preexistentes, ou que sejam compatíveis com estes, de modo a reabilitar-se sem ferir, e sendo o mais fiel possível as preexistências.

Já ao nível de estruturas e materiais novos a implementar no projeto, pretende-se integrar materiais novos, contemporâneos, como por exemplo em escadarias, guardas, caixilharias, pavimentos, onde se irão inserir materiais como: o vidro, o inox, o ferro, o betão, elementos

contemporâneos que fazem a interligação com as preexistências, criando leituras visuais mais contemporâneas, sem, no entanto, tirarem o protagonismo visual, e o carácter original do Convento, muito pelo contrário: os elementos novos que surgem enaltecem o convento, conferem-lhe mais personalidade, uma personalidade mais atual.

Sendo assim, a um nível geral, as novas materialidades que se propõem são as seguintes:

Exteriores:

- Convento: Molduras e soco: cor salmão, restantes paredes: cor Branco
- Bloco do restaurante: paredes em betão afagado, cor cinza, efeito mate.
- Bloco das Residências: paredes em betão afagado, cor cinza, efeito mate.
- Bloco das salas polivalentes: paredes em betão afagado, cor cinza, efeito mate.

Espaços comuns:

- Zona do Adro, Calçada a Portuguesa, cor: cinza e branco;
- Vedação exterior, que circunda o convento: madeira e rede;
- Claustro, “Fosso”, Escada de Acesso ao restaurante: Betão afagado, cor: cinza, acabamento mate;
- Pátio Interior: Lajetas de betão 40x60, cor: cinza;
- Estacionamento: Alcatrão;

Interiores

(Piso 0)

- Foyer, receção, Arrumos, l.s.'s, Zona de estar, Cafetaria, Circulações: Betão afagado, cor cinza, acabamento mate.
- Zona de exposição, Administração, escritórios da administração, Arquivo, Sala de reuniões, sala nobre: Soalho à Portuguesa, cor: Carvalho Escuro.

(Piso 1)

- Gabinetes de investigação, sala de co-working, Sala de Convívio, Sala Nobre, sala de reuniões: Soalho a Portuguesa, cor: Carvalho Escuro.

- I.s.'s, arrumos, arquivo e circulações: Betão afagado, cor cinza, acabamento mate.

Restaurante – Receção, sala de refeições, zona de bar, arrumos, I.s.'s, cozinha e todos as divisões pertences a cozinha: Betão afagado, cor cinza, acabamento mate.

(Piso-1)

Bloco do Auditório/ Biblioteca

- Auditório, Biblioteca, Mediateca, Sala Nobre, Foyer, Sala do Bibliotecário, Arquivo: Soalho a Portuguesa, cor: Carvalho Escuro.

- Circulações, I.s.'s e arrumos: Betão afagado, cor cinza, acabamento mate.

Bloco das salas polivalentes

- Salas polivalentes: Soalho a Portuguesa, cor: Carvalho Escuro.

- Receção, arrumos, I.s.'s, e circulações: Betão afagado, cor cinza, acabamento mate.

Bloco das Residências

- Sala Comum, Quartos: Soalho a Portuguesa, cor: Carvalho Escuro.

- Receção, Cozinha, Lavandaria, I.s.'s, Arrumos e circulações: Betão afagado, cor cinza, acabamento mate.

5.5. Formalização do Projeto/Conclusões

O objetivo principal era conseguir se um complexo de volumes com diferentes funções, interligados entre si, de grande qualidade mas que apresentassem uma leitura discreta a partir do exterior, onde a peça de destaque, a centralidade da proposta fosse sempre o corpo do Convento, onde os blocos novos surgissem sempre como uma mais valia, no conjunto de todo o projeto proposto, não entrando, no entanto, em disputa por um protagonismo visual exterior, com o património já existente, mas surgissem assim de forma a reforçar as preexistências, harmonizando, e completando o “Lugar do Convento”, com uma arquitetura contemporânea de linhas simples, suaves, que se fundem com o edificado existente, com a paisagem, e a topografia.

A proposta do edificado novo surge praticamente toda a uma cota inferior a cota do Convento, a exceção do edifício do restaurante, e a nível da entrada principal, localizada na fachada principal do edifício do Convento, onde se implementou um elemento envidraçado contemporâneo, que marca e reforça a entrada do Convento. A expansão á cota do Convento seria praticamente impossível, a nível de espaço necessário para se cumprir o novo programa de usos proposto, e também, como já foi referido, por não se pretender ofuscar o edifício do Convento, mas sim reforçar a sua importância, a intervenção a uma cota inferior tornou-se assim a opção mais coerente e lógica.

Projetou-se assim uma malha similar à existente na cota do piso 0, onde em alguns pontos se estende a malha a um nível mais longitudinal, de modo a obter-se diferentes pontos de vista nos diferentes espaços propostos, bem como obter-se assim a ventilação e iluminação natural, em espaços onde era necessária, como no bloco das residências, as salas polivalentes, e a mediateca.

Ao nível de reabilitação, a intervenção proposta prevê um amplo trabalho de restauro a nível da fachada principal e dos vestígios de azulejaria existentes no interior do corpo da igreja. Em relação aos restantes espaços que compõem o Convento, prevê-se uma reabilitação a todos os níveis: estrutura, paredes, coberturas, revestimentos, pavimentos, etc., tentando sempre usar tecnologias e materiais semelhantes as pré-existentes, ou que sejam compatíveis com os mesmos, de modo a reabilitasse sem ferir, e sendo o mais fiel possível as preexistências.

Já a nível de estruturas e materiais novos a implementar no projeto, pretende-se integrar materiais novos, contemporâneos, como por exemplo: ao nível de escadarias, guardas, caixilharias, pavimentos, onde se irá inserir materiais como: o vidro, o inox, o ferro, o betão, elementos contemporâneos que fazem a interligação com as preexistências, criando leituras visuais mais contemporâneas, sem no entanto tirarem o protagonismo visual ou o carácter ori-

ginal do Convento, muito pelo contrário, os elementos novos que surgem enaltecem o convento, conferem-lhe mais personalidade, uma personalidade mais atual.

O objetivo final era conseguir-se uma reabilitação “contemporânea”, adequando os edifícios pré-existententes, as novas valências temporais, de modo a conseguir uma valorização patrimonial a nível do edificado, sem o ferir, sem lhe retirar a identidade, muito pelo contrário, conferir-lhe mais identidade e presença, e uma maior valorização do “Lugar”, com fins a devolver-se assim o Convento dos Capuchos de Alferrara e todo o “Lugar” deste, a cidade, ao indivíduo, ao usuário, ao “Lugar”.

Total de palavras: 11592

6. BIBLIOGRAFIA

- **APPLETON, João** – *Reabilitação de edifícios antigos: Patologias e tecnologias de intervenção*. 1ª Edição. Amadora: **Edições Orion**, 2003.
- **BOLLNOW, O. Friedrich**, *Hombre y Espacio*, Editorial Labor, S. A., Barcelona, 1969.
- **DUARTE, Rui Barreiros**, *A Poética do Lugar*, in *Arquitectura e Vida*, n.23, Janeiro 2002, p.44-49.
- **DUARTE, Rui Barreiros**, *Os Valores do Lugar*, in *Arquitectura e Vida*, n.26, Abril 2002, p.66-69.
- **FERNANDES, José Manuel** - *Caminhos do Património*. Lisboa: Direcção Geral de Edifícios e Monumentos Nacionais, 1999.
- **HEIDEGGER, Martin**, *Construir, Habitar, Pensar [Bauen, Wohnen, Denken]*, In Martin Heidegger, *Vorträge und Aufsätze*. Pfullingen: Gunther Neske, 1954. (Tradução do original alemão por Carlos Botelho)
- **JELICOE, Geoffrey e Susan**, *El Paisaje del Hombre: la conformacion del entorno desde la prehistoria hasta nuestros dias*, Ed. Gustavo Gili, Barcelona, 1995.
- **MANDOLASI, Domizia**, *IL Luogo e la Cultura del Luogo Nell'Arquitectura Contemporanea, IL Luogo Come Principio di Legittimazione del Progetto*, Gangemi Editore, Roma, 1988.
- **MEISS, Pierre Von**, *Elements of Architecture – From Form to Place*, E & FN Spon Ed., London, 1990.
- **MUNTAÑOLA, Josep**, *La Arquitectura como Lugar*, Ed. Gustavo Gili, Barcelona, 1974.
- **MUNTAÑOLA, Josep**, *Topos y Logos*, Ed. Kairos, Barcelona, 1978.
- **NORBERG-SCHULZ, Christian**, *A Paisagem e a Obra do Homem*, in *Revista Arquitectura*, nº102, p.52.
- **NORBERG-SCHULZ, Christian**, *Architecture: Presence, Language, Place*, Ed. Skira, Milan, 2000.

- NORBERG-SCHULZ, Christian, *Existência, Espaço y Arquitectura*, Ed. Blume, Barcelona, 1975.
- NORBERG-SCHULZ, Christian, *Genius Loci, Towards a Phenomenology of Architecture*, Ed. Rizzoli, New York, 1984.
- PIRES, Amílcar Gil, *A Quinta de Recreio em Portugal - Vilegiatura, Lugar e Arquitectura*, edição da 'Caleidoscópio - Edição e Artes Gráficas, SA', Lisboa, Dezembro de 2013 (461 págs.), ISBN 978-989-658-245-6.
- PIRES, Amílcar de Gil e, *Carácter da Arquitectura e do Lugar*, in *Artitextos*, nº6, Julho 2008.
- PIRES, Amílcar de Gil e, *Vilegiatura e Lugar na Arquitectura Portuguesa*, Tese de Doutoramento em Arquitectura, Faculdade de Arquitectura da Universidade Técnica de Lisboa, Lisboa, 2008. (Policopiado)
- ROTH, Leland M., *Entender la Arquitectura, Sus Elementos, Historia e Significado*, Ed. Gustavo Gili, Barcelona, 1993.
- STEENBERGEN, Clemens; REH, Wouter, *Arquitectura y Paisaje*, Ed. Gustavo Gili, Barcelona, 2001.
- THIIIS-EVENSEN, Thomas, *Archetypes in Architecture*, Oxford University Press, Oxford, 1994.
- TOMÉ, Miguel, *Património e Restauro em Portugal (1920-1995)*, FAUP publicações, Por

7. WEB:

Consultado a 29-04-2016:

-<http://www.archdaily.com.br/br/01-167111/centro-de-interpretacao-da-batalha-de-atoleiros-slash-goncalo-byrne-arquitectos-plus-oficina-ideias-em-linha>

- <http://www.cm-faro.pt/6796/convento-de-sao-franciscoescola-de-hotelaria.aspx>

- <http://www.archdaily.com.br/br/01-7783/centro-de-artes-casa-das-mudas-paulo-david>

- https://pt.wikipedia.org/wiki/Centro_das_Artes_-_Casa_das_Mudas

https://www.google.pt/search?noj=1&tbm=isch&sa=1&q=casa++das+mudas&oq=casa++das+mudas&gs_l=img.3...224548.935794938.0.935795698.15.14.0.0.0.0.242.1552.5j7j1.13.0....0...1c.1.64.img..2.4.461.iyCUY9b6CCM#imgdii=6nsL62MQL06szM%3A%3B6nsL62MQL06szM%3A%3BzBg9VibgvNVqeM%3A&imgrc=6nsL62MQL06szM%3A

Consultado a 05-05-2016:

- <http://www.proap.pt/pt-pt/projecto/centro-de-artes-e-congressos-casa-das-mudas/>

-<http://www.publico.pt/culturaipsilon/noticia/projecto-da-casa-dos-cubos-em-tomar-recebe-premio-de-arquitectura-de-interiores-1344302>

-<http://www.publico.pt/culturaipsilon/noticia/projecto-da-casa-dos-cubos-em-tomar-recebe-premio-de-arquitectura-de-interiores-1344302>

-<http://www.archdaily.com/202783/casa-dos-cubos-embaixada-arquitectura>

8. ANEXOS

I. Memória Descritiva e Justificativa do Projeto de Reabilitação do Convento dos Capuchos de Alferrara.

A seguinte memória descritiva refere-se ao projeto de reabilitação do Convento dos Capuchos de Alferrara e envolvente próxima.

1. Objeto

O objeto de intervenção e recuperação é o Convento dos Capuchos de Alferrara,

2. Localização

O Convento dos Capuchos de Alferrara, situa-se na Serra da Arrábida, em Setúbal, Distrito de Setúbal. O acesso ao Convento faz-se através da estrada nacional, e demora meia dúzia de minutos, desde o centro de Setúbal até ao Parque de Merendas de São Paulo que antecede o local *do Convento dos Capuchos de Alferrara*”.

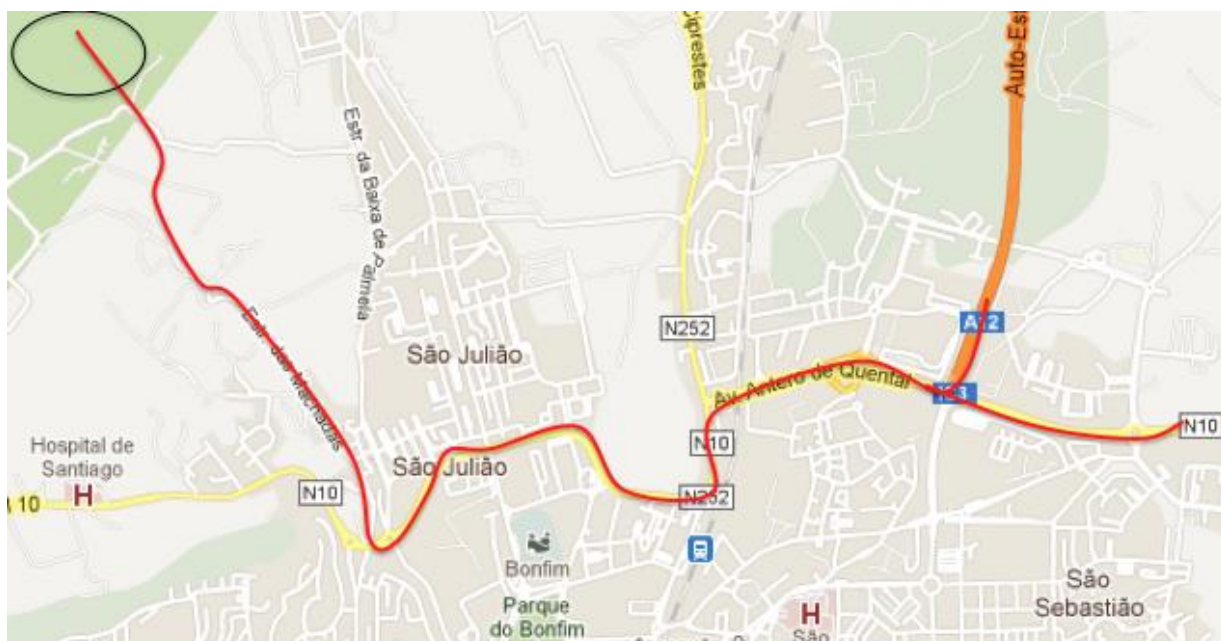


Figura 44: Mapa de Acessos ao Convento

Concluído o Caminho automóvel existem dois acessos, pedonais possíveis:

Através do Portão Principal de acesso aos dois Conventos (percurso 1), ou através da Quinta pedagógica da Associação AMRS (percurso 2),



Figura 45: Foto relativa aos percursos pedonais

Após o acesso pedonal, através de um íngreme caminho serpenteado de pedra, chegamos ao “Lugar do Convento dos Capuchos de Alferrara”.

Na chegada ao local deparamo-nos com uma imagem quase que indescritível, de tamanha beleza e cenário idílico: de frente ao nosso olhar apresenta-se a fachada principal do Convento, envolta em árvores de grande porte, a cor clara da fachada, mistura-se com o verde das árvores, os tons terra e azuis pontuando a imagem, todos os elementos, vegetais, edificado e terreno, em total e perfeita sintonia.

O Convento encontra-se implantado numa enorme clareira, onde se vê a montanha a circundar grande parte do convento e a sua vegetação como que a abraçar e a proteger o convento.

3. Contexto Histórico

O Convento dos Capuchos de Alferrara foi construído em 1578, inicialmente construiu-se uma pequena igreja, composta por um coro ao lado da capela-mor, as dependências monacais, com vários compartimentos em volta do claustro, o refeitório, e no piso superior inicialmente construiu-se apenas três celas.

Em 1600 o Convento foi alvo de novas obras de ampliação, e reedificação, No entanto devido a falta de verbas a obra só terminou em 1639. As novas obras contemplaram a construção do nártex coberto, sobre o qual se situava o coro alto da igreja, ampliação das acomodações dos frades, e expansão do corpo que se situa a oeste, o refeitório. O seu abandono e sucessiva degradação começou em 1834, quando se deu a extinção das ordens religiosas, seguindo-se um período de Vandalismo e saque que se prolongou até a atualidade.

4. Situação atual

O Convento dos capuchos de Alferraba apresenta um elevado estado de degradação, têm sido alvo de sucessivas intervenções na envolvente, como o desmatamento e arranjo dos acessos. Foi também alvo de um levantamento topográfico e arquitetónico, por parte da associação a qual pertence a AMRS, bem como uma avaliação das necessidades estruturais para se avançar para uma fase de sustentação até obras posteriores.

Atualmente encontra-se em estado de sustentação.

5. O edifício do Convento dos Capuchos de Alferrara (pré-existências)

A nível de desenho arquitetónico o Convento dos Capuchos de Alferrara é composto por dois volumes com forma, altura, dimensões e usos diferentes: o corpo da igreja, de forma retangular, e as dependências monacais, de forma quadrangular.

No corpo da igreja destaca-se a frontaria principal virada a Sudoeste de elevado interesse artístico, pois é um dos exemplares mais interessantes da aplicação de estuques moldados em exteriores existente em Portugal, a frontaria principal corria um elevado risco de desabamento, sendo que se procedeu a sua sustentação, utilizando uma estrutura em madeira, para evitar que esta desabasse.

Em termos de planta, a seguir à zona do nártex, a igreja é composta por apenas uma nave alongada, vazia, coberta por uma abóbada de berço de alvenaria estucada.

Agregado ao corpo da igreja, na direção sul localizam-se as dependências monacais, onde no piso térreo, situa-se o edifício conventual, e no centro deste situa-se o claustro, no piso superior localizavam-se os dormitórios e as celas.

Nas zonas Sudeste e Noroeste as paredes laterais que compõem o Convento, apresentam uma composição arquitetónica simples, de forma retangular, com vãos de diferentes tamanhos, e praticamente sem nenhum alinhamento.

A nível de relações espaciais, e de envolvente o edifício do Convento estabelece uma ligação muito forte e próxima com a sua envolvente mais próxima, e até com a envolvente mais distante.

A fachada principal está orientada para Sudoeste, de frente para um grande Adro natural, pontuado por elementos verticais, (árvores de grande porte), sendo que o único caminho de acesso ao Convento coincide com o Adro, tornando-se assim este um espaço de extrema importância para o Convento, sendo que é o ponto de chegada ao Convento.

A Sudeste, apesar desta não ser a fachada principal, a relação que se estabelece com a cidade e a vista panorâmica sobre a Cidade, Tróia, e a baía é enorme, até ao ponto em que o olhar deixa de conseguir distinguir as imagens, estas são infinitas.

As relações que o Convento estabelece com a envolvente são muito fortes, porém muito suaves, no modo como interagem, o Convento e a envolvente diluem-se, coexistindo em total ordem e harmonia.

6. Envolvente

Situado na elevação da falda da Serra dos Gaiteiros, o *Convento dos Capuchos de Alferrava* ergue-se a noroeste da cidade de Setúbal, na orla do vale verdejante que se estende desde Palmela.

A beleza que caracteriza o Lugar em termos de amenidade dos ares, abundância de água, abundante vegetação, fauna e flora paradisíacas e o esplendor de uma desafogada paisagem, terão sido os fatores que levaram a escolha deste lugar para implantação do Convento.

7. Programa Funcional e Espacial

A escolha do programa funcional para o Convento dos Capuchos de Alferrara, incidiu na proposta e implantação de um programa que revitaliza-se o Lugar e o edifício, e oferecesse um leque de diferentes funções e atividades direcionadas a todas as fchas etárias, com fins de dinamizar “o Lugar” do Convento dos Capuchos de Alferrara, tornando-o num Pólo Dinâmico e flexível para a cidade e para o usuário.

O Programa proposto visa a criação de variados espaços, dinamizadores e distintos, onde constam: espaços de “co-working” direcionados a trabalhadores independentes, jovens em início de carreira, que necessitem de um espaço físico que não acarrete muitos custos, in-

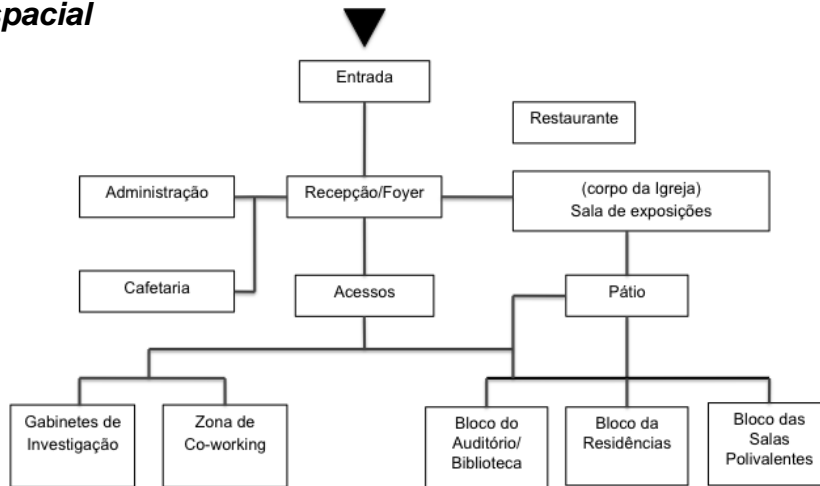
investigadores, estudantes; espaços de investigação, espaço de residências direcionadas aos investigadores que usufruem do espaço, espaços de exposição e divulgação, espaços dedicados a prática e aprendizagem de atividades físicas, como: terapias ayurvédicas, yoga, meditação, reiki, entre outros. Espaços sociais e de caráter lúdico como: o espaço do Restaurante, espaços direcionados também as faixas etárias mais jovens como a biblioteca e a mediateca, numa procura de estender o uso do convento a várias e diferenciadas atividades, que sirvam as diferentes faixas etárias, de modo a dinamizar o espaço, tornando-o atrativo para toda a população, devolvendo assim o “Lugar do Convento” à cidade, tendo como base um programa funcional, coeso, lógico, e que responda as necessidades da cidade, e do indivíduo.

7.1.Funções e Espaços propostos

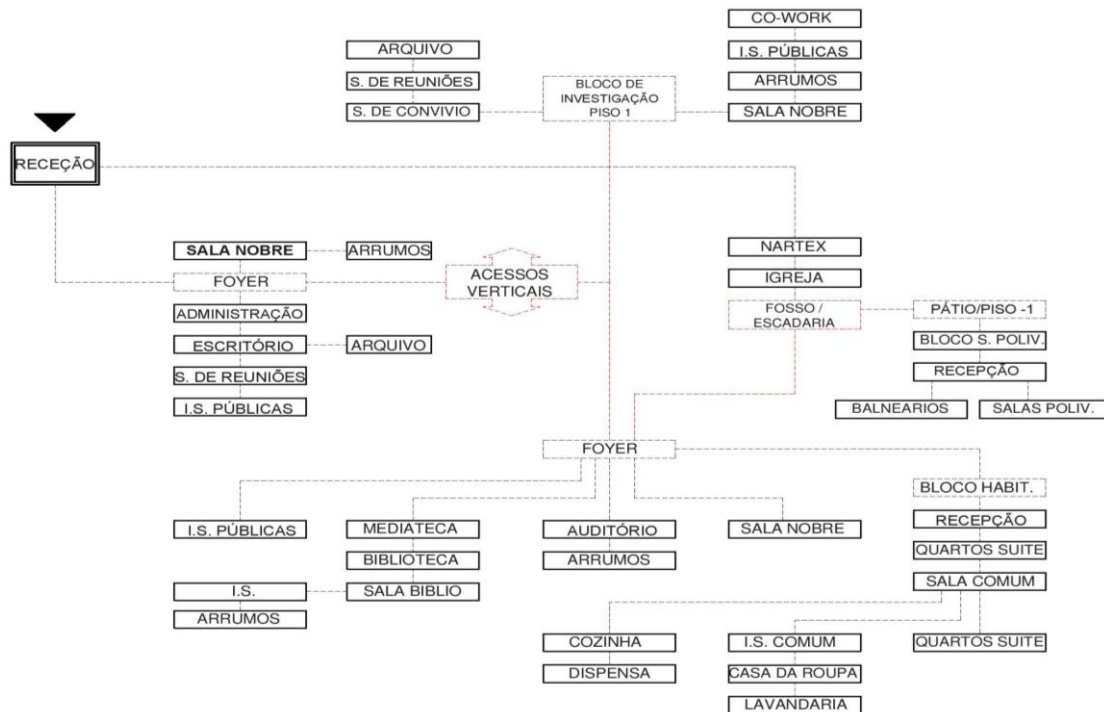
| Funções fixas/Espaços | Funções temporárias/sazonais/outras funções |
|--|---|
| Cafetaria | Passeios pedestres para observação da fauna e flora da Serra da Arrábida |
| Galeria Expositiva | Exposições Temporárias |
| Bar/Restaurante | Mostras gastronómicas com produtos da região/Concertos, palestras?? |
| Centro de “co-Working” | Espaços temporários polivalentes |
| Gabinetes/Salas de investigação | Salas/oficinas de investigação |
| Biblioteca/Mediateca | Palestras |
| Auditório | Palestras, congressos, concertos. |
| Salas polivalentes | Práticas desportivas permanentes: yoga, meditação, etc. Salas temporárias dedicadas a prática e aprendizagem de tratamentos alternativos (massagens ayurvédicas, reiki, ect.) |
| Residências temporárias | Pousada temporária para investigadores |

7.1.2. Organograma Espacial e Funcional

Espacial



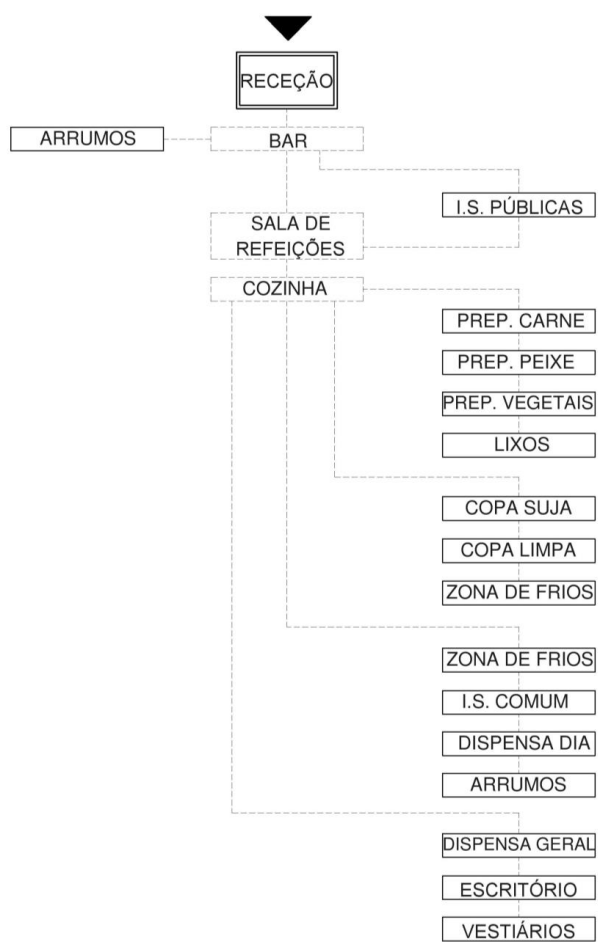
Funcional



Legenda:

----- Circulações principais - - - - - Circulações verticais - - - - - Circulações secundárias □ □ □ □ Pontos de distribuição

Bloco do restaurante



7.2. Áreas

7.2.1. Áreas úteis

Convento

| ESPAÇO | Área útil (m ²) | | | QUANTIDADE | ÁREA TOTAL (M ²) |
|-----------------------------------|-----------------------------|-----------------------|----------------------|------------|------------------------------|
| | Piso -1 | Piso 0 | Piso 1 | | |
| Foyer | 41.12 m ² | 31.88 m ² | | 2* | 73.00 m ² |
| Recepção | 16.31 m ² | 21.69 m ² | | 2* | 38.00 m ² |
| Zona de estar | | 38.71 m ² | 33.38 m ² | 2* | 72.09 m ² |
| Galeria Expositiva | | 98.81 m ² | | 1 | 98.81 m ² |
| Gabinetes da administração | | 63.07 m ² | | 2* | 63.07 m ² |
| Sala de reuniões | | 21.51 m ² | 21.16 m ² | 2* | 42.67 m ² |
| Auditório | | 98.96 m ² | | 1 | 98.96 m ² |
| Sala Nobre | 26.25m ² | 26.93 m ² | 23.43 m ² | 3* | 76.61 m ² |
| I. sanitárias públicas | 26.16 m ² | 22.93 m ² | 13.86 m ² | 8* | 62.95 m ² |
| I. sanitárias privadas | 3.27 m ² | | | 1 | 3.27 m ² |
| Arrumos | 16.48 m ² | 10.96 m ² | | 2* | 27.44 m ² |
| Biblioteca | 205.25 m ² | | | 1 | 205.25 m ² |
| Circulações/Acessos | 123.22 m ² | 108.24 m ² | 90.31 m ² | 3* | 321.77 m ² |
| Mediateca | 40.95 m ² | | | 1 | 40.95 m ² |
| Sala do Bibliotecário | 23.34 m ² | | | 1 | 23.34 m ² |
| Arquivo | 14.60 m ² | | | 1 | 14.60 m ² |
| Claustro | 37.80 m ² | | | 1 | 37.80 m ² |
| Pátio | 307.73 m ² | | | 1 | 307.73 m ² |
| Área útil (aprox.) | | | | | 1608.31 m ² |

*Espaços contabilizados, mas somados na totalidade devido a diferenças de áreas

Bloco do Restaurante

| ESPAÇO | ÁREA ÚTIL (M²) | QUANTIDADE | ÁREA TOTAL (M²) |
|-------------------------------|-----------------------|-------------------|------------------------|
| Bar | 8.61 m² | 1 | 8.61 m² |
| Esplanada | 16.75 m² | 1 | 16.75 m² |
| Sala de refeições | 115.17 m² | 1 | 115.17 m² |
| Cozinha | 31.58 m² | 1 | 31.58 m² |
| Despensa | 11.39 m² | 1 | 11.39 m² |
| Escritório | 10.95 m² | 1 | 10.95 m² |
| Preparação | 20.46 | 3* | 20.46 m² |
| Vestiários Mas./fem. | 26.46 m² | 2* | 26.46 m² |
| I. sanitárias públicas | 15.03 m² | 3 | 15.03 m² |
| Lixos | 6.02 m² | 1 | 6.02 m² |
| Arrumos | 9.85 m² | 2* | 9.85 m² |
| Circulações/Acessos | 35.73 m² | | 35.73 m² |
| Copas | 12.87 m² | 2* | 12.87 m² |
| Área útil (aprox.) | | | 294.41 m² |

***Espaços contabilizados, mas somados na totalidade devido a diferenças de áreas**

Bloco das Residências

| ESPAÇO | ÁREA ÚTIL (M²) | QUANTIDADE | ÁREA TOTAL (M²) |
|--|-----------------------|-------------------|------------------------|
| Receção/ Arrumos | 10.12 m² | 1 | 10.12 m² |
| Despensa | 2.53 m² | 1 | 2.53 m² |
| Quartos duplos Suite com Mobilidade | 23.38 m² | 1 | 23.38 m² |
| I.s. Suite com Mobilidade | 6.49 m² | 1 | 6.49 m² |
| Quartos suite Pátio | 24.50 m² | 5 | 122.50 m² |
| I.s. Privadas (suites) Pátio | 4.95 m² | 5 | 24.75 m² |
| Sala comum | 44.18 m² | 1 | 44.18 m² |
| Cozinha comum | 30.00 m² | 1 | 30.00 m² |
| Lavandaria | 18.68 m² | 1 | 18.68 m² |
| I.s. comuns | 3.58 m² | 1 | 3.58 m² |
| Quartos suite Mar | 25.14 m² | 4 | 100.56 m² |
| I.s. Privadas (suites) Mar | 4.95 m² | 4 | 19.80 m² |
| Circulações/Acessos | 105.92 m² | | 105.92 m² |
| Área útil (aprox.) | | | 512.49 m² |

***Espaços contabilizados, mas somados na totalidade devido a diferenças de áreas**

Bloco das Salas Polivalentes

| ESPAÇO | ÁREA ÚTIL (M²) | QUANTIDADE | ÁREA TOTAL (M²) |
|--------------------------------------|-----------------------|-------------------|------------------------|
| Receção | 6.27 m² | 1 | 6.27 m² |
| Arrumos | 5.85 m² | 1 | 5.85 m² |
| Salas Polivalentes | 33.60 m² | 5 | 168.00 m² |
| Balneários Masc. | 14.03 m² | 1 | 14.03 m² |
| Balneários Fem. | 14.38 m² | 1 | 14.38 m² |
| Circulações/Acessos | 69.62 m² | | 69.62 m² |
| Balneários Com mobilidade | 3.20 m² | 1 | 3.20 m² |
| Área útil (aprox.) | | | 281.35 m² |

***Espaços contabilizados, mas somados na totalidade devido a diferenças de áreas**

| ÁREA ÚTIL TOTAL APROXIMADA | ÁREA TOTAL (M²) |
|-----------------------------------|------------------------|
| Piso 1+Restaurante | 683.52 m² |
| Piso 0 | 570.49 m² |
| Piso -1 | 2009.05 m² |
| Área total dos pisos | 3263.06 m² |

7.2.2. Áreas de implantação e construção

| EDIFÍCIO | ÁREA DE IMPLANTAÇÃO APROX. (M2) | ÁREA BRUTA DE CONSTRU- ÇÃO APROX. (M2) |
|--------------------|------------------------------------|---|
| Convento | 968.80 m2 | 1015.53 m2 |
| Restaurante | 448.74 m2 | 572.72 m2 |
| Residências | 654.32 m2 | 673.52 m2 |
| Salas Polivalentes | 341.34 m2 | 347.54 m2 |
| Total | 2413.20 m2 | 2609.31m2 |

| ARRANJOS EXTERIORES | ÁREA APROX. (M2) |
|-----------------------|------------------|
| Adro | 960.00 m2 |
| “Pátio das traseiras” | 574.57 m2 |
| Estacionamento | 324.96 m2 |

7.3. Estimativa de Custos

Reabilitação – 1000€/m²

Construção nova acima do solo – 800€/m²

Construção a baixo do solo – 900/m²

Estimativa de custos = Área Bruta de Construção x Custo/m²

7.3.1. Estimativa de Custos para a Reabilitação do Convento

Área Bruta de Construção = 2609.31m²

Custo/m² = 1000€/m²

Custo total = 2.609.310€

7.3.2. Estimativa de Custos para a construção para o edifício do Restaurante (a cima do solo)

Área Bruta de Construção = 572.72m^2

Custo/m² = 800€/m²

Custo total = 458.176€

7.3.3. Estimativa de Custos para o edifício das Residências, das Salas Polivalentes, e Auditório (abaixo do solo)

Área Bruta de Construção = 2036.59m^2

Custo/m² = 900€/m²

Custo total = 1.832.931€

7.3.5. Estimativa de Custos para arranjos exteriores

Superfície total de arranjos exteriores = 1859.53m^2

Custo/m² = 100€/m²

Custo total = 185.953€

7.3.6. Estimativa de Custos para a realização da totalidade do projeto de reabilitação do Convento dos Capuchos de Alferrara

Custo total da obra = 2.795.263€

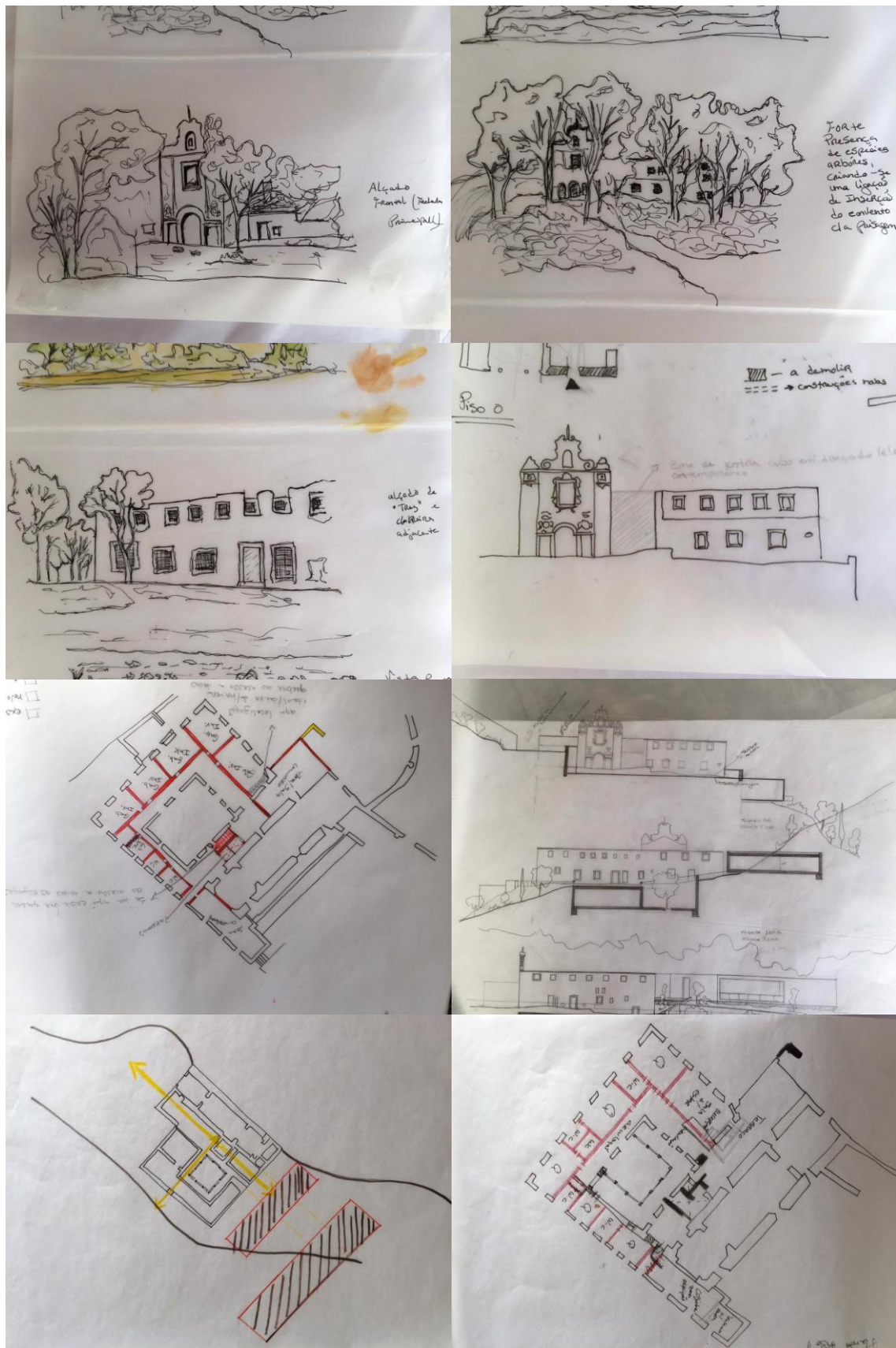
9. Conclusões

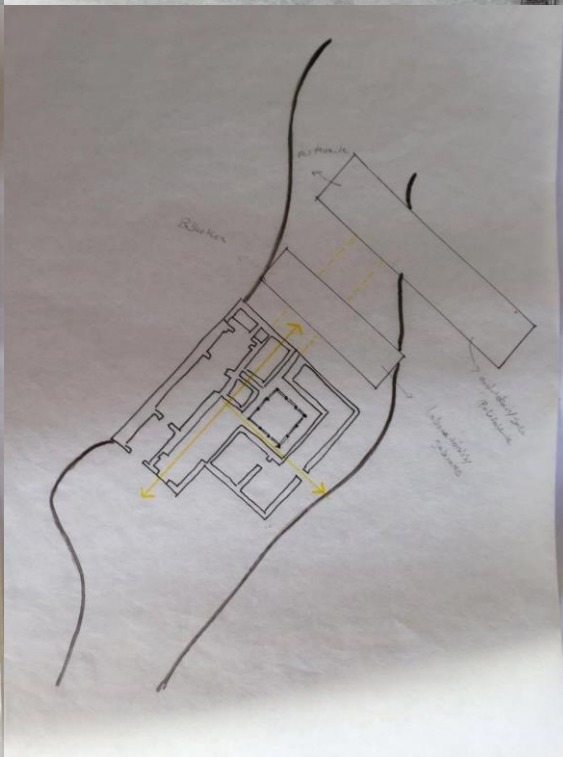
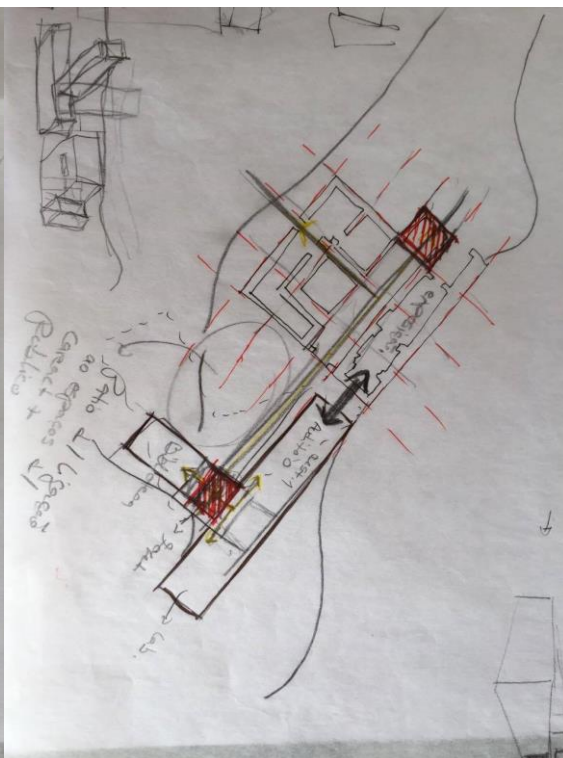
O objetivo principal era conseguir se um complexo de volumes com diferentes funções, interligados entre si, de grande qualidade mas que apresentassem uma leitura discreta a partir do exterior, onde a peça de destaque, a centralidade da proposta fosse sempre o corpo do Convento, onde os blocos novos surgissem sempre como uma mais valia, no conjunto de todo o projeto proposto, não entrando, no entanto, em disputa por um protagonismo visual exterior, com o património já existente, mas surgissem assim de forma a reforçar as preexistências, harmonizando, e completando o “Lugar do Convento”, com uma arquitetura contemporânea de

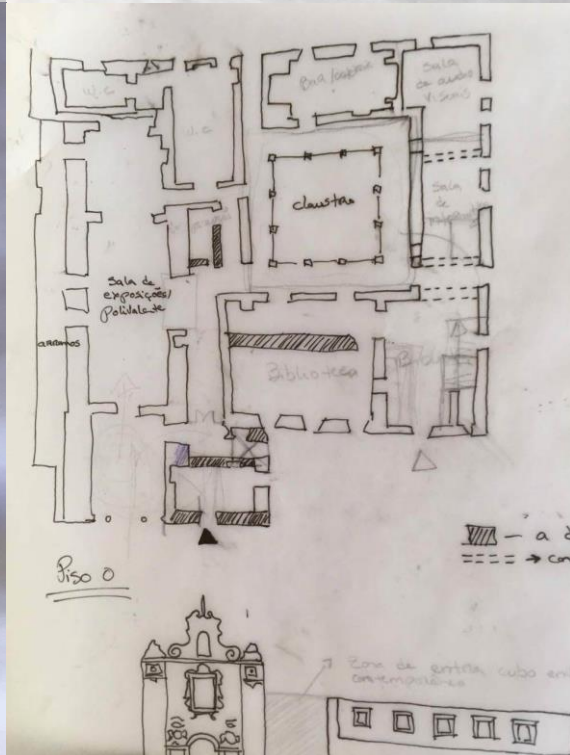
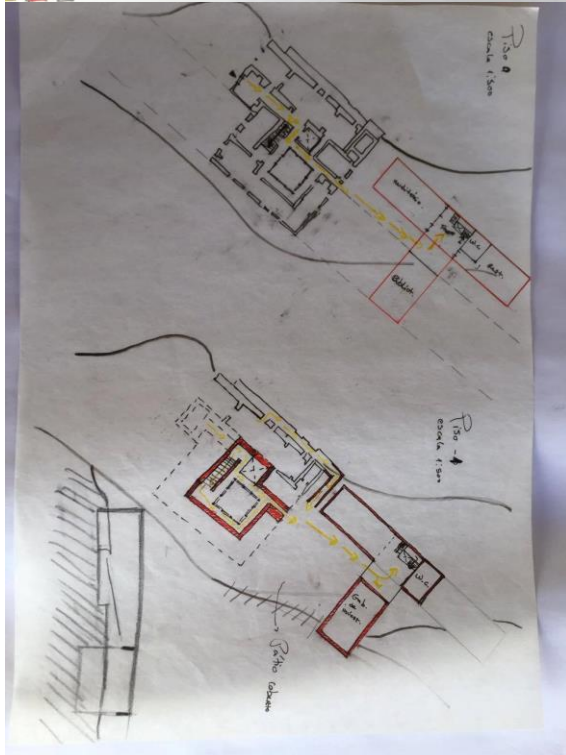
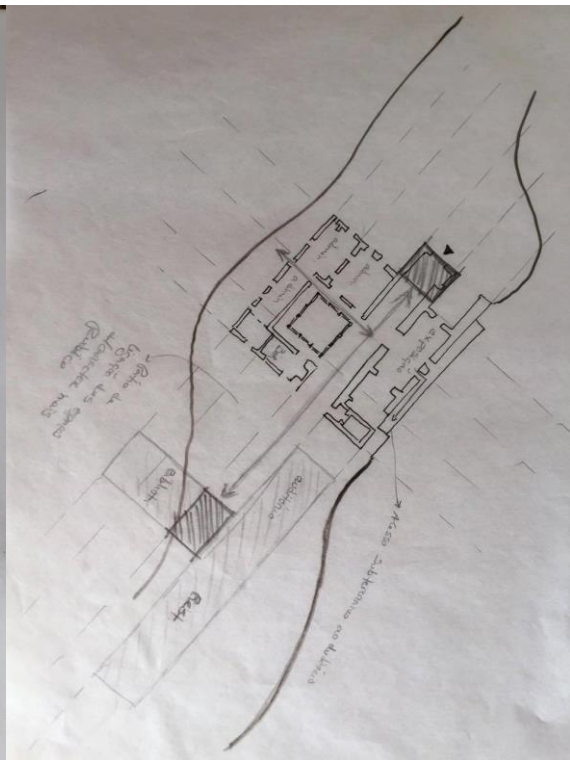
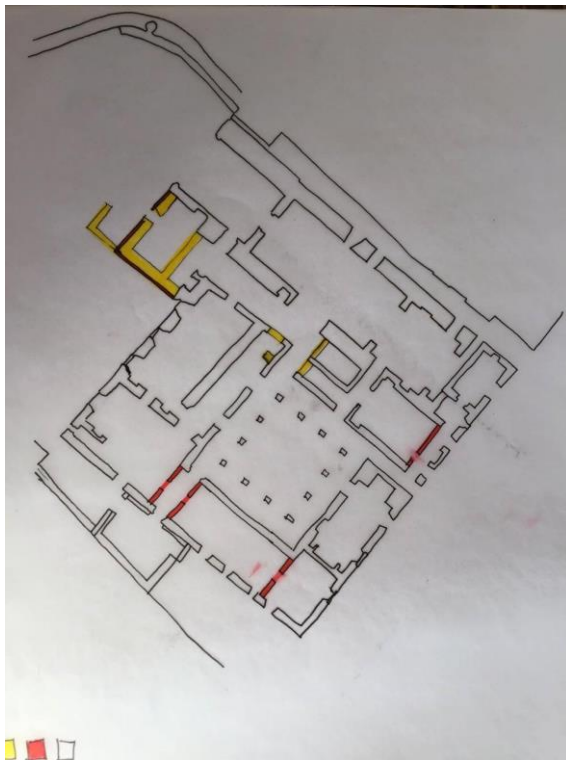
linhas simples, suaves, que se fundem com o edificado existente, com a paisagem, e a topografia.

O objetivo final era conseguir-se uma reabilitação “contemporânea”, adequando os edifícios pré-existentes, neste caso: O Convento dos Capuchos de Alferrara, as novas valências temporais, de modo a obtêm-se uma valorização patrimonial a nível do edificado, sem o ferir, sem lhe retirar a identidade, muito pelo contrário, conferir-lhe mais identidade e presença, e uma maior valorização do “Lugar”, com fins a devolver-se assim o Convento dos Capuchos de Alferrara e todo o “Lugar” deste, a cidade, ao individuo, ao usuário, ao “Lugar”.

II. Esquços e levantamento fotográfico







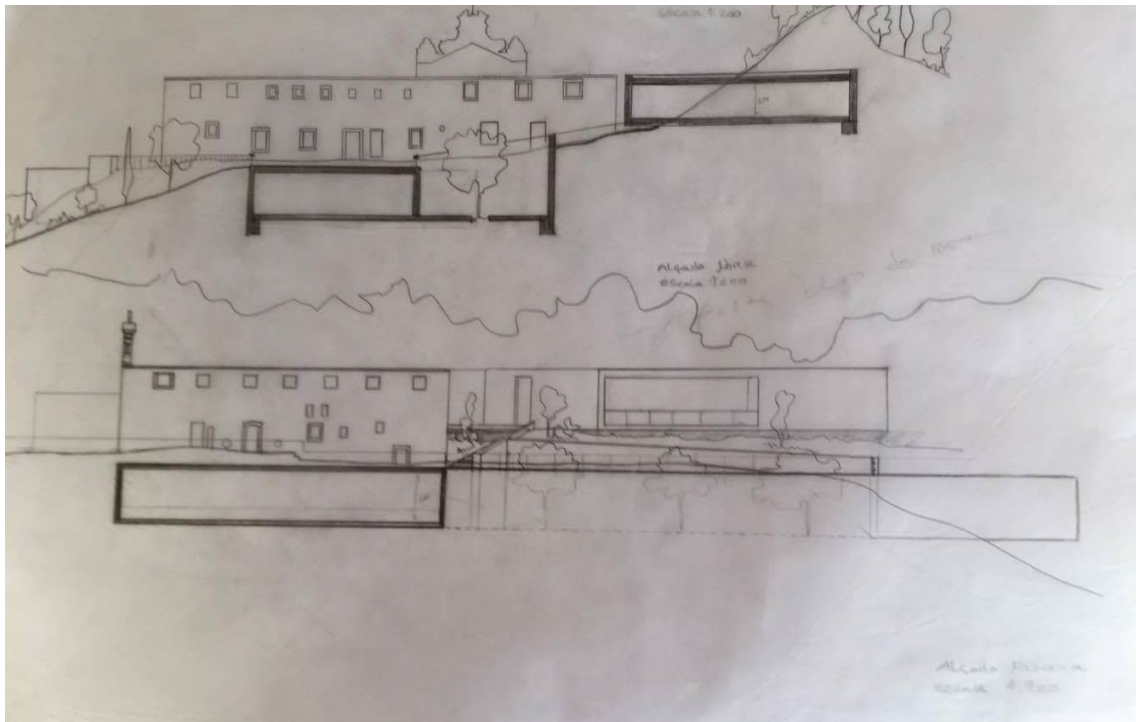




Figura 1 – Vista da zona de chegadas automóveis



Figura 2 – Caminho pedonal de acesso ao Convento



Figura 3 – Zona de chegada do Convento



Figura 4 – Zona de chegada do Convento



Figura 5 – pormenor da decoração de estuques do Nartex



Figura 6 – Pequena reentrância no muro da zona do Adro



Figura 7 – Zona do Nártex



Figura 8 – Fachada Noroeste



Figura 9 – Vista a partir da fachada Noroeste



Figura 10 – Dependências monacais



Figura 11 – Dependências monacais



Figura 13 – Zona do claustro



Figura 14 – Galerias a volta do claustro

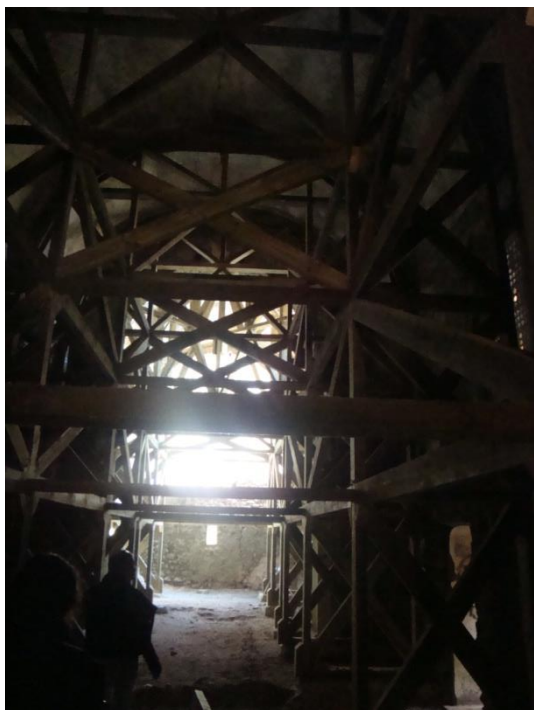


Figura 15 – Nave central da igreja



Figura 16 - Zona lateral ao corpo da igreja



Figura 17 - Vestígios do medalhão de estuque presente na arcada do Nártex

III. Fotografias das maquetes

Maquete de localização, escala 1/2000:

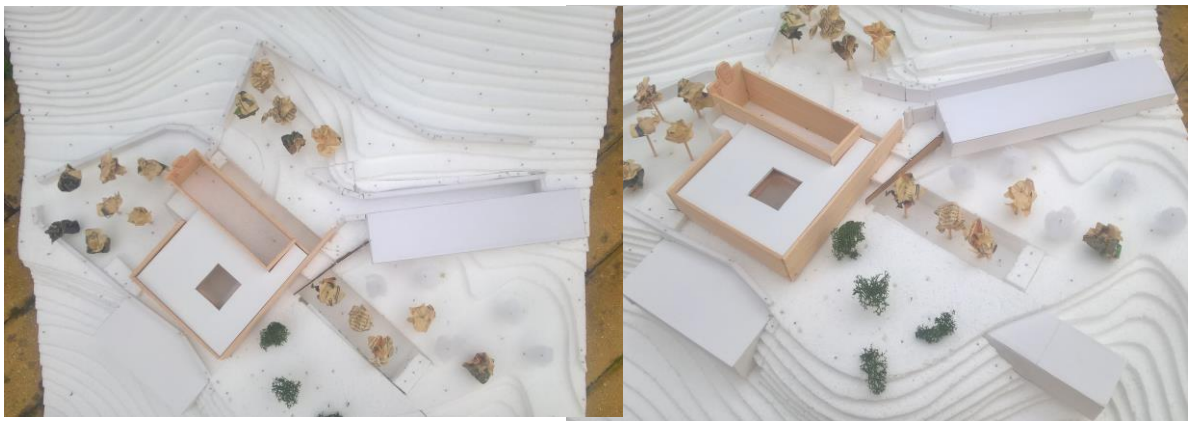


Maquete de implantação, escala 1/500:





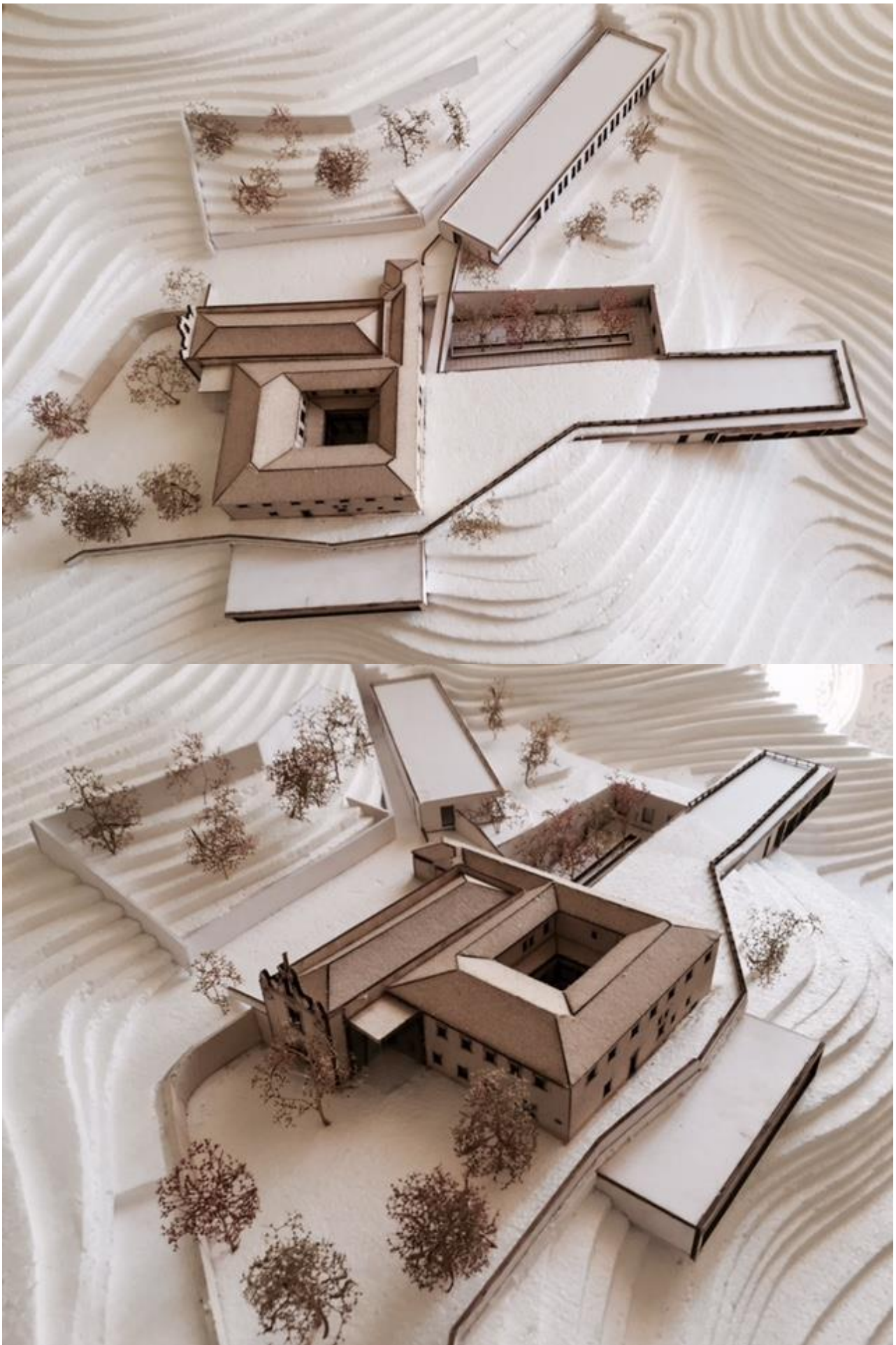
Maquete de estudo da proposta, escala 1/200:





Maquete da proposta final, escala 1/200:









IV. Peças desenhadas apresentadas em painéis A0 e A1 reduzidos a A3 em várias escalas

Listagem de desenhos:

Desenho nº A.0.1. - Planta de Localização, Casos de estudo – Esc. Várias escalas

Desenho nº A.0.2. - Planta de implantação, Quadro de usos e Diagrama de espaço – Esc. Várias escalas

Desenho nº A.0.3. – Amarelos e Vermelhos, Planta piso -1, Planta piso 0 – Esc. 1/200

Desenho nº A.0.4. – Amarelos e Vermelhos, Planta piso 1, Planta de Cobertura – Esc. 1/200

Desenho nº A.0.5. – Planta de Implantação, Alçados do Existente, Imagens do Local, e Pontos de Vista – Esc. Várias escalas

Desenho nº A.1.1. - Planta do piso -1 – Esc.1/100

Desenho nº A.1.2. - Planta piso 0 – Esc.1/100

Desenho nº A.1.3. - Planta do piso 1 – Esc.1/100

Desenho nº A.1.4. - Planta da cobertura – Esc.1/100

Desenho nº A.1.5. - Alçado Sudoeste e Alçado Sudeste – Esc.1/100

Desenho nº A.1.6. - Alçado Nordeste e Corte A-B – Esc.1/100

Desenho nº A.1.7. - Corte C-D e Corte E-F – Esc.1/100

Desenho nº A.1.8. - Corte G-H e Corte I-J – Esc.1/100

Desenho nº A.2.0. - Fachada Cortina (P2) – Esc.1/20

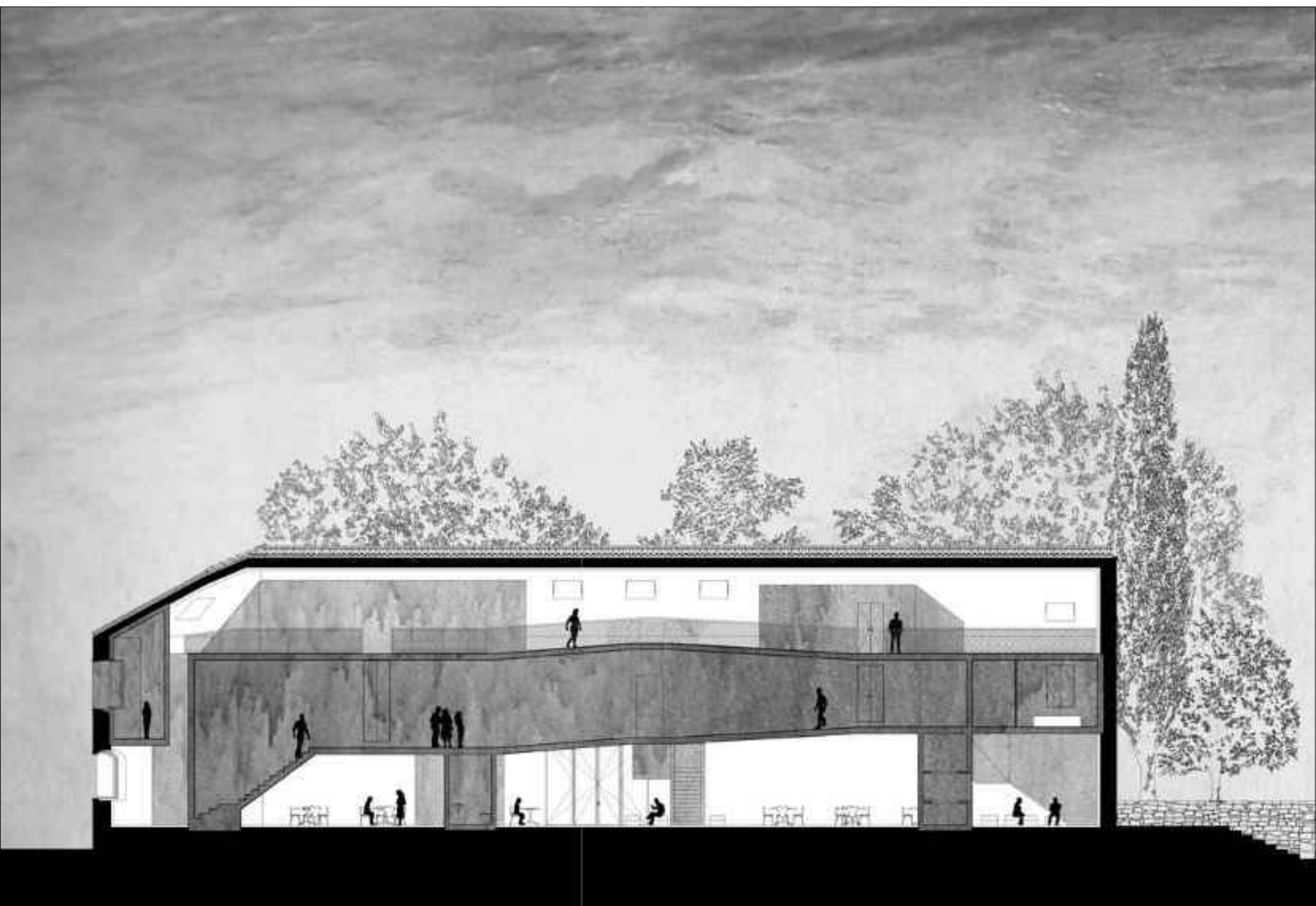
Desenho nº A.2.1. – Pátio central (P2) – Esc.1/20

Desenho nº A.3.0. – Renderes – Sem Escala

Desenho nº A.3.1. – Renderes – Sem Escala



PLANTA DE LOCALIZAÇÃO ESC. 1/25000



CASA DOS CUBOS - CASO DE ESTUDO



CASA DA MUDA - CASO DE ESTUDO



POUSADA DE VISEU - CASO DE ESTUDO



CASA DOS CUBOS - CASO DE ESTUDO



CASA DA MUDA - CASO DE ESTUDO



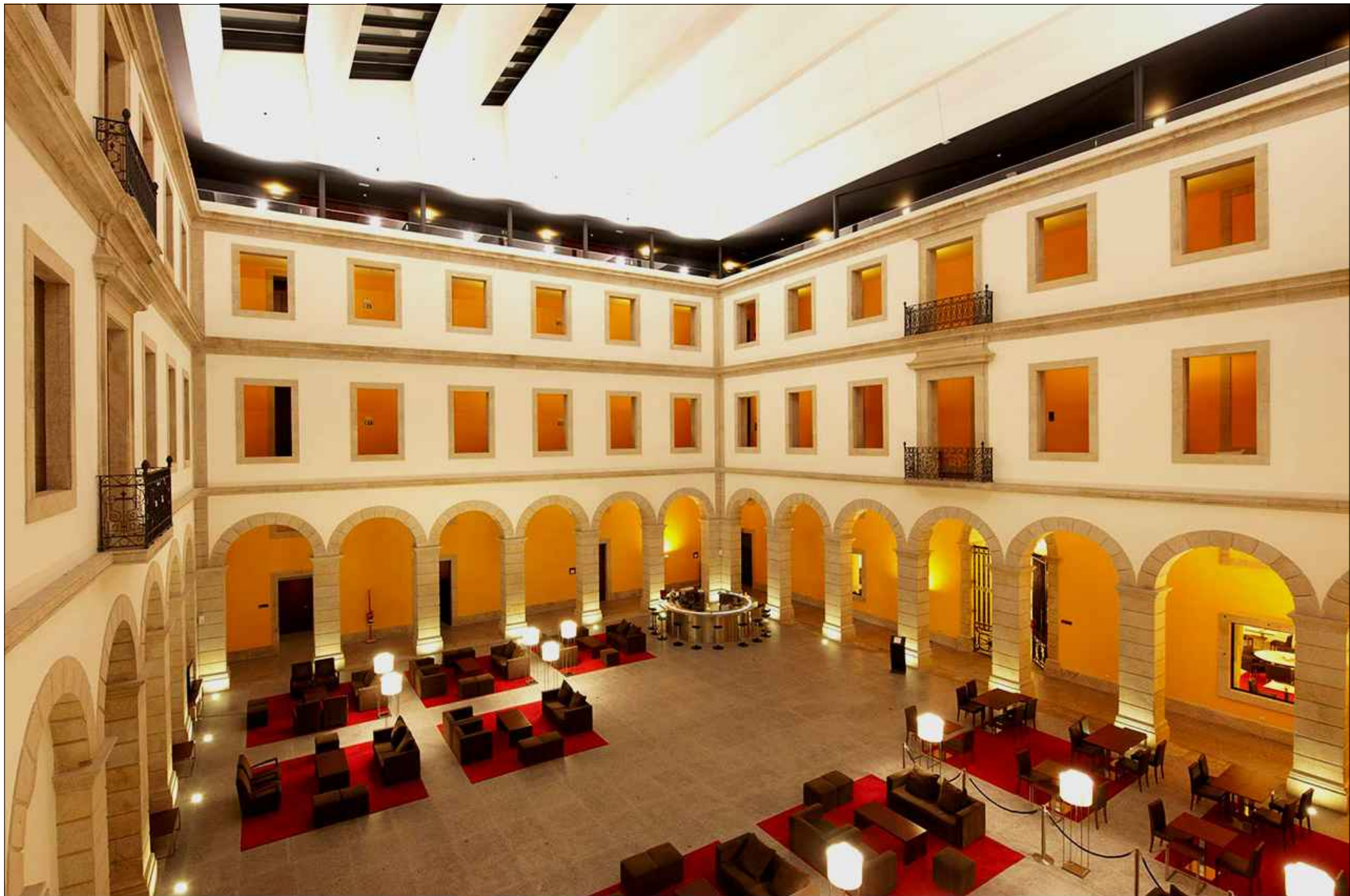
POUSADA DE VISEU - CASO DE ESTUDO



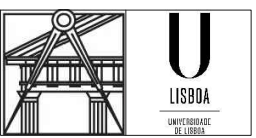
CASA DOS CUBOS - CASO DE ESTUDO



CASA DA MUDA - CASO DE ESTUDO



POUSADA DE VISEU - CASO DE ESTUDO



GABI PARREIRA GAMITO
Projecto Final de Mestrado nº 7514

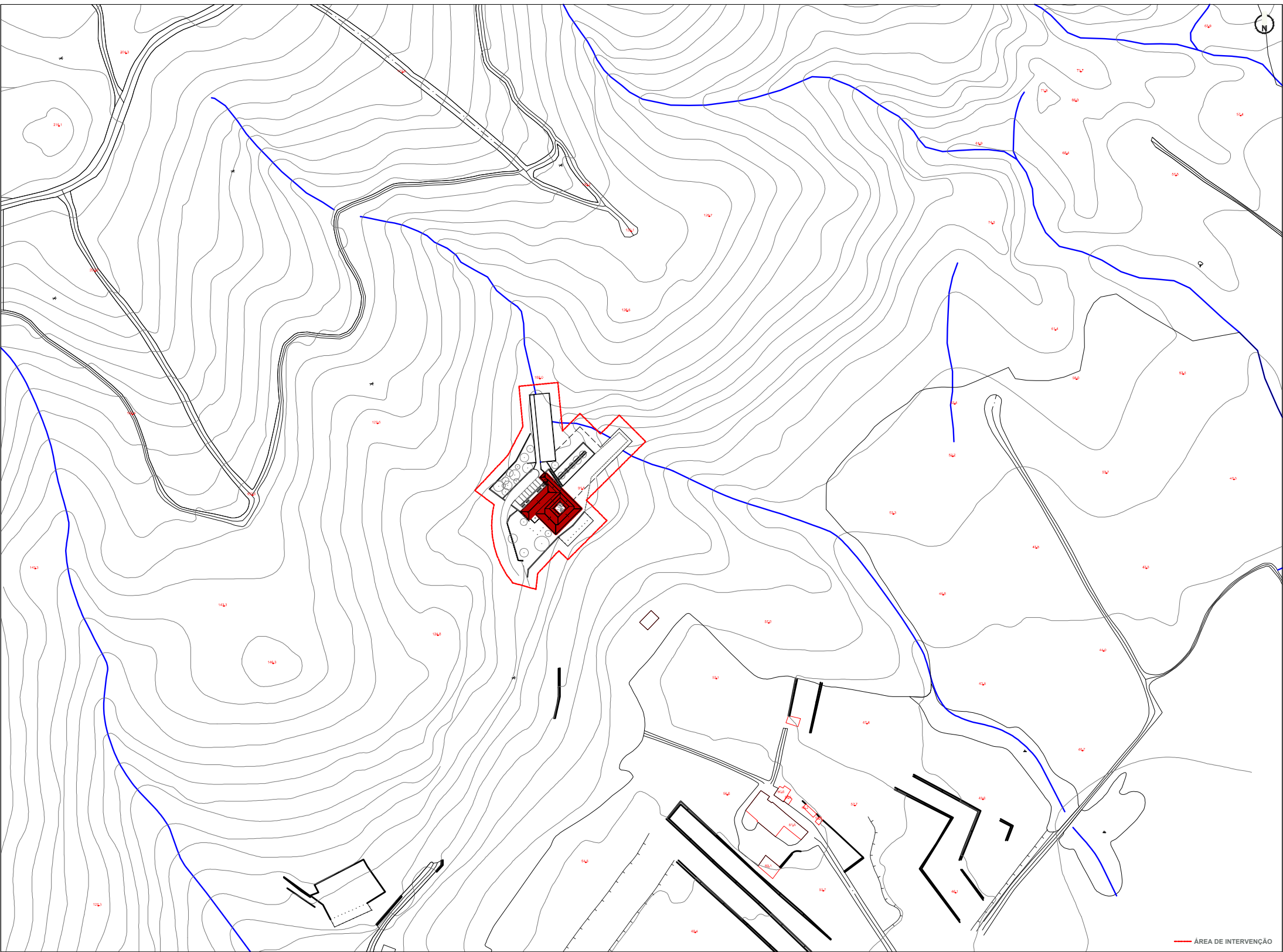
ORIENTADOR: Professor Doutor
AMÍLCAR GIL PIRES

PROJECTAR COM O LUGAR:
REABILITAÇÃO DO CONVENTO DOS CAPUCHOS DE ALFERRARA, NA SERRA DA ARRÁBIDA
CENTRO DE INVESTIGAÇÃO E DIVULGAÇÃO DA SERRA DA ARRÁBIDA

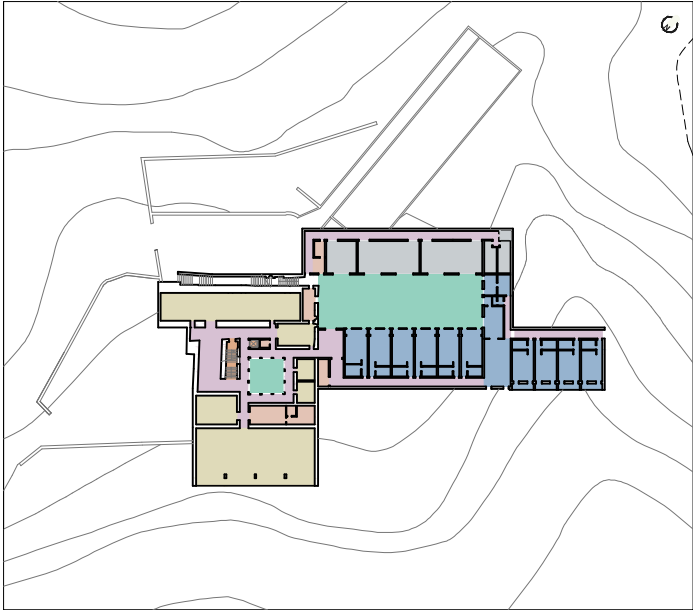
TEMATICA DO PAINEL:
PLANTA DE LOCALIZAÇÃO
CASOS DE ESTUDO

ESCALA:
VÁRIAS

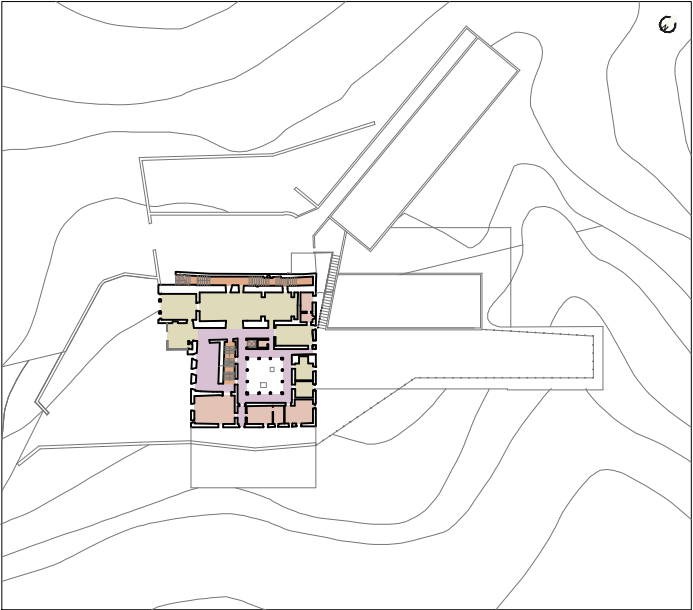
DESENHO:
A. 0.1



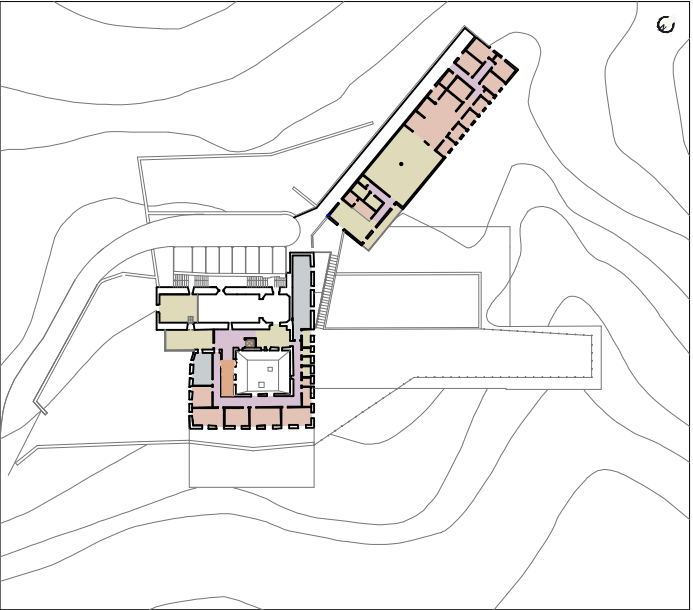
PLANTA DE IMPLANTAÇÃO ESC. 1/1000



PLANTA ESQUEMÁTICA PISO -1 ESC. 1/500



PLANTA ESQUEMÁTICA PISO 0 ESC. 1/500



PLANTA ESQUEMÁTICA PISO 1 ESC. 1/500

QUADRO DE USOS

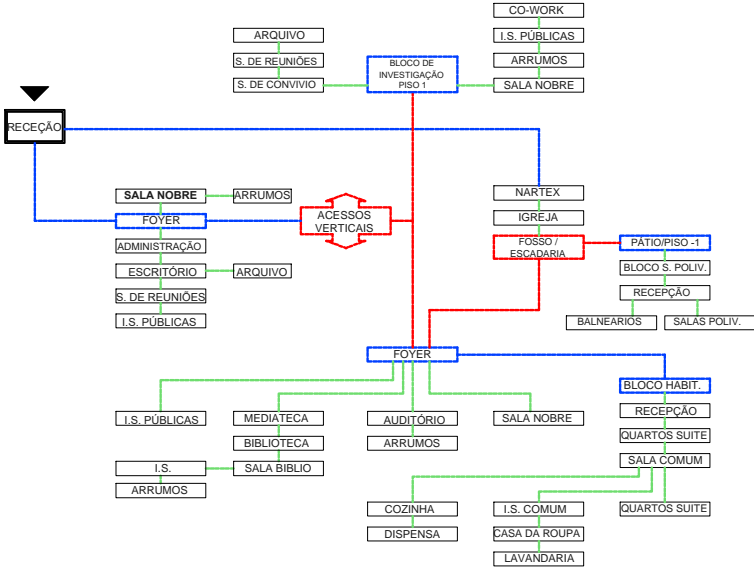
VALORES REPRESENTAM ÁREA ÚTIL

| TIPO DE ESPAÇOS | PISO -1 | PISO 0 | PISO 1+REST. | TOTAL |
|-----------------------|-----------|-----------|--------------|------------|
| PÚBLICOS | 474.86 M² | 208.90 M² | 287.69 M² | 971.44 M² |
| CIRCULAÇÃO | 434.94 M² | 200.73 M² | 125.02 M² | 760.69 M² |
| PRIVADOS | 79.93 M² | 99.41 M² | 183.39 M² | 362.73 M² |
| CIRCULAÇÕES VERTICAIS | 17.37 M² | 61.45 M² | 16.28 M² | 95.10 M² |
| SEMI-PÚBLICOS | 202.89 M² | | 71.14 M² | 274.03 M² |
| EXTERIOR | 344.95 M² | | | 344.95 M² |
| HABITACIONAL | 454.11 M² | | | 454.11 M² |
| | | | | 3263.06 M² |

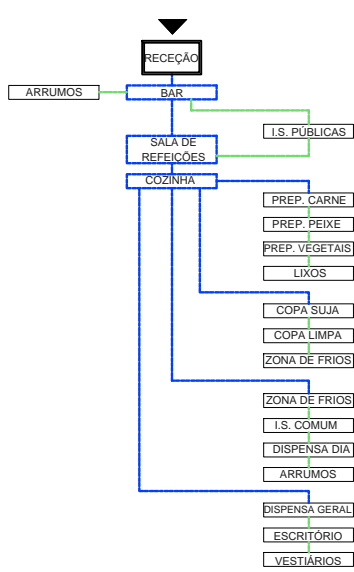
Legenda: Circulações principais Circulações verticais Circulações secundárias Pontos de distribuição

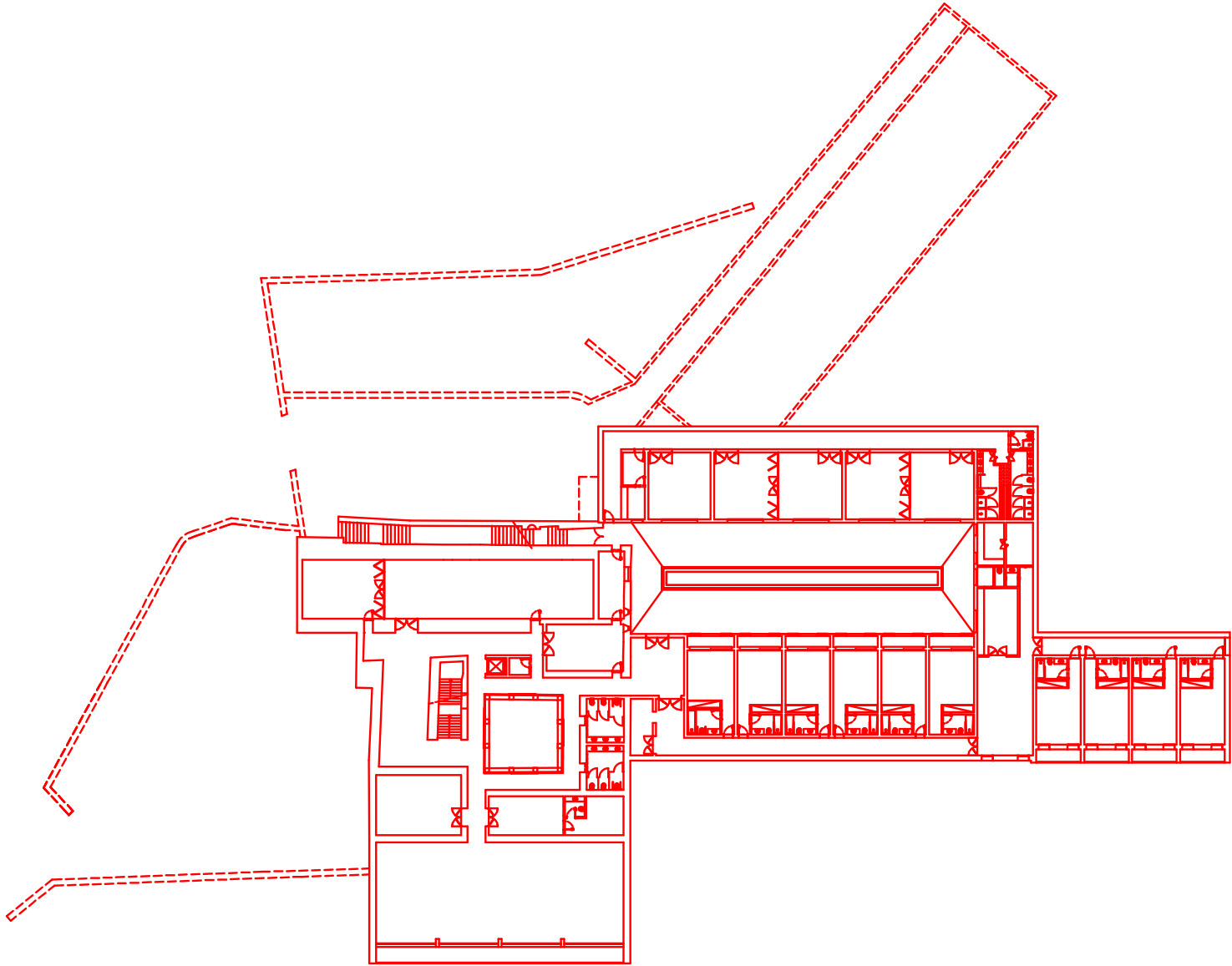
DIAGRAMA ORGANIZACIONAL:

BLOCO CONVENTO

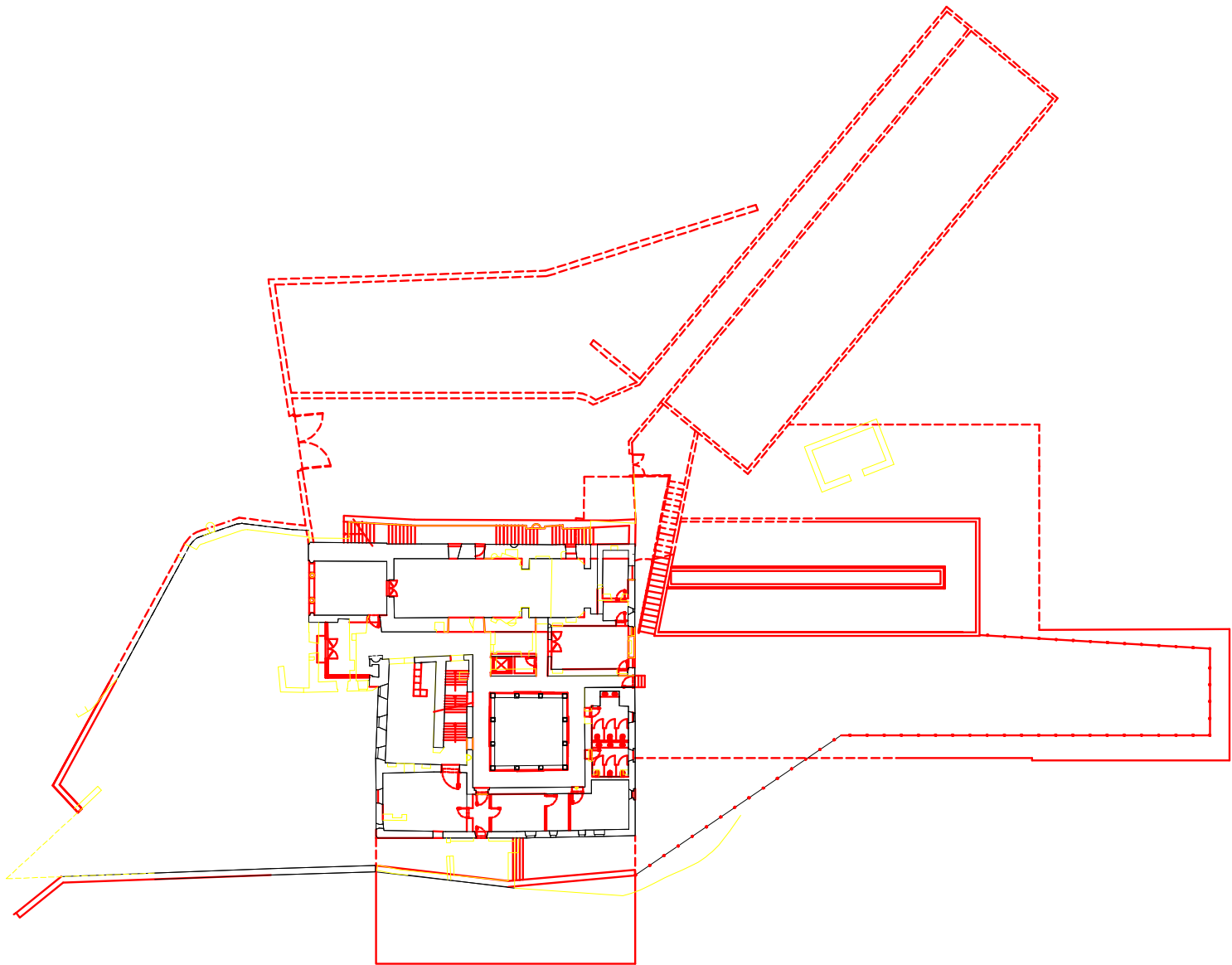


BLOCO RESTAURANTE:

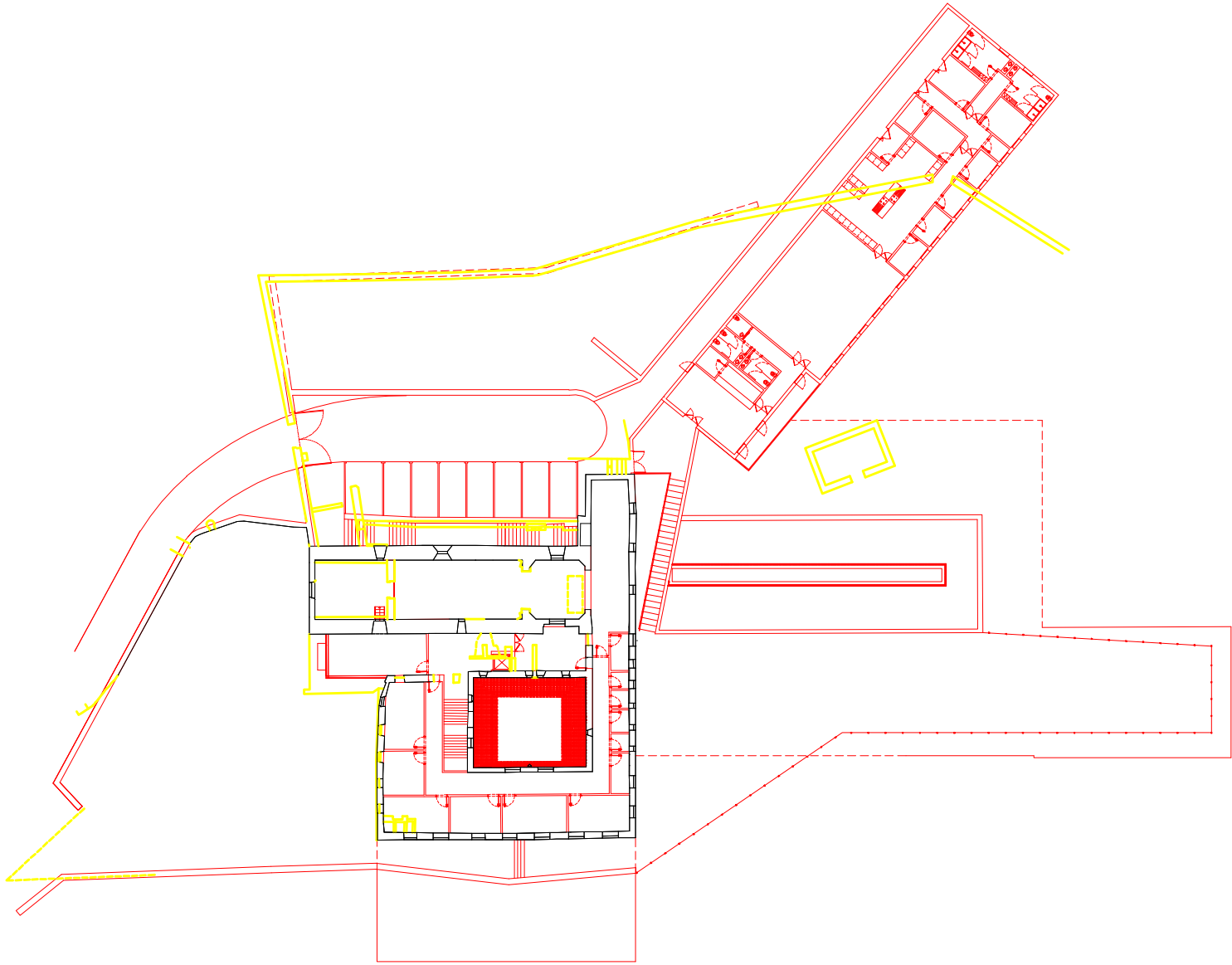




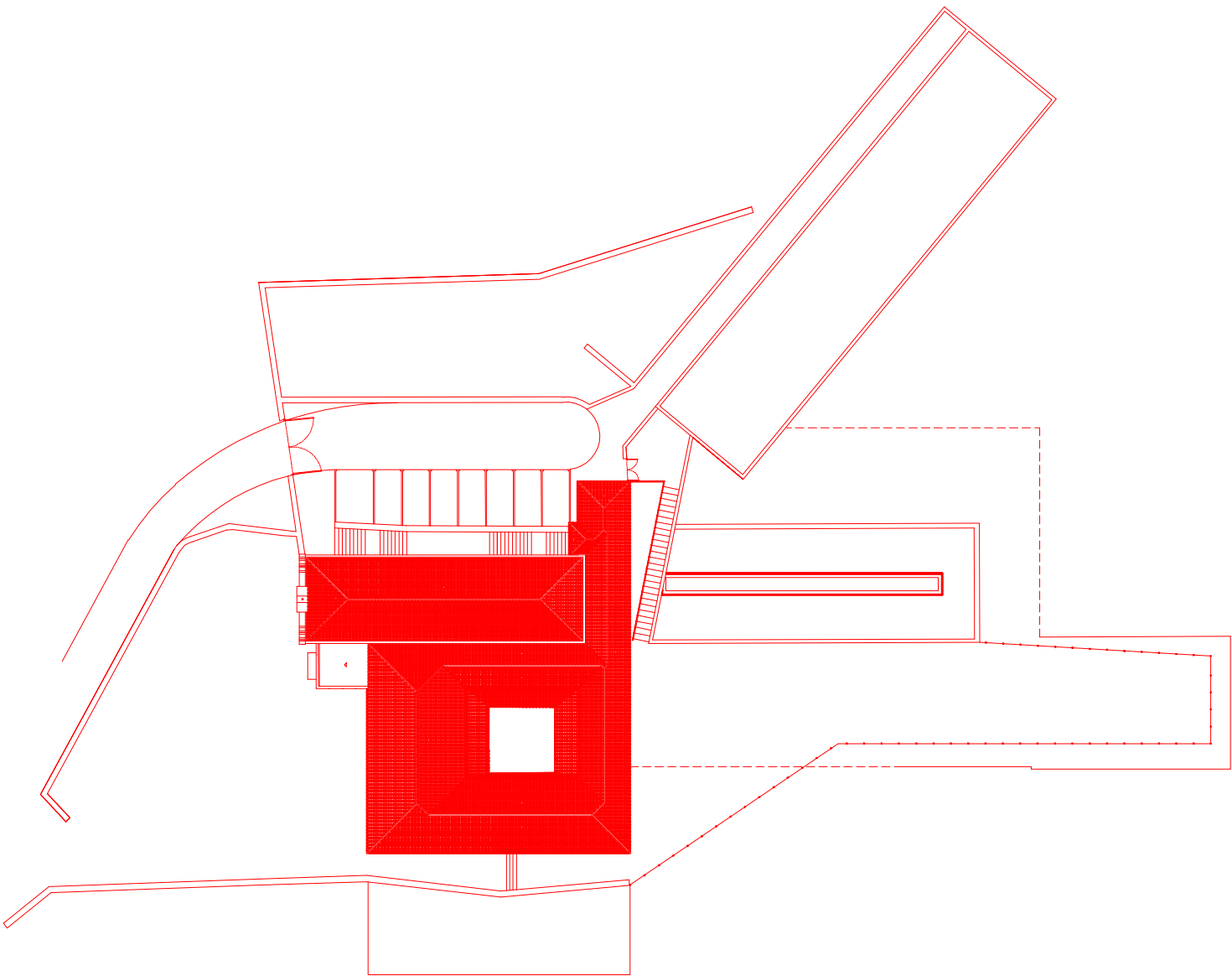
AMARELOS E VERMELHOS PISO -1



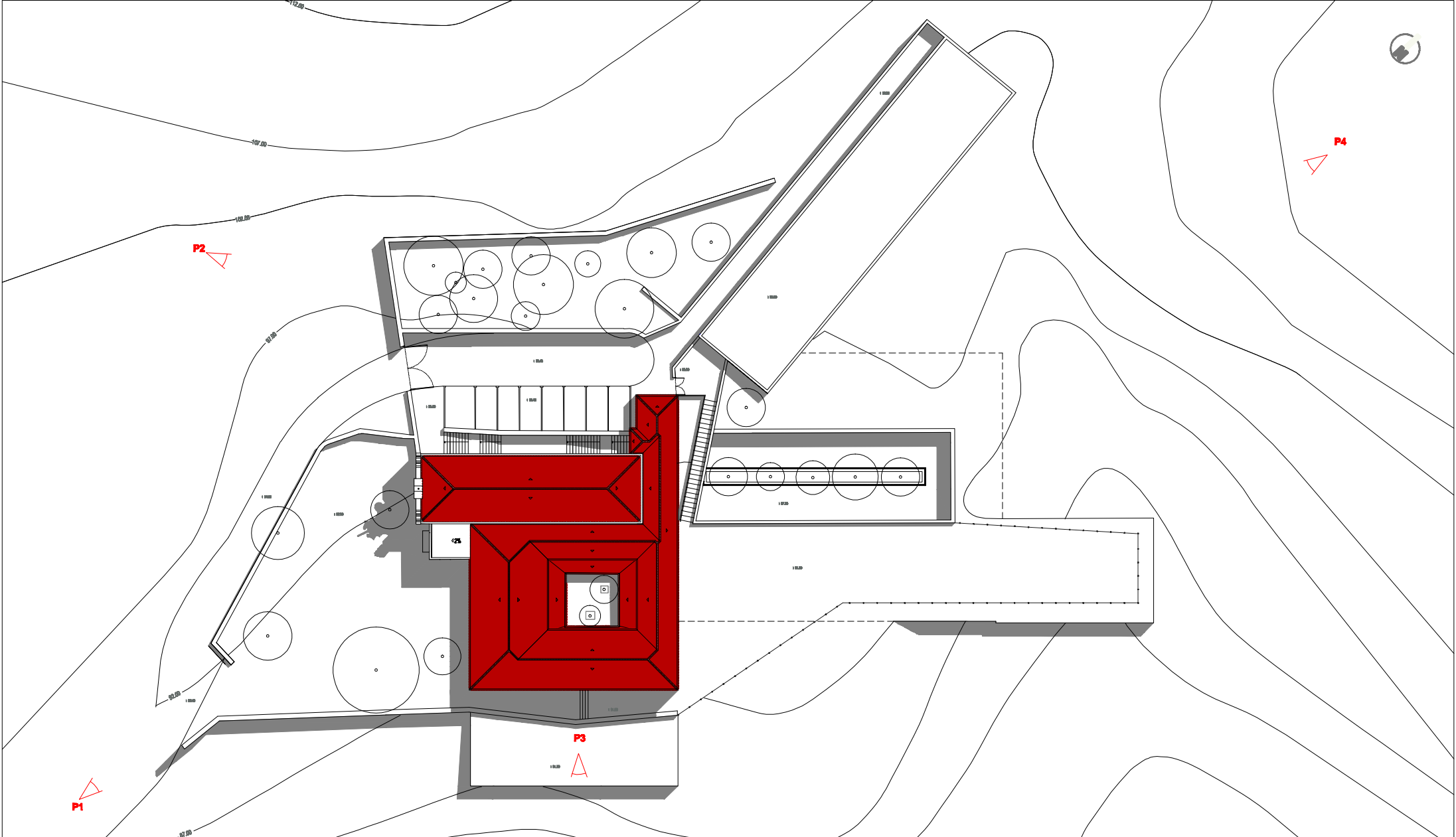
AMARELOS E VERMELHOS PISO 0



AMARELOS E VERMELHOS PISO 1

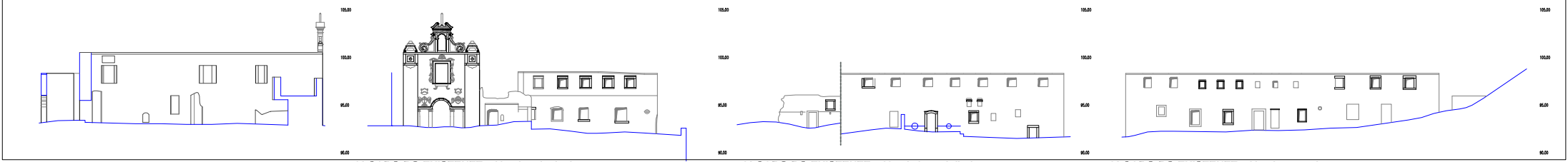


AMARELOS E VERMELHOS COBERTURA



PLANTA DE IMPLANTAÇÃO - PROPOSTO

ESC. 1/200



ALÇADO DO EXISTENTE - Alçado lateral esquerdo

ALÇADO DO EXISTENTE - Alçado principal

ALÇADO DO EXISTENTE - Alçado lateral direito

ALÇADO DO EXISTENTE - Alçado posterior



GABI PARREIRA GAMITO
Projecto Final de Mestrado nº 7514

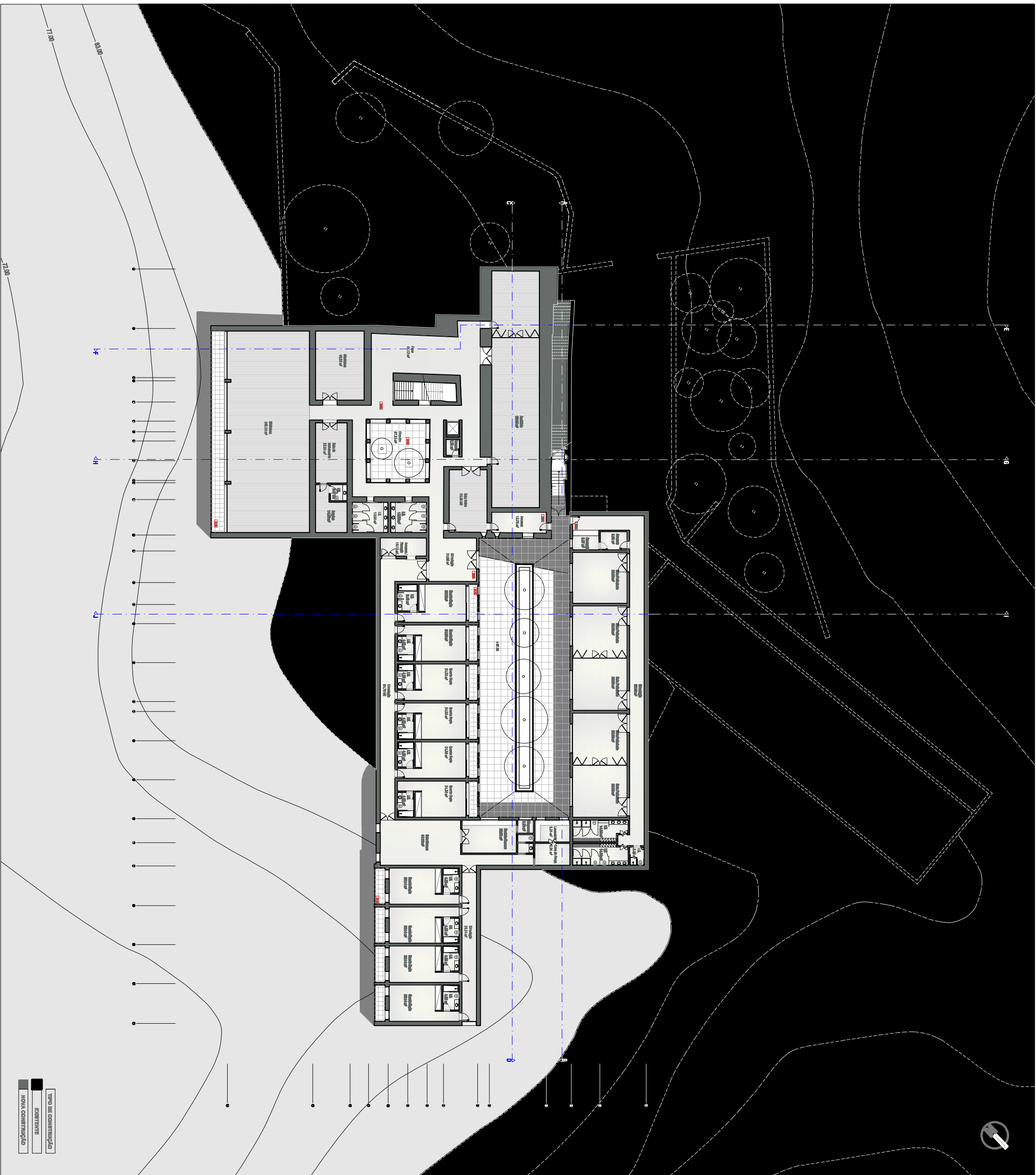
ORIENTADOR: Professor Doutor
AMÍLCAR GIL PIRES

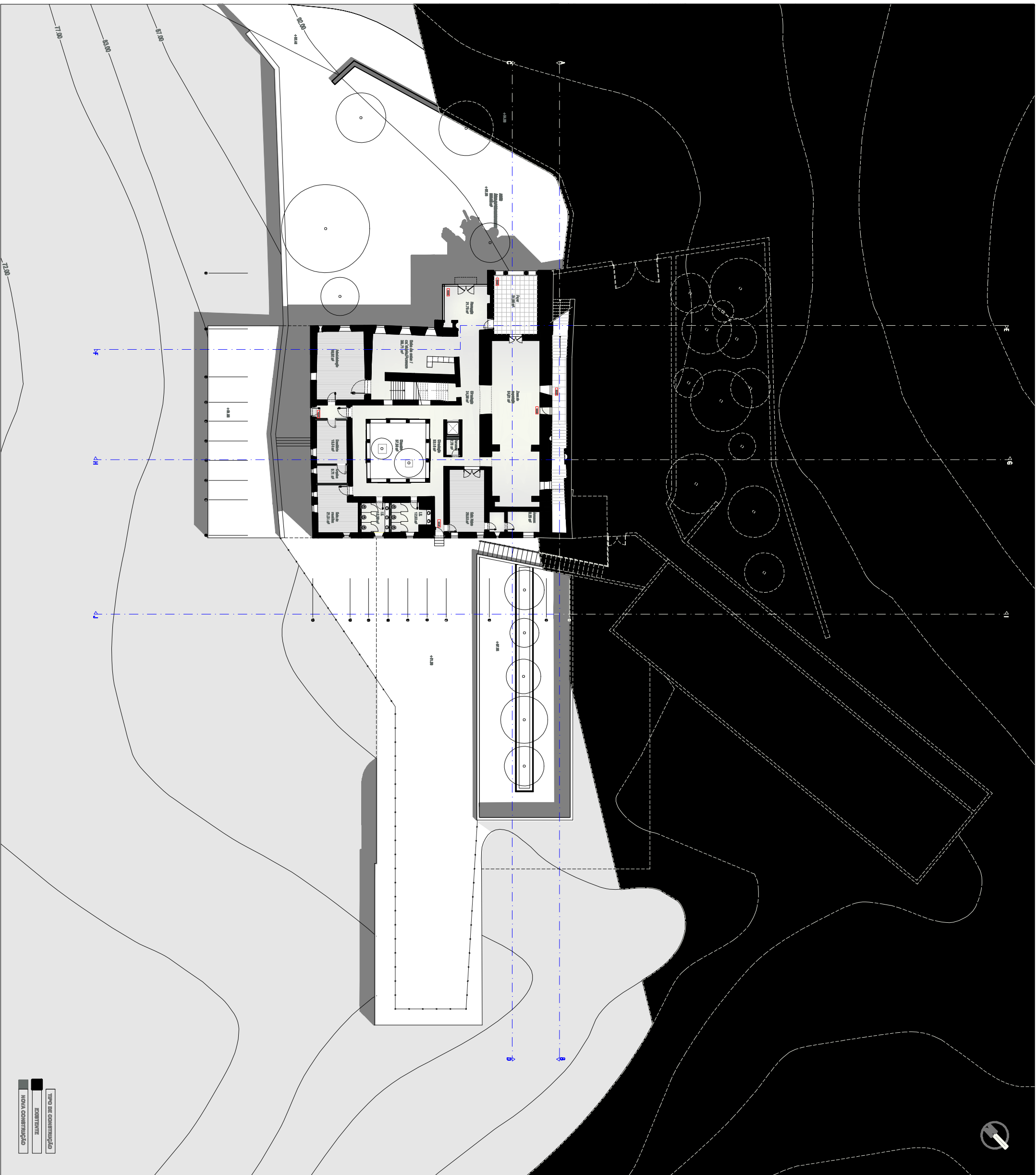
PROJECTAR COM O LUGAR:
REABILITAÇÃO DO CONVENTO DOS CAPUCHOS DE ALFERRARA, NA SERRA DA ARRÁBIDA
CENTRO DE INVESTIGAÇÃO E DIVULGAÇÃO DA SERRA DA ARRÁBIDA

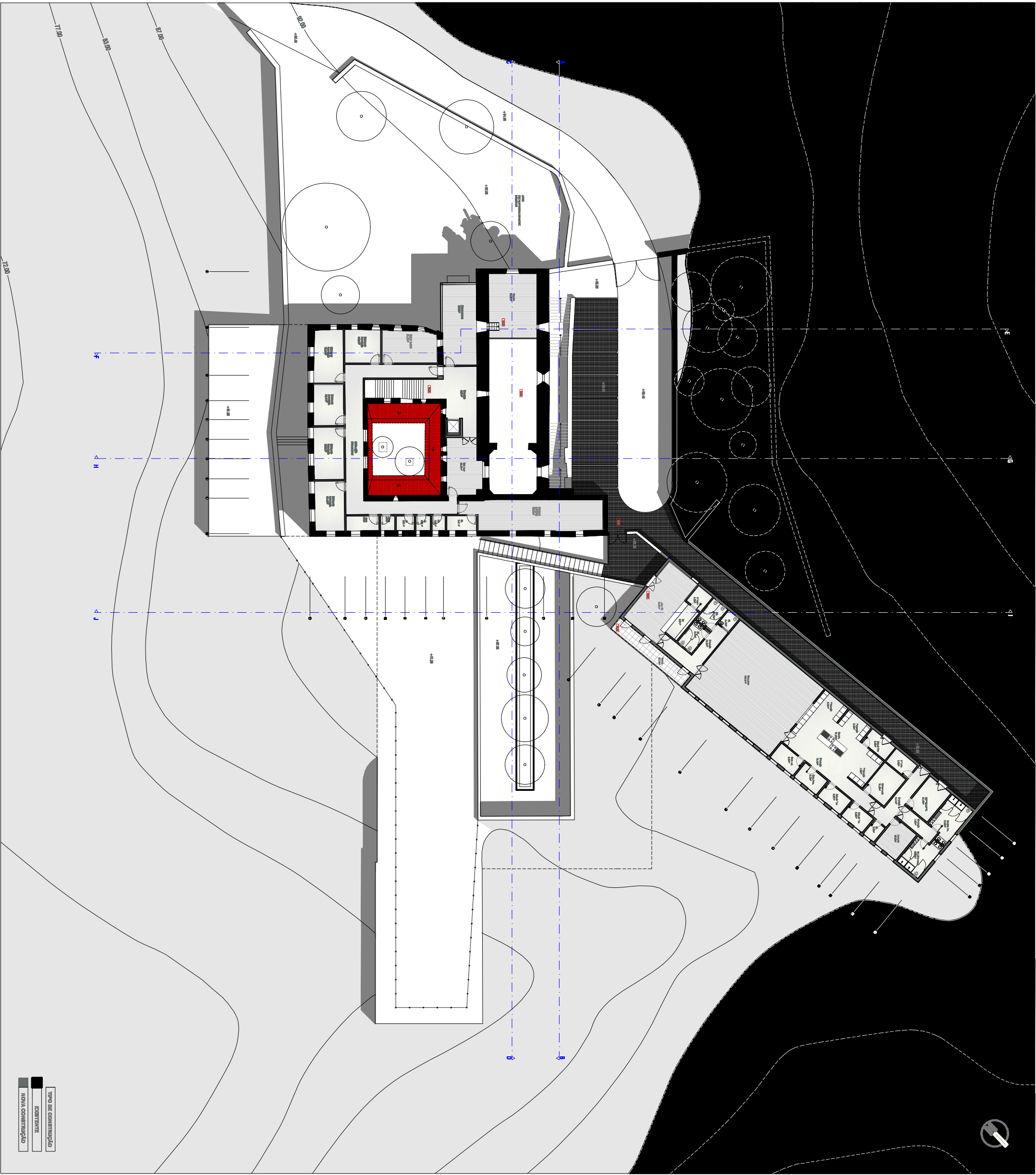
TEMATICA DO PAINEL:
PLANTA DE IMPLANTAÇÃO E ALÇADOS DO EXISTENTE
IMAGENS DO LOCAL E PONTOS DE VISTA

ESCALA:
VÁRIAS

DESENHO:
A. 0.5







| Tipo de Construção |
|--------------------|
| Existente |
| Nova Construção |



DATA: 15/05/2024
PROJETO: 15/05/2024

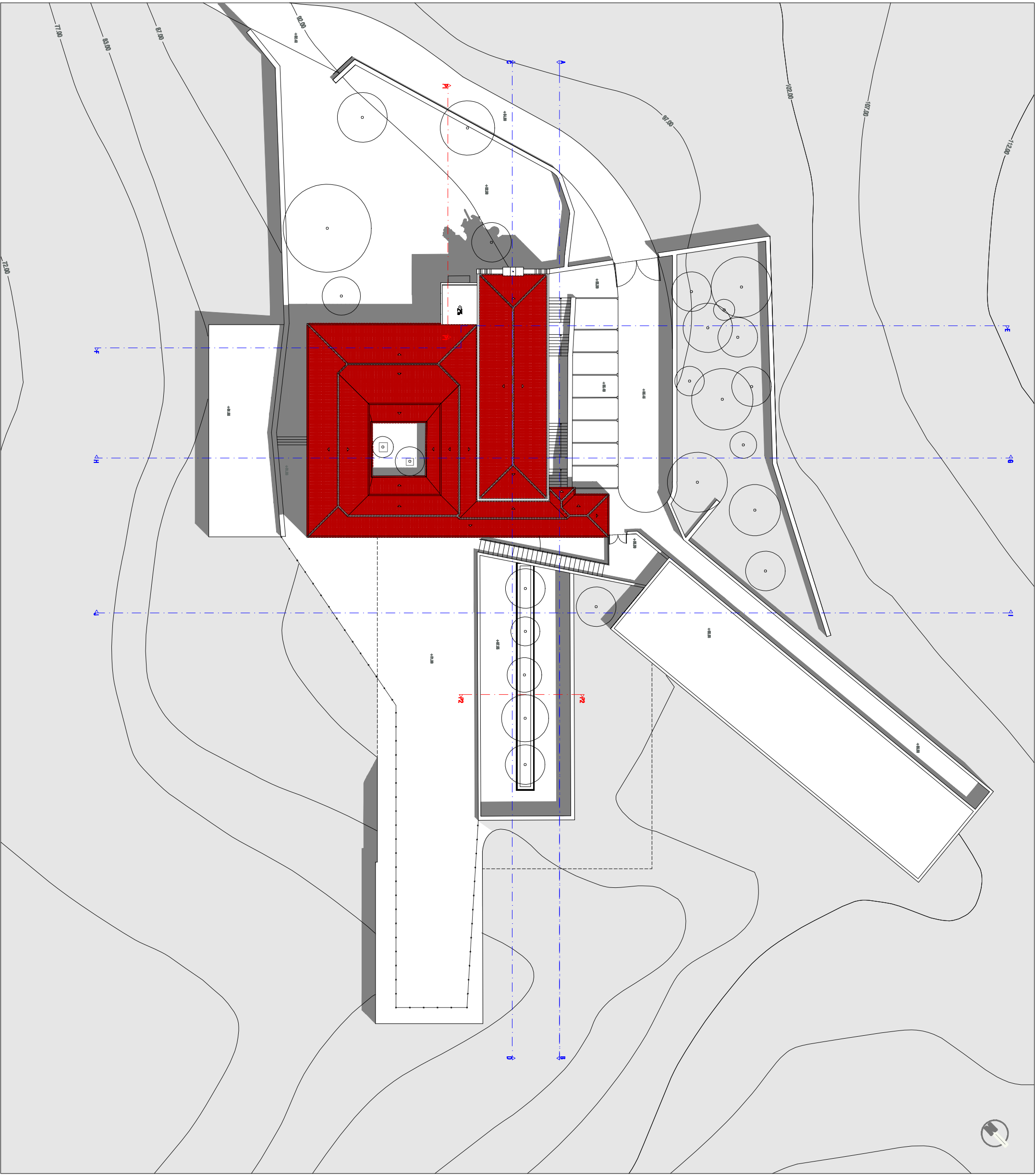
ORIENTADOR: Professor Doutor
MILTON DE FARIAS

PROJETO: 15/05/2024
CADERNO DE PROJETO E EXECUÇÃO DA OBRA DA ARQUITETURA

TÍTULO DO PROJETO:
PLANTA DO PISO 1

ESCALA:
1/100

DESENHO:
A.1.3



DAU PAREIRA QUARTO
PROFESSOR DE ARQUITETURA

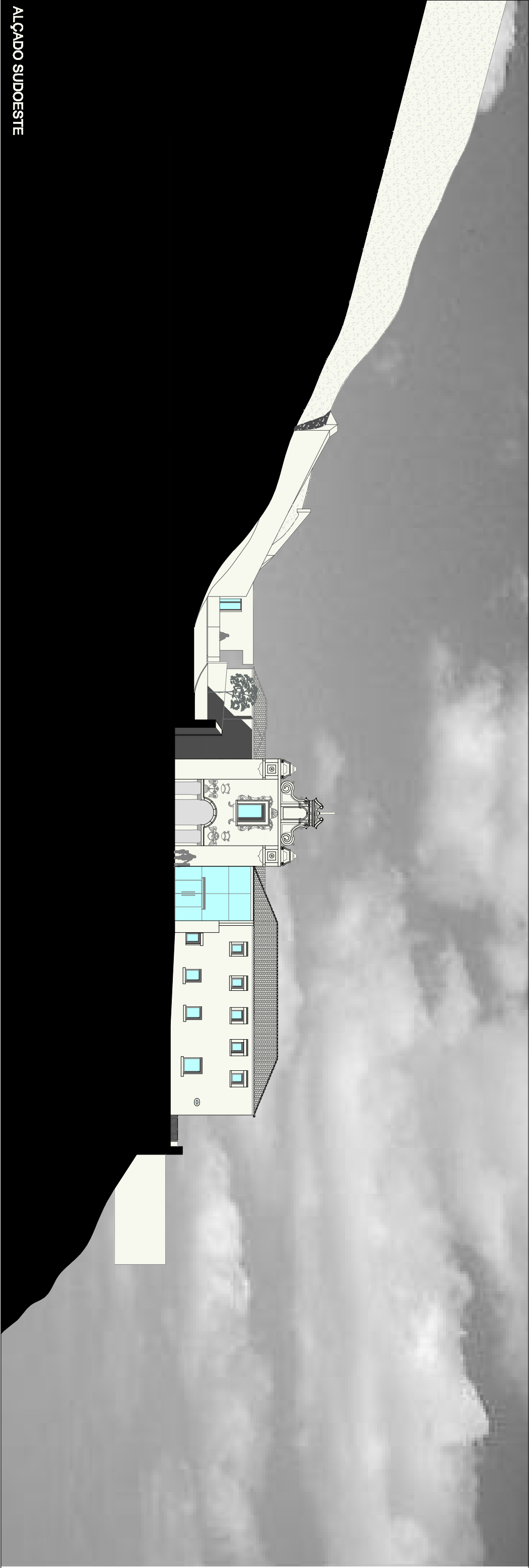
ORIENTADOR: Professor Doutor
MILTON DE FREITAS

PROJETO COM O LUGAR
CENTRO DE INVESTIGAÇÃO E INOVAÇÃO DA BARRA DA ARABIANIA

TRATADA DO PAISAGIO
PLANTA DA COBERTURA

ESCALA
1/100

ANEXO
A.1.4



ALÇADO SUDOESTE



ALÇADO SUDOESTE



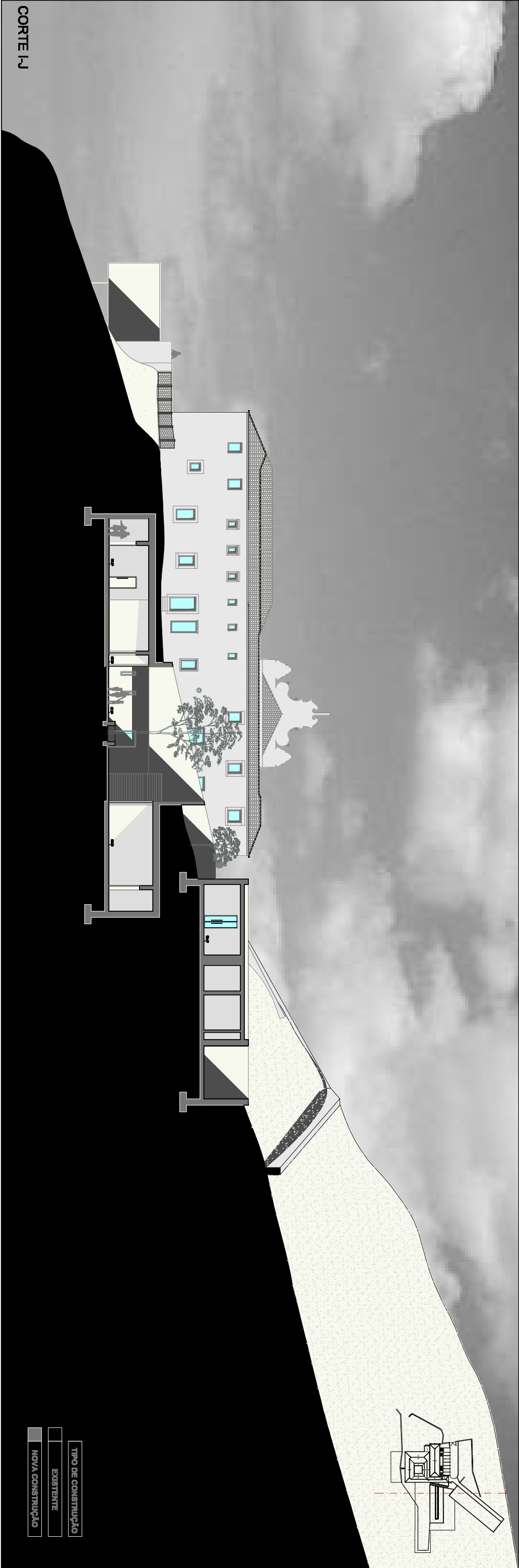
CORTE C-D



CORTE E-F



CORTE G-H



CORTE I-J

FACHADA CORTINA

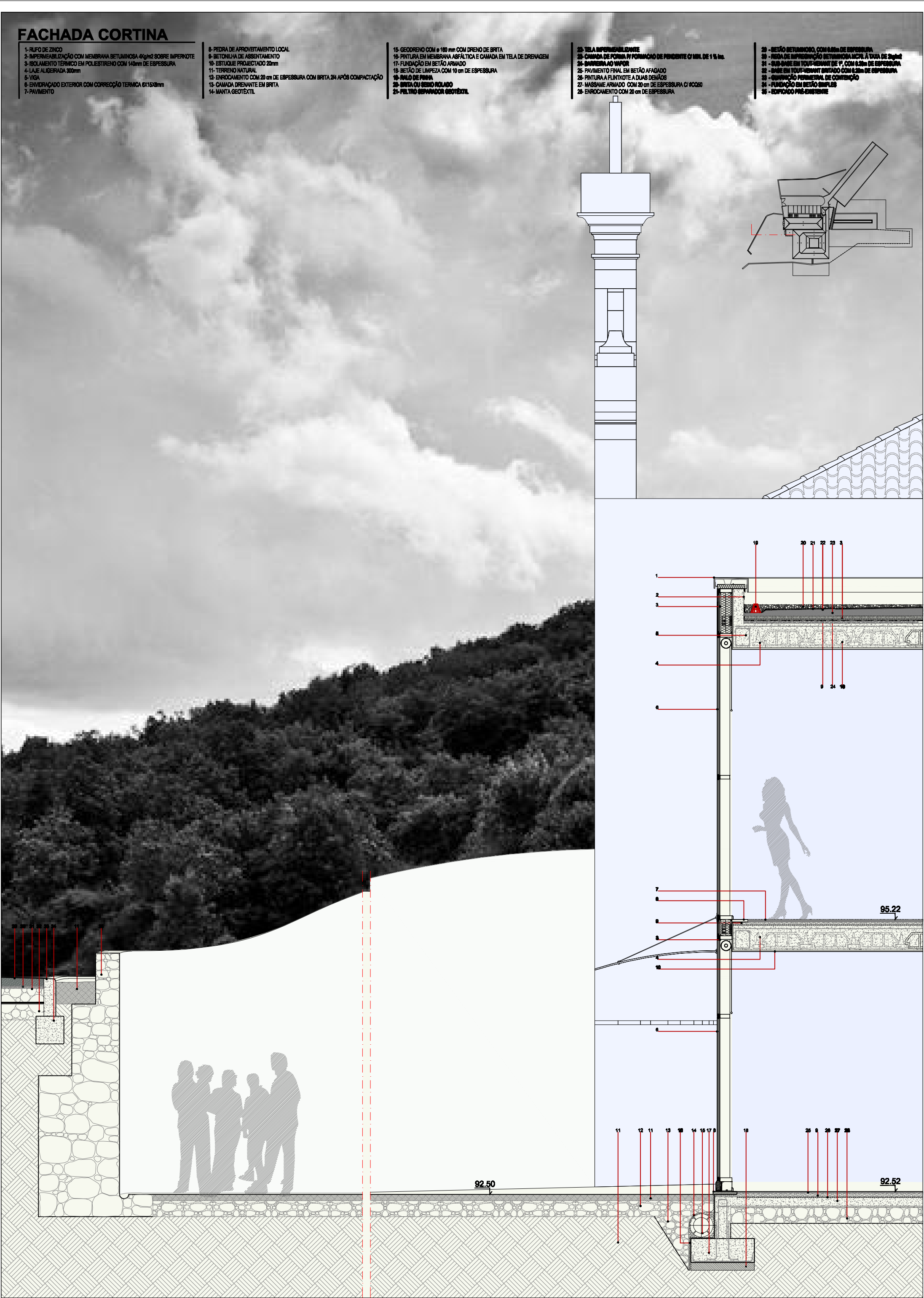
- 1- RUFO DE ZINCO
- 2- IMPERMEABILIZAÇÃO COM MEMBRANA BETUMINOSA 4q/m2 SOBRE IMPERKOTE
- 3- ISOLAMENTO TÉRMICO EM POLIESTIRENO COM 140mm DE ESPESSURA
- 4- LAJE ALIGEIRADA 300mm
- 5- VIGA
- 6- ENVIDRAÇADO EXTERIOR COM CORRECÇÃO TÉRMICA 6X15x2mm
- 7- PAVIMENTO

- 8- PEDRA DE APROVEITAMENTO LOCAL
- 9- BETONILHA DE ASSENTAMENTO
- 10- ESTUQUE PROJECTADO 20mm
- 11- TERRENO NATURAL
- 12- ENROCAMENTO COM 20 cm DE ESPESSURA COM BRITA 24 APÓS COMPACTAÇÃO
- 13- CAMADA DRENANTE EM BRITA
- 14- MANTA GEOTÉXIL

- 15- GEODRENO COM ø 100 mm COM DRENO DE BRITA
- 16- PINTURA EM MEMBRANA ASFÁLTICA E CAMADA EM TELA DE DRENAGEM
- 17- FUNDAÇÃO EM BETÃO ARMADO
- 18- BETÃO DE LIMPEZA COM 10 cm DE ESPESSURA
- 19- RALO DE PISINA
- 20- BRITA OU SÉDO ROLADO
- 21- FILTRO SEPARADOR GEOTÉXIL

- 22- TELA IMPERMEABILIZANTE
- 23- CAMADA DE FORMA P/ FORMAÇÃO DE PENDENTE C/ MML DE 1 % INCL
- 24- BARRERA AO VAPORE
- 25- PAVIMENTO FINAL EM BETÃO AFAGADO
- 26- PINTURA A FLINTKOTE A DUAS DEMÃOS
- 27- MASSAME ARMADO COM 20 cm DE ESPESSURA C/ #C60
- 28- ENROCAMENTO COM 20 cm DE ESPESSURA

- 29- BETÃO BETUMINOSO COM 6.00m DE ESPESSURA
- 30- REDE DE IMPERMEABILIZAÇÃO BETUMINOSA MCM, À TUA DE 2mm
- 31- SUB-BASE EM TOUT-VENANT DE 1° COM 6.20m DE ESPESSURA
- 32- BASE EM TOUT-VENANT BRITADO COM 6.20m DE ESPESSURA
- 33- GUARNIÇÃO PERIMETRAL DE CONTENÇÃO
- 34- FUNDAÇÃO EM BETÃO SIMPLES
- 35- EDIFÍCIO PRÉ-EXISTENTE



GABI PARREIRA GAMITO
Projecto Pirel de Maestros nº 7814

ORIENTADOR: Professor Doutor
AMÍLCAR GIL PIRES

PROJECTAR COM O LUGAR:
REABILITAÇÃO DO CONVENTO DOS CAPUCHOS DE ALFERRARA, NA SERRA DA ARRÁBIDA
CENTRO DE INVESTIGAÇÃO E DIVULGAÇÃO DA SERRA DA ARRÁBIDA

TEMATICA DO PAINEL:
FACHADA CORTINA (P1)

ESCALA:
1/20

DESENHO:
A. 2.0



